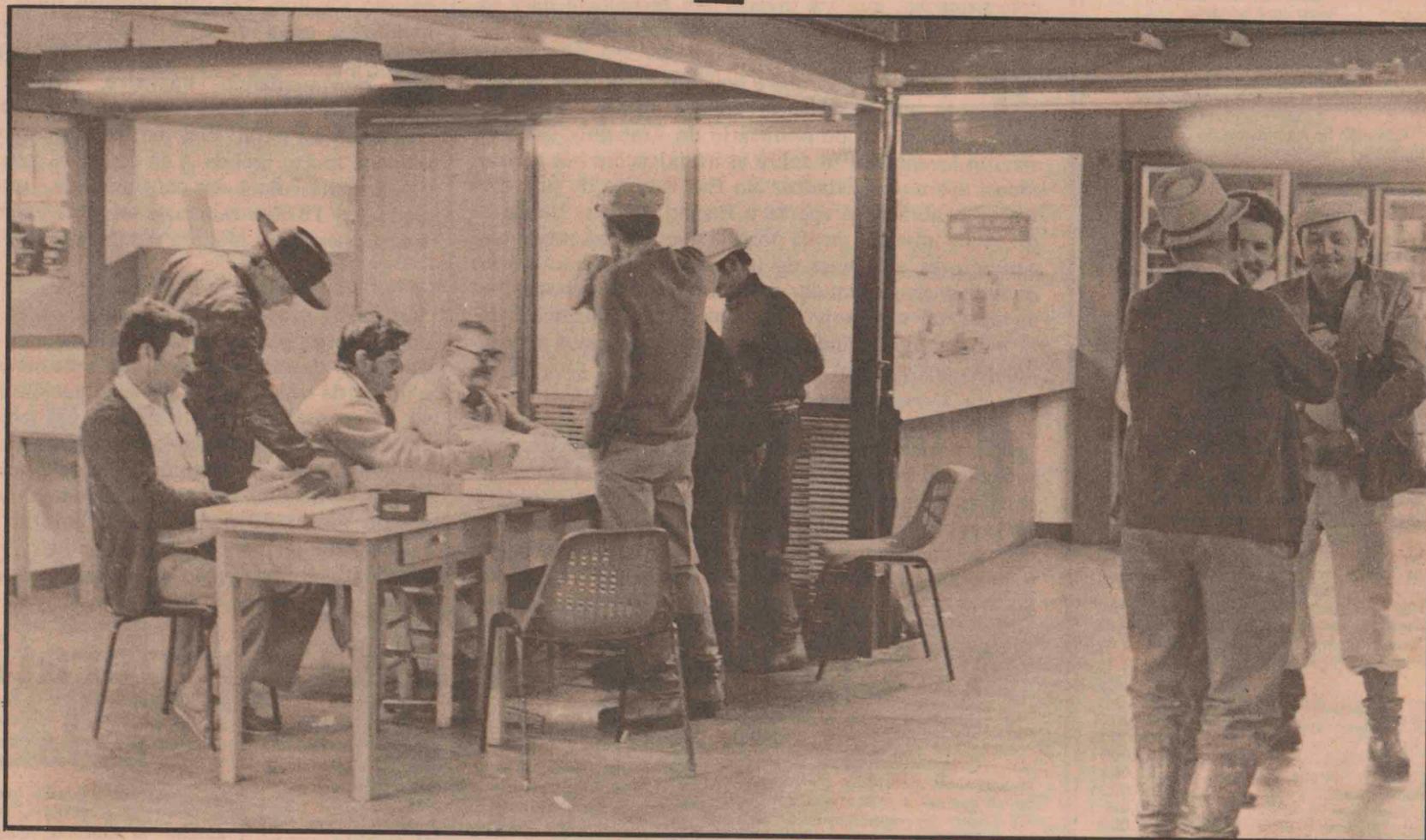




MUSEU

ELEIÇÕES



OS NOVOS REPRESENTANTES

Pelo voto, o produtor renovou 70 por cento do Conselho. Página 10 à 13

METAS

O que há dentro do novo pacote

O governo quer aumentar oferta de alimentos e a hora é de investir em produtividade

Páginas 4 à 7



Mais de 600 pessoas protestam contra as desapropriações em Cruz Alta

REFORMA AGRÁRIA

Ameaça de levante

Página 17

MÁQUINAS

Os custos, do preparo até a colheita

Com o congelamento dos preços, ficou mais fácil calcular despesas com as máquinas

Última página

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Valter José Pötter
Vice/MS:

Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Angelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielmaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Antenor José Vione, Antonio Cândido da Silva Netto e Valdeci Oli Martinelli.

Suplentes:
Valter Luís Driemeyer, Luiz Anildo Brum, da Costa e Flori José de Pelegrin.

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

CORRESPONDENTES

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Aumentar a produção de grãos a uma média de 6,3 por cento ao ano, para chegar em 1989 com uma safra de 71 milhões e 61 mil toneladas. Esta a meta que o governo começa a perseguir, com a sua nova política agrícola, que está armada em cima do tripé custeios-preços mínimos-comercialização. O governo quer alimentos para o mercado interno, e já começa a ver o produtor atendendo a este apelo, em que o que vale é ganhar em produtividade. No meio de entusiasmo que a nova política provoca, surgem também algumas preocupações. Não estará sendo iniciado agora, com novos investimentos na lavoura, mais um processo de seleção no meio rural? Afinal, não será o pequeno produtor, descapitalizado e ainda sem alternativas seguras para a diversificação, que irá investir em tecnologia para ganhar em rendimento na hora da colheita. Página 5 à 7.

Uma preocupação que o governo deveria ter há bastante tempo somente agora é notada. A Fundacentro, um órgão do Ministério do Trabalho, irá realizar um levantamento sobre as intoxicações por agrotóxicos, em cinco Estados. No Rio Grande do Sul, este trabalho abrangerá apenas a Região Pioneira da Cotrijuí, onde uma equipe da própria cooperativa submeterá agricultores a exames de laboratório. A Fundacentro quer com isso estimular programas de saúde nesta área e implantar um projeto permanente de vigilância sanitária, pensando principalmente em evitar casos de intoxicação por venenos. Página 14.

A reforma agrária deixou de ser simples ameaça para proprietários rurais da região, desde as desapropriações de seis áreas em Cruz Alta. E foi ali naquela cidade que sindicatos de empregadores rurais conseguiram reunir mais de 600 pessoas, para protestar contra a decisão do governo. A ameaça de levante — que chegou a incluir uma fracassada tentativa de boicote à Expointer — uniu médios produtores do Planalto Médio aos la-

tifundiários da região da Campanha. A Farsul, que comanda o choro contra a reforma, de repente ganhou novos aliados. Página 17.

Renovação de 70,78 por cento no Conselho de Representantes da Cotrijuí. Este é o resultado da eleição realizada no dia 22 de agosto. Esse percentual de renovação entre os representantes vem demonstrar o desejo do associado em participar, mais ativamente, do dia-a-dia da sua cooperativa. Dos 154 representantes eleitos, apenas 45 foram confirmados no cargo. Os demais, 109, são novos. A Regional que apresentou o maior índice de renovação foi a de Mato Grosso do Sul, com 83 por cento. A Pioneira renovou em 69,10 por cento e a de Dom Pedrito em 60 por cento. Nem mesmo a chuva que caiu durante todo o dia, atrapalhando de certa maneira o andamento da eleição, foi empecilho para que muitos associados fizessem campanha, movimentando, inclusive, "cabos eleitorais" e "santinhos". Trabalho para os novos representantes é o que não vai faltar. Eles têm pela frente uma responsabilidade muito grande: a de deixar os seus interesses individuais de lado e dar continuidade a um trabalho iniciado em 1979 e que hoje serve de exemplo para outras cooperativas. Matéria nas páginas 10, 11, 12 e 13.

Os novos Valores Básicos de Custeio para a safra 86/87 e os preços plurianuais para o feijão, arroz, milho, sorgo e mandioca, foram os assuntos que mais ganharam destaque no setor agrícola no final de agosto e início de setembro. O governo decidiu frear um pouco a expansão da cultura da soja nas regiões Sul e Sudeste, impondo limitações drásticas. Além do crédito ser menor para essas regiões, o médio só tem direito a 60 por cento do VBC para fazer sua lavoura de soja e o grande apenas 50 por cento. O governo também não vai permitir o financiamento de novas áreas de soja. A prioridade é a produção de alimentos. Matérias nas páginas 6 e 7.

A estabilidade de uma cooperativa

Hilnon Guilherme Corrêa Leite

Qualquer cooperativa é, simultaneamente, associação e empresa. É associação na medida em que reúne pessoas que, por livre e espontânea vontade, resolveram trabalhar juntas perseguindo objetivos comuns. É também empresa porque "representa a conjugação dos fatores de produção, trabalho, capital, administração, tecnologia e natureza..." E como tal exige a participação do associado na fiscalização e controle da organização, tendo como objetivo final a gestão democrática.

A participação do associado não deve ser apenas passiva, isto é, fazer uso dos serviços à sua disposição. É importante que seja ativa, contributiva, no sentido de poder influir no processo de tomada de decisões. Lamentavelmente o significado da participação, como o entendem atualmente as cúpulas dirigentes, não corresponde inteiramente à realidade; para elas, a participação se resume na entrega da produção pelos associados. Na nossa concepção, a participação é algo mais abrangente, não se exaure com a entrega da produção. Ela requer ainda que o associado se interesse pelas ocorrências havidas na cooperativa, que questione as medidas administrativas adotadas, que se sinta valorizado como parte integrante do corpo social.

Nesse sentido adquire importância fundamental o acesso à informação, requisito básico que possibilita a participação ativa e consciente do associado nos negócios da cooperativa. Na verdade, não é possível existir esse tipo de participação sem o conhecimento dos fatos, através da informação. Daí a importância dos órgãos de comunicação, cuja missão é alcançar o associado através de todos os meios possíveis.

Atualmente, a comunicação de um modo geral é incompleta e insuficiente. Incompleta porque é dirigida e não abarca todos os assuntos de interesse do quadro associativo, podendo inclusive ser desvirtuada face às interpretações pessoais dos comunicadores. Ela poderia ser dirigida, mas em outro sentido: no sentido de despertar o espírito crítico latente do associado, que só pode aflorar depois de conhecidos os fatos. Concluída essa etapa, ficaria menos difícil o despertar da consciência crítica do associado, a partir dos fatos, comparando ou induzindo.

A comunicação é insuficiente porque não atinge a todos os associados, ou pelo menos a maioria deles; basta comparar o número de associados existentes com os presentes às reuniões de núcleos ou nas mini-assembléias.

Para que a comunicação seja completa e suficiente, haveria necessidade de que os fatos ocorridos chegassem ao conhecimento de maioria dos associados através da informação escrita, a partir da publicação das atas (comentadas) de todas as reuniões havidas na cooperativa, desde que os assuntos tratados não envolvessem matéria de natureza comercial que pudesse prejudicar a cooperativa. Essa sugestão viria ao encontro do quadro social como um todo e teria grande repercussão porque:

- 1º - O universo de associados teria acesso à informação diretamente da fonte;
- 2º - ao par da informação não dirigida, seria despertado o espírito crítico de cada um;
- 3º - de posse desses conhecimentos, ficaria o associado:
 - a) capacitado a participar ativa e conscientemente em qualquer tipo de reunião (nos núcleos, com os Representantes, etc.), influenciando salutarmente no aperfeiçoamento da administração, na tomada de decisões, na busca da gestão democrática;
 - b) fortalecido para enfrentar os comentários desairosos contra a sua organização.
- 4º - seria uma prática inovadora, pioneira no cooperativismo, que viria acompanhar a abertura democrática que estamos usufruindo, ao mesmo tempo que mostraria a lisura administrativa dos dirigentes da cooperativa.

Após essas rápidas considerações sobre a necessidade da participação dos associados na vida de uma cooperativa, vejamos algo sobre a sua estabilidade.

A subsistência de uma cooperativa, a longo prazo, depende das seguintes condições (Rolf Eschenburg, citado por Walter Frantz - Cotrijornal de setembro de 1985, pag. 26):

- 1 - Produtividade, ou seja, o desempenho da organização como empresa, em regime de livre mercado é condição indispensável para a
- 2 - Eficiência, ou seja, o "proveito que a ação cooperativa deve ter para cada associado".
- 3 - Capacidade de equilíbrio e estabilidade, ou seja, o "cumprimento a longo pra-

zo, da condição de eficiência sob o aspecto da justiça, isto é, não deve haver "discriminação na distribuição dos benefícios".

"Mesmo que essas três condições básicas tenham sido cumpridas, pode parecer mais atraente às economias individuais não participarem da cooperação ou deixá-la", como por exemplo quando se permite "aos não participantes usufruírem das vantagens da cooperação".

"A cooperativa precisa oferecer uma atração, uma vantagem especial à economia individual associada, além do bem público. Essa vantagem pode ser oferecida em termos de prestação de serviços, exclusivamente para associados".

Porém, para a condição de estabilidade, conforme Walter Frantz, além dos aspectos econômicos, tomam importância também aspectos culturais, querendo referir-se à participação política dos pequenos produtores, no sentido da ação grupal sobrepor-se à ação individual, advindo daí seu poder de força.

Acrescentaríamos ainda o aspecto moral (ético) que deve regular as relações dos dirigentes eleitos com os associados da cooperativa. Deve haver reciprocidade entre a situação financeira de uma cooperativa e da maioria de seus associados, de um modo, e o comportamento dos dirigentes (privilégios, remunerações, empreguismo, etc.), de outro. Caso não houver, a condição de estabilidade fica prejudicada.

Quantas cooperativas poderiam ser enquadradas nas condições atrás mencionadas?



Hilnon Corrêa Leite é produtor e agrônomo, eleito para o conselho de representantes da Cotrijuí pela unidade de Augusto Pestana

REPRESENTANTES

Disputa no palmo a palmo

A eleição dos representantes, este ano, na Cotrijuí, teve um componente típico da democracia: a campanha dos candidatos. Pela primeira vez, depois de três eleições, muitos produtores que disputavam as 154 vagas assumiram claramente a condição de aspirantes ao "legislativo" da Cooperativa. Foi assim que alguns representantes, antes eleitos pela vizinhança, perderam o trem e foram atropelados pelo novo ritmo da disputa. Não foram poucos os que ficaram para trás nessa corrida, e — depois de duas legislaturas — tiveram que ceder suas cadeiras a concorrentes mais entusiasmados com a eleição. Houve até candidatos que foram conferir o eleitorado na boca da urna, depois de várias semanas de visitas e conversas ao pé-do-ouvido. Por isso, fica fácil entender a renovação de 70 por cento do quadro de representantes. Este e outros aspectos da eleição deste ano serão abordados em reportagem na próxima edição do Cotrijournal.

"Nova" opção: a folha da beterraba

O ex-secretário da Agricultura do Estado, Edgar Iório Simm, defendeu uma tese no mínimo surpreendente, durante o VI Seminário do Sistema Fecotrijo, realizado nos dias 12 e 13 de agosto em Cruz Alta. Simm, convidado a falar sobre a proposta de mudança da matriz produtiva, sugeriu que uma das saídas para que a população coma mais é mudar o hábito alimentar dos brasileiros. Segundo ele, o povo não sabe, por exemplo, que a folha da beterraba é um excelente alimento. Muita gente trocou olhares, ao ouvir a sugestão, não por duvidar das qualidades do tal alimento, que — dizem — pode ser preparado à milanesa. A surpresa estava no fato de que Simm havia abordado, pouco antes, a necessidade do produtor contar com um mercado interno forte e remunerador. Ele duvidou, entre outras coisas, que o país seja capaz de absorver uma maior produção de milho, prevendo que um aumento na safra implicará em preços menores ao agricultor. O que ninguém entendeu é como o consumo da folha da beterraba poderá implicar em melhor remuneração a quem produz. Ou o produtor, diante de mercado tão promissor, venderá a beterraba separada da folha, cobrando por esta um preço à parte? Dentro do mesmo raciocínio, seria o caso de se pensar na viabilização da produção de milho com a venda da palha.



Cooperativas: a saída da crise

O cooperativismo frequentou as páginas da chamada grande imprensa, nos últimos anos, com boa frequência. Mas as cooperativas eram notícia muito mais pelo que vinham revelando de negativo, e foi assim que — muitas vezes incentivados por outros interesses — os jornais abriram grandes espaços aos desmandos administrativos e a quebra de entidades do sistema, como se isso fosse um mal generalizado. Mas há exceções, e um bom exemplo disso é o editorial que o jornal "O Globo", do Rio, publicou em sua edição de 26 de agosto. "O Globo", que é um dos diários de maior circulação do país, faz a defesa do cooperativismo, no texto que tem o título acima e que reproduzimos na íntegra, principalmente porque destaca a atuação da Cotrijuí:

"A séria crise que se abateu sobre o cooperativismo brasileiro nos últimos anos, especialmente no Rio Grande do Sul, lançou pesadas nuvens sobre a credibilidade de um sistema que, apesar dos pesares, vem ganhando mais importância econômica e política. Responsável por 95,7 por cento da produção de trigo; 49,8 por cento da de soja; 45,6 por cento da de leite in natura e 31,4 por cento da de algodão, as cerca de 1.200 cooperativas de produção agropecuária atualmente existentes abrigam quase um milhão e meio de associados. A fim de fugir às armadilhas do mercado, os produtores estão sendo convencidos a voltar ao velho e eficiente esquema colonial. Em vez de plantar somente um

produto, eles buscam a auto-suficiência; ao lado da lavoura de soja, lavouras de milho, arroz, feijão, batata e mandioca, um pequeno rebanho de vacas leiteiras, e um pequeno plantel de suínos e galinhas.

No Rio Grande do Sul, onde a crise vivida pelo setor foi mais dramática, os 230 mil associados das cooperativas estão lançando as bases de um novo cooperativismo. Cansados da incompetência e dos desmandos de um bom número de seus dirigentes, que usavam e abusavam de seus poderes e se perpetuavam em seus cargos, as cooperativas gaúchas estão comandando um processo radical de transformação. Preocupadas com o que classificam de excessiva mentalidade urbano-industrial que sempre presidiu as grandes decisões do governo há pelo menos 30 anos, as cooperativas acreditam que os graves problemas de abastecimento que estão afligindo as populações das grandes cidades acabarão sendo benéficos para elas. Soma-se aos problemas de abastecimento a radicalização do discurso político rural em diversas regiões do País, especialmente de São Paulo para cima, e que, graças ao modelo participativo que vigora nas cooperativas, tornam-se imunes às investidas radicalizantes. As cooperativas gaúchas estão se organizando democrática e agilmente para enviar o maior número possível de representantes para a Constituinte. Sem leilões de gado, em cima sobretudo do debate franco e aberto entre os membros das cooperativas e candidatos.

Atualmente estão sendo promovidos pela Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul encontros regionais para discutir a participação do setor na Constituinte e sabatinar candidatos que se disponham a defender as teses cooperativistas. Com este tipo de atuação, dirigentes de cooperativas esperam montar um sólido grupo de pressão parlamentar que dará às cooperativas um peso político que nunca tiveram e que corresponda à sua importância econômica. No Rio Grande do Sul, a Cotrijuí, maior cooperativa de produção agropecuária da América Latina, está na vanguarda destas transformações. A fim de evitar que os dirigentes se perpetuem em seus cargos, a Cotrijuí criou um Conselho de Representantes, que tem poderes legislativos, fiscaliza a atuação da diretoria e pode, entre outras coisas, admitir e desligar associados. No último final de semana, os 23 mil associados da Cotrijuí elegeram seus representantes para o Conselho da Cooperativa. O processo de democratização que está acontecendo nas cooperativas gaúchas vale também para a grande maioria das cooperativas da região Sul, além de ser um modelo bem acabado de organização social, válido para inúmeros setores da sociedade brasileira. Não é à-toa que a Frente Ampla da Agropecuária, que pretende ampliar o diálogo e evitar o confronto entre as classes produtoras e o Governo, tenha nascido justamente de uma proposta da Organização das Cooperativas Brasileiras".



Fensterseifer (centro) veio anunciar normas para pagamento do trigo

Compra parcelada

As mudanças ocorridas na comercialização do trigo foi um dos assuntos que trouxe a Ijuí o coordenador do Ctrin — Departamento Nacional de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil —, Nilo Fensterseifer para debater a questão com técnicos, dirigentes de cooperativas e de agências do Banco do Brasil da região. O outro assunto dizia respeito aos problemas de recebimento e armazenagem do produto. A partir desta safra o governo está lançando novas normas, pedindo mais rigor nesse sentido. Mas o assunto que ganhou a tarde foi realmente a compra de trigo a prazo. Essa mudança na comercialização do trigo aconteceu por duas razões: encaixe baixo de dinheiro e preços de aquisição do produto bastante compensadores. Para não ter que reduzir o preço do trigo, o governo preferiu dividi-lo em 5 parcelas e jogá-lo no tempo. A compra da produção dessa safra, estimada em 6,2 milhões de toneladas, acarretará uma despesa ao governo de Cz\$ 20 bilhões. Como essa medida pegou os produtores de surpresa e com suas contas programadas para serem pagas tão logo a colheita seja feita, a exemplo do que ocorria em anos anteriores, o coordenador do Ctrin pediu às cooperativas colaboração na minimização dos problemas junto aos produtores. "A bem de sustentar esse preço, disse Fensterseifer, o governo foi obrigado a

alterar as regras de aquisição do produto." As operações de aquisição do trigo iniciaram no dia 1º de setembro. O mini e o pequeno produtor vão receber à vista o valor total da sua produção entregue, diretamente ou através de suas cooperativas. Também será considerado pagamento à vista a transação entre médios e grandes produtores, na qual irão receber 20 por cento do valor da produção ou a quitação total do custeio do trigo e da triticação. Também entram nos débitos as parcelas de investimentos, vencidas ou por vencer no presente exercício, e que serão liquidadas simultaneamente na hora da liberação dos recursos. A importância que exceder — para os médios e grandes —, o limite do custeio e investimento em 20 por cento, será considerado venda a prazo e distribuídas em quatro parcelas iguais, pagáveis em 30, 60, 90 e 120 dias, contados a partir da data de operação. No caso do produtor entregar a sua produção em cooperativas, a Nota Promissória sairá em nome da sua Cooperativa. A Nota Promissória, emitida pelo Banco do Brasil será representativa a cada parcela a ser paga a prazo. A Cooperativa poderá negociar esse título em qualquer instituição financeira, desde que ela arque com as despesas bancárias, mas o pagamento será feito na agência emitente da Nota Promissória.

Cotrijuí em 20º lugar

A Cotrijuí continua aparecendo em posição de destaque no chamado "ranking" das maiores empresas nacionais. É preciso lembrar que nos últimos dez anos, desde que os órgãos especializados da imprensa econômica do centro do país começaram a analisar o comportamento estrutural e de crescimento das empresas, a Cotrijuí se mantém em posição de relevo. Agora, segundo o Balanço Anual/1986, da Gazeta Mercantil, revista de análise do comportamento geral da economia brasileira, em seu décimo ano de circulação, a Cotrijuí permanece com boa projeção. A Cooperativa está em 20º lugar entre as 100 maiores empresas privadas do país; em 6º lugar entre todas as organizações empresariais dos três Estados do Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina); em 5º lugar entre as cooperativas brasileiras (entre as quais três centrais) e em 3º lugar em patrimônio líquido real entre as empresas agropecuárias do país. Segundo declarações do seu presidente, economista Oswaldo Meotti, "embora os produtos de sua atividade agropecuária tenham apresentado um crescimento negativo de 20,9 por cento em relação ao ano anterior, mesmo assim a Cooperativa se manteve bem posicionada. Teve uma receita de aproximadamente dois trilhões de cruzeiros (padrão monetário da época, 31 de dezembro), ao contrário de outras co-irmãs ainda classificadas no comparativo da Gazeta Mercantil, porém muito distantes do potencial revelado pela Cotrijuí.



Desafio: a nova safra

Custeios e preços mínimos dão prioridade à produção para o mercado interno

O Brasil terá que colher, na safra 86/87, algo ao redor de 60 milhões de toneladas de grãos, para que se inicie o cumprimento do Plano de Metas do governo para a agricultura. Este será o primeiro desafio da nova política agrícola, lançada dia 14 de agosto pelo presidente José Sarney, e que dá prioridade à produção de alimentos para o mercado interno. O governo quer que, até 1989, o país colha 71,6 milhões de toneladas, num aumento de 27,7 por cento em relação à safra recorde de 1985, que foi de 55,1 milhões de toneladas.

As metas podem ser pretenciosas, se se considerar que o Brasil vem há vários anos, com uma produção estagnada de grãos ao redor de 50 milhões de toneladas. Mas as autoridades da área econômica estão certas de que isso será possível, e contam com um esquema montado sobre um tripé: os preços mínimos, o crédito (para custeios e investimentos) e a comercialização. Para que o plano dê certo, foi criado Fundo de Desenvolvimento (FDR), que contará, entre outros, com recursos da nova caderneta de poupança rural, que captará dinheiro para aplicação no setor primário.

PLURIANUAL

Toda a prioridade é dada ao aumento das safras de arroz, feijão e milho, que passam a contar com os maiores recursos para custeio e preços mínimos especiais (veja nas páginas seguintes). Para essas culturas, o preço mínimo é plurianual, com correções anuais baseadas no IPP (Preços Pagos pelo Produtor), ou seja, nas variações dos preços dos insumos. Somente para a próxima safra o governo pretende destinar 89 bilhões de cruzados em custeio e investimentos aos agricultores.

As medidas adotadas pelo governo incluem, em sua maioria, instrumentos de política agrícola que há bastante tempo vinham sendo reclamadas pelas lideranças dos produtores. "Finalmente, temos uma política que atende aos apelos dos agricultores e privilegia o mercado interno", disse o presidente da Fecotriço, Jarbas Pires Machado, logo após o anúncio do Plano de Metas. As principais decisões do governo podem ser assim resumidas:

- **Custeios:** O governo pretende aplicar, na próxima safra de verão, recursos de 30 por cento superiores aos da safra passada. O crédito para custeio será de 100 por cento para pequenos e médios produtores que plantarem feijão, milho, arroz e mandioca, e de 80 por cento para os grandes. Os minis e pequenos produtores também receberão 100 por cento do VBC para qualquer outra cultura.

- **Preços mínimos:** As culturas para mercado interno arroz, milho, sorgo, mandioca e feijão terão preços mínimos plurianuais. Estes serão corrigidos a cada ano de acordo com o já citado IPP, na base de 80 por cento da variação deste índice. Toda vez que o aumento do índice for de 20 por cento, o aumento será automático e integral. Os demais produtos de exportação terão preços corrigidos de acordo com as oscilações da cotação do mercado internacional.

- **Estoques:** o governo acha que

A SAFRA DE 85 E A META ATÉ 89			
GRÃOS	1985	1989	Aumento
Arroz	9.019	11.819	2.800
Feijão	2.548	3.127	580
Milho	22.017	28.817	6.800
Soja	18.278	21.878	3.600
Trigo	4.247	5.997	1.750
Totais	56.109	71.639	15.530

* produção em mil toneladas



O pequeno produtor irá receber custeio integral para formação de todas as lavouras

poderá corrigir antigas falhas na formação de estoques. Estes deverão ser formados, de preferência, quando do pique das safras, para que não ocorram problemas de abastecimento.

- **Armazenagem:** Até 1989, a intenção é de fazer com que a capacidade estática de armazenagem do país cresça 27 por cento, com um acréscimo de 15 milhões de toneladas. Em várias regiões, a armazenagem é um sério obstáculo ao aumento da produção.

- **Irrigação:** Serão destinados recursos especiais para aumento da área irrigada no país, num total de 62 bilhões de cruzados. Até 1989 o objetivo é de irrigar mais 2 milhões de hectares no país.

- **Caderneta verde:** O Banco do Brasil passa a ter uma caderneta para captação de recursos que serão destinados ao setor primário. Esta nova caderneta não está ainda regulamentada, mas já se sabe que irá funcionar nos mesmos moldes da já existente para o setor imobiliário, com a mesma remuneração.

- **Fundo de Desenvolvimento Rural:** Vai administrar os recursos destinados à agricultura. O ministro Dilson Funaro, da Fazenda, justificou a criação do Fundo dizendo que, até agora, o governo nunca sabia de onde tirar dinheiro para a agricultura. O Fundo terá verbas do retorno dos investimentos feitos no ano passado e neste ano e dos saldos das vendas dos produtos importados. Depois, passará a contar também com o dinheiro da poupança rural.

ESTUDOS

Ficaram fora do Plano de Metas o Proagro e a pecuária, mas já foram formadas duas comissões para tratar do novo seguro agrícola e de uma política para a pecuária de corte. Também ficou faltando um plano de abastecimento, já que — segundo o próprio governo e especialistas da área — qualquer programa, que vise aumento da produção, pode enfrentar estrangulamentos no momento da distribuição dos alimentos. Este é outro assunto a ser analisado em Brasília.

Apesar das primeiras manifestações terem sido favoráveis ao Plano de Metas, já existem críticas à prática do governo. Isto

porque, como intenção, as decisões do governo podem ter sido corretas, mas esbararam em problemas imediatos, como a falta de recursos para custeio das lavouras de verão, denunciada no início de setembro. Na abertura da IX Expointer, dia 4 de setembro, em Esteio, o presidente da Farsul, Ari Marimon, lembrou que o governo também vem criando obstáculos para comercialização da safra de arroz.

Segundo ele, 60 por cento da safra estão retidos, por falta de mercado, enquanto o governo importa 1,2 milhão de toneladas do produto. Marimon também criticou os preços mínimos, fixados para a próxima safra, por não estarem de acordo com a realidade dos custos. Outra crítica: além de serem insuficientes para custear as próximas lavouras de verão, os recursos não haviam aparecido nas agências do Banco do Brasil até o dia 4 de setembro.

DESABAFOS

O ministro Íris Rezende, que veio ao Estado para inaugurar a Expointer, representando o presidente Sarney, tentou explicar as importações e garantiu que estas são meramente emergenciais, ou seja, para garantir o abastecimento interno num momento crítico. Rezende também tentou justificar por que o governo não incluiu a pecuária no Plano de Metas, dizendo que a política para o setor depende de maiores estudos que já estão sendo realizados.

O ministro veio ao Estado num momento em que o governo leva chumbo grosso dos pecuaristas. Primeiro, por causa das desapropriações no Estado, e segundo porque o setor foi ignorado quando da definição do Plano de Metas para a produção. Tanto que o presidente Sarney foi recomendado a ficar em Brasília, para não ouvir desabafos durante a Expointer.

O empresário: entusiasmado

A frota de 14 caminhões da empresa Agropema, de Santo Augusto, não tem parado nos últimos meses. A Agropema vende calcário, e já comercializou este ano 100 mil toneladas do produto.



Darci: produtividade

um volume 300 por cento superior ao do movimento no mesmo período do ano passado, segundo seu proprietário, Darci Manjabosco. "O produtor está investindo em produtividade", diz ele, que espera vender mais 100 mil toneladas até o final do ano.

Darci, que também é proprietário de 250 hectares em Esquina Mendonça, no município de Coronel Bicaco, admite que os maiores compradores de calcário são os médios e grandes produtores. É ele quem diz: "A saída é diversificar e ganhar em

produtividade, mesmo que seja difícil sair logo do trigo e da soja". Segundo o empresário, "a maioria ainda vai continuar com a soja", mesmo porque, se optasse pelo milho, o primeiro problema pela frente seria a falta de semente, e depois surgiriam as deficiências de armazenagem.

Como produtor, Darci está apostando no milho, mas sem aumentar a área de plantio. Mantém os 30 hectares do ano passado, com a diferença de que pretende ganhar em rendimento na lavoura. Para isso, comprou um equipamento para irrigação, um pivô central com mais de 300 metros de canos sobre rodas, que gira em torno de um eixo e é capaz de garantir o abastecimento de água para os 30 hectares. Darci, que gastou 600 mil cruzados com o equipamento, quer colher de 9 a 10 mil sacas de milho, que serão destinadas apenas à criação de suínos, hoje com 1.300 animais. A lavoura de soja, que era de 180 hectares, cai para 100, dando lugar a áreas com sorgo e milho.

Milho: área ampliada na Pioneira

O Departamento Agrotécnico da Cotrijuf contava, até o início de setembro, apenas com informações sobre intenções de plantio na Região Pioneira. Essas estimativas ainda dependerão de dados complementares, para que sejam confirmados ou não os números apurados até então. O tecnólogo Luís Juliani, que levantou as informações, constata que — a exemplo do que já ocorreu no ano passado — cai a área de soja, e cresce a lavoura de milho na Pioneira.

A área para o milho ficaria, de acordo com essas estimativas preliminares, com 71.550 hectares, contra os 63.710 do ano passado, num aumento de 12 por cento. A soja tem sua área reduzida de 296 mil para 288 mil hectares, num percentual de 2,7 por cento. A lavoura de arroz, sem maior expressão na Pioneira, salta dos 1.580 hectares de 85 para 2.100 hectares este ano, sendo ampliada em 33 por cento. Deverão crescer também as áreas destinadas ao feijão e ao sorgo, mas não existiam, até o início de setembro, estimativas para essas culturas.

O diretor de Comercialização e Operações da Pioneira, agrônomo Clóvis Rorato de Jesus, observa que o novo momento para a agricultura, em que se aposta no mercado interno, com ganhos em produtividade, é de fato um desafio. Ele concorda com a socióloga Elza Falkembach (veja no quadro abaixo), de que pode ser iniciado um novo processo de seleção no meio rural. Mas a Cotrijuf — ressalta Clóvis — entende que com diversificação e integração de atividades, o pequeno produtor poderá resistir. Segundo ele, o pequeno deve contar, a partir de agora, com rendas variadas e mais estáveis, e assim pode surgir inclusive um novo modelo de pequena propriedade na região, com a maior utilização da mão-de-obra familiar e sem o uso de tecnologia sofisticada.

A lavoura de cada um

Na hora de investir é que se acentuam os contrastes na região

Cada produtor vai se adequar a seu modo, com o que tem ou pode, à nova situação. E na hora em que o desafio é ganhar em produtividade, as diferenças entre um e outro não podem ser ignoradas. É o caso, por exemplo, do milho irrigado, que não enfrentará a seca, na lavoura de 30 hectares de Darci Manjabosco, em Coronel Bicaco, e do milho híbrido de segunda safra, que talvez fique até sem cobertura de uréia, nos 12 hectares de Ireneo Lauer, na localidade de Pinhal, em Ajuricaba.

Darci, proprietário de 250 hectares (veja no quadro da página ao lado), aposta tanto no milho que comprou um equipamento de irrigação por 600 mil cruzados. Ele quer garantir alimentação para uma criação de suínos, hoje com 1.300 animais. Darci mantém 130 criadeiras, e ampliou o plantel para 200, depois do Plano Cruzado, convencido de que são poucas as atividades que prometem assegurar tanto dinheiro quanto a suinocultura. Na lavoura de milho, ele espera ampliar a produtividade de 65 sacos para 150 sacos por hectare, graças à irrigação.

MONOCULTURA

Em Pinhal, a situação de Ireneo Lauer, proprietário de 12,5 hectares, é bem diferente. Nos 12 hectares de lavoura, até o ano passado ele plantava apenas soja, na safra de verão. Este ano, ocupou os 12 hectares somente com milho, mas não porque estivesse certo de que esta seria a safra que lhe garantiria uma maior renda. Acontece que a área já provocou a frustração de duas safras de soja. "Na última, colhi apenas 190 sacas", conta Ireneo, explicando que a lavoura foi tomada por manchas. As ratzes da soja vinham apodrecendo, atacadas por nematóides.

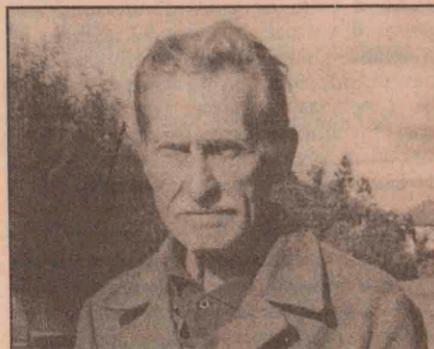
O saldo da destruição causada pela monocultura se estende à lavoura de inverno, pois Ireneo já não consegue tam-



Pivô central para irrigar o milho, em Coronel Bicaco: um equipamento que...

bém colher trigo nos 12 hectares. "Seca o pé, e o trigo também adoce", conta o produtor, que há dois anos decidiu não arriscar mais e deixou a terra nua no inverno. Agora, com o milho, ele tenta escapar de tantos problemas, mas reconhece que sua lavoura, já plantada, não conta com a tecnologia moderna. Tanto que a semente, que comprou de outro produtor, é de híbrido de segunda safra. O investimento mesmo foi na aplicação de 13 sacos de adubo, que lhe custaram em torno de 2 mil e 600 cruzados.

A lavoura foi formada por conta, porque há cinco anos Ireneo deixou de lidar com o Banco do Brasil. "Ainda tenho ficha no banco, mas desisti dos financiamentos por causa dos juros. A gente pegava 10 mil e tinha que devolver 40 mil". Ele cuida apenas da lavoura, pois não tem outra ati-



... Ireneo Lauer nem sonha comprar

vidade na propriedade, e torce agora para que o milho não enfrente uma seca. Sobre o Plano Cruzado, esta é sua opinião: "Pra mim foi bom. Não tem mais aquela inflação, aquele desastre".

No MS, queixas aos limites do custeio

A divulgação, em agosto, dos novos preços mínimos e dos valores básicos de custeio para a próxima safra de verão não agradou aos produtores de Mato Grosso do Sul. Eles esperavam que as medidas anunciadas pelo Governo desse maior tranqüili-

dade ao setor, mas muitos afirmam estarem agora muito mais indecisos sobre o que plantar do que antes do plano de metas.

O novo VBC da soja, por exemplo, tem um valor mais elevado para o Centro-Oeste que para a região Sul. Os produtores

alegam, entretanto, que em função dos limites, de 60 por cento para os médios e de 50 por cento para os grandes, não terão recursos para formar uma boa lavoura, justamente agora quando a produtividade é um fator essencial para garantir a permanência do produtor na atividade.

Giuliano Cuel, associado da cooperativa em Rio Brilhante, diz ser este o principal fator para o baixo rendimento das lavouras brasileira, ou seja, por serem mal feitas. Argumenta ainda que o produtor tem consciência desta situação e sabe que não terá lucro se continuar agindo assim.

ARRENDATÁRIO

Mas Giuliano não se inclui entre os indecisos, pois a tendência, segundo ele, é dos produtores abandonarem os produtos de exportação e partir para os de consumo interno, principalmente arroz e milho, mesmo na incerteza de encontrar mercado para estes produtos. Na soja, afirma, só continuará o arrendatário, e ainda assim em função dos compromissos que assumiu.

O associado prevê uma expansão de 40 por cento na área plantada com milho na próxima safra e de 30 por cento para o arroz. Essas culturas ocuparão espaços anteriormente plantados com soja e também novas áreas. Ele próprio já pensa em seguir esta tendência, plantando 500 hectares com soja, 200 com milho e 100 de arroz, o que vai resultar numa redução de 25 por cento da área destinada à soja em anos anteriores.

Giuliano critica ainda o fato do Governo não ter atacado aquilo que considera o maior problema da agricultura, ou seja,

não ter tabelado o preço das sementes. O estímulo dado pelo Governo aos produtos de mercado interno levou muitos produtores de sementes a esconder seus estoques, forçando uma alta. E cita como exemplo o fato de produtores estarem vendendo semente de arroz a Cz\$ 500,00 ou 550,00 o saco, quando o preço vigente antes era bem inferior. Critica da mesma forma o fato dos produtores terem de pagar água para conseguir o adubo necessário ao plantio da próxima safra, além do preço do adubo, que é tabelado, já estar Cz\$ 900,00 mais caro que no ano passado.

"PAULADA"

Outro produtor que afirma não ter visto vantagem alguma nas medidas anunciadas em agosto é Darci Quequeto, associado em Montese. Para ele, cada pacote é uma "paulada" que o governo dá nos produtores, ao ponto de ele não saber o que irá plantar na próxima safra. Para ele, o governo precisava ter definido várias outras coisas antes de ter dado incentivo às culturas de mercado interno, citando também como exemplo os preços das sementes.

Darci acredita que o governo quer tornar os produtores cada vez mais submissos, forçando-os a plantar o que quer, mesmo quando as terras não têm maior aptidão para determinadas culturas, como é o caso da sua, onde nunca deu certo o plantio de arroz. Para ele, a safra será continuar plantando um pouco de soja e ampliar a área de milho, torcendo para encontrar um local onde possa entregar a produção. (Por Carlos Bindé).

A pesquisadora: preocupada

O pacote agrícola não contempla o pequeno produtor, mesmo que faça diferenciação de crédito, com privilégio imediato para a pequena propriedade. A opinião é da socióloga Elza Maria Falkembach, da Fidene/Unijuf. Elza — que tem se dedicado a pesquisas sobre cooperativismo nas regiões de trigo e soja — tem uma preocupação: ela está convencida de que está sendo iniciada uma nova etapa do processo de modernização da lavoura, e isso pode tirar mais uma leva de famílias do meio rural, repetindo o que aconteceu com a monocultura da soja.



Elza: nova seleção

na, o produtor aumente seus ganhos verticalmente. Para a pesquisadora, como sempre acontece nesses casos, o pequeno terá as maiores dificuldades para se adequar a uma nova situação, mais favorável aos médios e grandes produtores. "A região — prevê Elza — está pronta para uma nova seleção de agricultores".

Essa ameaça aos pequenos agricultores deixaria de existir — ou pelo menos seria mais branda — se o pacote trouxesse algo há muito esperado, ou seja, um crédito dirigido a toda propriedade, e não a culturas específicas. "O crédito — diz ela — continua direcionado a determinados produtos, e o pequeno agricultor não é estimulado a repensar a questão da produção como atividade familiar, que garanta antes a manutenção da família e possibilite a venda de excedentes". Para a pesquisadora, "é preciso que se enxergue a pequena propriedade dentro de um sistema integrado de produção, mas isso não está no pacote".

Elza explica que o apelo hoje é feito em nome do aumento da produtividade, para que, com o uso da tecnologia moder-

As mudanças no crédito

Governo lança plano de metas para a agricultura e continua dando prioridade para a produção de alimentos. O milho, o feijão, o arroz e o sorgo foram contemplados com um volume maior de recursos

A intenção do governo de continuar estimulando as culturas destinadas ao abastecimento interno permanece inalterado. Basta dar uma olhada nos novos Valores Básicos de Custeio, elaborados pela Companhia de Financiamento da Produção e liberados pelo Ministério da Agricultura, para se certificar de que realmente o governo vem levando a sério a sua política de dar prioridade a produção de alimentos básicos. Só neste ano, serão aplicados 89,4 milhões de cruzados em créditos para investimentos e custeios, para a instituição da política plurianual de preços mínimos, na formação de estoques, em programas de irrigação e no aumento da capacidade de armazenagem do país.

Com os Valores Básicos de Custeio atendendo preferencialmente os minis, pequenos e médios produtores, o governo pretende estimular um crescimento na produção agrícola de 10 por cento. Até 1988, a safra de grãos do Brasil deverá passar dos atuais 50 para 72 milhões de toneladas e a capacidade de armazenagem deverá, por sua vez, superar os 60 milhões de toneladas e chegar, tranquilamente, aos 76 milhões. Desta forma, o governo lançou o seu plano de metas para a agricultura (ver matéria nas páginas 4 e 5).

TRATAMENTO DIFERENCIADO

Os produtos de exportação, como a soja e o algodão, foram os mais atingidos pelo plano de metas para a agricultura do governo José Sarney. A soja, por exemplo, começa a receber tratamento diferenciado ao que estava acostumada e, já a partir desta safra, não poderá mais ter suas áreas se expandindo pelas regiões Sul e Sudeste. As medidas tomadas para a cul-



O custeio para o milho, regiões Sul e Sudeste, teve um reajuste de 52 por cento

tura do algodão ainda são mais drásticas. O crédito ficará restrito às áreas financiadas na safra passada em todas as regiões. O feijão, o arroz e o milho estão merecendo melhor atenção com a definição de recursos mais elevados.

Mas o governo não mudou apenas o tratamento em relação as culturas de exportação. Ele também está concedendo crédito diferenciado por regiões, oferecendo recursos mais elevados para as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste e ainda, alterando o calendário de desembolso dos financiamentos. Os produtores

de soja vão receber, tão logo contratarem financiamento, 65 por cento do VBC. 25 por cento deverá ser liberado em outubro e 10 por cento em fevereiro. No caso do milho, a primeira parcela, liberada imedia-

tamente, corresponde a 50 por cento do VBC; a segunda é de 30 por cento e deverá sair em outubro e a terceira, de 20 por cento, em fevereiro. Os produtores de arroz irrigado (ver tabelas abaixo), receberão, imediatamente ao contrato de financiamento, 45 por cento do VBC. Em outubro eles recebem mais 45 por cento e em fevereiro o restante do dinheiro

100% PARA OS PEQUENOS

Os minis e pequenos produtores terão acesso a 100 por cento do crédito para o plantio da soja, milho, arroz, feijão, mandioca e sorgo. Os médios produtores de soja terão direito a 60 por cento de um VBC integral de Cz\$ 2.340,00 - custeio correspondente a faixa de produtividade da região da Cotrijuí na Pioneira e crédito integral para as demais culturas. Os grandes produtores terão direito a 50 por cento do limite de financiamento para a lavoura de soja; 80 por cento para as lavouras de milho, sorgo e arroz e 100 por cento do custeio para o plantio do feijão e da mandioca. Nesta safra de verão o produtor vai trabalhar com uma taxa de juro de 10 por cento ao ano.

OS REAJUSTES

Em média, os novos VBCs tiveram reajustes que vão desde 37,5 por cento

LIMITES DE FINANCIAMENTOS APROVADOS

	Soja %	Milho %	Sorgo %	Feijão %	Arroz %	Mandioca %
Mini/Pequenos	100	100	100	100	100	100
Médios	60	100	100	100	100	100
Grandes	50	80	80	100	80	100

Produto	VALORES BÁSICOS DE CUSTEIO - SAFRA 86/87			Liberação do crédito (%)		
	Faixa de Produtividade (Kg/ha)	VBC (Cz\$/ha)		1a. parc.	2a. parc.	3a. parc.
Milho Reg. Sul e Sudeste	Até 900	685,00				
	901 a 1.300	959,00				
	1.301 a 1.700	1.237,00				
	1.701 a 2.100	1.516,00				
	2.101 a 2.500	1.686,00				
	2.501 a 3.000	2.002,00	AGO-50	OUT-30	FEV-20	
	3.001 a 3.500	2.184,00				
	3.501 a 4.000	2.458,00				
Soja Reg. Sul e Sudeste	Até 1.250	1.662,00				
	1.251 a 1.500	1.789,00				
	1.501 a 1.750	2.163,00	AGO-65	OUT-25	FEV-10	
	1.751 a 2.000	2.340,00				
	2.001 a 2.400	2.734,00				
Soja Reg. Cent. Oeste, Norte e Nordeste	Até 1.250	1.745,00				
	1.251 a 1.500	1.878,00				
	1.501 a 1.750	2.271,00	AGO-65	OUT-25	FEV-10	
	1.751 a 2.000	2.457,00				
	2.001 a 2.400	2.871,00				
Sorgo Reg. Sul, Sudeste Cen. Oeste	Até 2.000	1.188,00				
	2.001 a 2.500	1.584,00	AGO-70	OUT-20	FEV-10	
	2.501 a 3.000	1.814,00				
	Acima de 3.000	2.082,00				
Feijão	Até 400	878,31				
	401 a 600	1.794,83				
	601 a 800	2.112,91				
	801 a 1.000	2.787,10				
	Acima de 1.000	3.427,19				

Produto	VALORES BÁSICOS DE CUSTEIO - SAFRA 86/87			Liberação do crédito (%)		
	Faixa de Produtividade (Kg/ha)	VBC (Cz\$/ha)		1a. parc.	2a. parc.	3a. parc.
Arroz irrigado Reg. Sul e Sudeste	Até 3.000	3.464,00				
	3.001 a 3.600	3.787,00				
	3.601 a 4.200	4.473,00	AGO-45	OUT-45	FEV-10	
	4.201 a 5.000	5.068,00				
	Acima de 5.000	5.646,00				
Arroz de Sequeiro Reg. Sul e Sudeste	Até 1.000	1.265,00				
	1.001 a 1.300	1.662,00	AGO-70	OUT-20	FEV-10	
	1.301 a 1.600	2.065,00				
Ar. de Sequeiro em áreas de Toco. Reg. Sul e Centro Oeste	Até 1.000	723,00				
	1.001 a 1.300	944,00	AGO-70	OUT-20	FEV-10	
	1.301 a 1.600	1.167,00				
Batata Semente Todas as Reg.	Até 12.000	29.524,00				
	12.001 a 15.000	35.023,00	AGO-75	SET-15	NOV-10	
	15.001 a 18.000	39.490,00	AGO-75	SET-15	NOV-10	
Mandioca de 1 ciclo Reg. Cent. Oeste e Norte	Até 10.000	1.524,00				
	10.001 a 15.000	2.111,00				
	15.001 a 20.000	3.055,00	AGO-40	NOV-25	MAR-35	
	20.001 a 25.000	3.360,00				
Mandioca de 2 Ciclos Reg. Sul, Sudeste, Cent. Oeste	Até 12.000	1.992,00				
	12.001 a 18.000	2.714,00				
	18.001 a 24.000	3.889,00	AGO/86-35	NOV/86-20	AGO/87-15	MAR/88-30
	24.001 a 30.000	4.174,00				
Acima de 30.000	5.909,00					

para a lavoura de arroz com irrigação mecânica até 102,4 por cento para a cultura do feijão. O custeio do milho, para as regiões Sul e Sudeste, foi corrigido em 52,6 por cento; o do amendoim em 73,3 por cento; o do sorgo em 47,1 por cento; o do girassol em 53,6 por cento; o da mandioca de um ciclo em 98,3 por cento e de dois ciclos em 73,4 por cento. O arroz natural foi corrigido em 57,3 por cento e o arroz de sequeiro, para as regiões Sul e Sudeste, em 63,8 por cento. O custeio da soja teve 60 por cento de correção sobre o VBC da safra 85/86.

A liberação do custeio para o feijão começou em julho. A antecipação veio justamente beneficiar os produtores do Sul que iniciam o plantio da cultura mais cedo. A liberação de recursos para a primeira faixa de produtividade (até 400 quilos por hectare), foi de 65 por cento. Em setembro serão liberados os outros 35 por cento. As demais faixas tiveram adiantamento de 55 por cento do valor total. No mês de agosto foram liberados mais 35 por cento e em setembro mais 10 por cento.

O governo também alterou os critérios de formação dos VBCs para a próxima safra. Até o ano passado, ele calculava os custos de formação da lavoura e depois embutia junto uma expectativa inflacionária para que os VBCs não ficassem desatualizados até a liberação da última parcela do financiamento. Mas como o governo, agora, está trabalhando em cima da hipótese de que os preços permaneçam congelados até a colheita, os valores de custeio da próxima safra não estão levando junto nenhuma expectativa de inflação.

VBCs DIFERENCIADOS

Outra novidade para a próxima safra diz respeito ao custeio diferenciado por região. Até a safra passada, a diferenciação do custeio existia apenas para o Nordeste e áreas da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - Sudan. Mas a partir desta safra o governo está adotando recursos mais elevados para as lavouras de soja, milho e arroz localizadas também, no Centro-Oeste por apresentarem um custo mais elevado em função das despesas de frete no transporte dos insumos.

Um produtor que planta soja e está classificado na faixa de produtividade de 1.750 a 2.000 quilos por hectare, terá um VBC de Cz\$ 2.340,00 se a sua lavoura estiver localizada em áreas da região Sul ou Sudeste e Cz\$ 2.457,00 no caso das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Essa elevação do VBC da soja no cerrado, embora esteja calculada em custos comprovadamente mais elevados, vem ao encontro da nova política agrícola do governo para esta safra, de desestimular o plantio da soja e do algodão nas regiões Sul e Sudeste. A intenção do governo é o de incrementar a expansão destas culturas na região dos cerrados.



O feijão receberá crédito integral

Preços mínimos plurianuais

Os preços mínimos do feijão, arroz, milho, mandioca e sorgo serão válidos por três anos, mas reajustados anualmente de acordo com a variação acumulada do IPP

Os preços mínimos dos produtos básicos prioritários - feijão, arroz, milho, mandioca e sorgo, serão, a partir desta safra, plurianuais, ou seja, válidos por três anos, mas reajustados anualmente. Para os produtos de exportação, o governo decidiu só não mexer, como chegou a ser cogitado, no preço da soja que permaneceu em Cz\$ 125,40 o saco de 60 quilos. O algodão teve seu preço reduzido de Cz\$ 71,85 para Cz\$ 66,90 por arroba em caroço. A mamona passou de Cz\$ 150,00 para Cz\$ 152,40 - 60 quilos - e o girassol de Cz\$ 58,40 para Cz\$ 76,40.

Com essa nova política de preços mínimos, - o governo espera aumentar a produtividade e reduzir o risco econômico, de maneira tal que possa obter certas reduções nos custos de produção e nos preços dos alimentos. Os preços dos arroz, milho, feijão, mandioca e sorgo, permanecerão constantes durante três anos, mas reajustados anualmente em 1º de agosto de cada ano pela variação acumulada do novo Índice de Preços Pagos (IPP) pelos produtores e, a ser divulgados, mensalmente, pela própria Companhia de Financiamento da Produção.

O reajuste para estes cinco produtos vai funcionar da seguinte maneira: a cada ano, na data base de 1º de agosto, o governo garantirá, automaticamente, um reajuste de no mínimo 80 por cento da variação acumulada do IPP. No caso de elevação dos preços, acima de 20 por cento, o reajuste será antecipado automaticamente, pelo sistema de gatilho, a exemplo do que ocorre com o reajuste dos salários.

REVISADOS

No final dos três anos, os preços mínimos destes cinco produtos deverão ser revisados, considerando no caso, o nível de atendimento do mercado interno, a necessidade de formação de estoques reguladores e os eventuais ganhos alcançados com o aumento da produtividade.

Os preços dos produtos de exportação - soja, algodão, mamona, girassol, trigo mourisco e amendoim, ficarão vinculados ao mercado internacional, sem qualquer reajuste automático e sujeitos a al-

tos e baixos. Mas só o fato do governo não ter reduzido o preço da soja, como vinha sendo cogitado, já aliviou um pouco mais a tensão entre os produtores que, embora não estejam satisfeitos com Cz\$ 125,40 por saco de soja, ainda assim preferem vender a sua produção por esse mesmo valor do que por um preço inferior. A idéia inicial de reduzir o preço da soja tinha como meta proporcionar uma elevação nos preços dos produtos para o mercado interno e, principalmente, aliviar o impacto que os reajustes nesses preços mínimos causariam sobre o índice inflacionário.

Os preços mínimos para sementes serão fixados pela Companhia de Financiamento da Produção no início das safras. Eles serão compostos, segundo a regulamentação do governo, do preço mínimo do produto-grão, levando em conta

a melhor classe e o melhor trigo, acrescidos de adicionais dos custos de produção das sementes (limpeza, seleção, classificação e embalagem).

OS PREÇOS REAJUSTADOS

O feijão, o milho e o sorgo, foram os únicos dos cinco produtos ditos prioritários, que tiveram reajustes nos seus preços. O preço do milho passou de Cz\$ 79,20 para Cz\$ 84,60 o saco de 60 quilos, com reajuste de 6,8 por cento. A correção feita no preço do feijão foi de 9,03 por cento passando de Cz\$ 292,20 o saco de 60 quilos para Cz\$ 318,60. O preço do sorgo foi corrigido em 7,14 por cento. O preço, que era de Cz\$ 67,20 passou para Cz\$ 72,00 o saco de 60 quilos. Os preços mínimos do arroz irrigado, do arroz sequeiro, da mandioca, do amendoim, da soja e do trigo mourisco, continuaram inalterados.

PREÇOS MÍNIMOS BÁSICOS - SAFRA 86/87

Produto	Unidade (Kg)	Preço mínimo vigor (Cz\$)	Data da última correção	Preços mínimos atuais (Cz\$)
PRIORITÁRIOS				
Arroz irrigado	50	130,00	27 de Fev/86	130,00
Arroz sequeiro	60	133,80	27 de Fev/86	133,80
Feijão	60	292,20	01 de Fev/86	318,60
Mandioca	1 tonelada	348,58	27 de Fev/86	348,56
Milho	60	79,20	27 de Fev/86	79,20/84,60
Sorgo	60	67,20	27 de Fev/86	67,20/72,00
EXPORTAÇÃO				
Amendoim	25	68,00	01 de Fev/86	68,00
Algodão	15	71,85	27 de Fev/86	66,90
Girassol	40	58,40	01 de Dez/85	76,40
Mamona	60	150,00	27 de Fev/86	152,40
Soja	60	125,40	27 de Fev/86	125,40
Trigo Mourisco	1	1,19	01 de Jan/86	1,19
SEMENTE				
Batata-semente	30	72,90	01 de Dez/85	108,00

A intenção é boa

O Allan Rogério Amorim é um produtor novo que começa a se preparar para ingressar de vez na agricultura. Ele vai plantar, em parceria com o pai, Darci Amorim, que é proprietário de 110 hectares de terra distribuídos entre Ijuí (Linha 5 Leste) e Panambi, soja, milho e sorgo na próxima safra. Só que a lavoura de soja terá que ser por conta. No verão passado, como a terra estava arrendada, eles fizeram uma lavoura pequena, que se resumiu ao plantio de três hectares de soja financiada.

Para o Allan, o plano de metas para a agricultura, lançado pelo governo em meados de agosto pode trazer um pouco mais de segurança para o produtor, embora ele não concorde em alguns pontos. Ele acha que o governo deveria usar outros critérios para reduzir a área de soja nas regiões Sul e Sudeste. "Por que ele não faz como tem feito com o trigo, estipulando limites de área dentro da propriedade?", pergunta. Diz que se o governo usasse esse critério, ele estaria, ao mesmo tempo, incrementando a diversificação, aumentando a produção de alimentos e reduzindo a expansão da soja. "Dessa forma, diz, o produtor que não puder financiar uma lavoura de soja maior que a do ano passado, vai achar um jeito de plantar por conta". Esse é o caso do Allan e do seu pai. Como no ano passado financiaram apenas três hectares, o Banco não está liberando crédito para uma área maior. Resultado: eles vão plantar os três hectares financiados e mais 60 por conta. Ele ainda vai plantar 20 hectares de sorgo, 20

de milho - com financiamento e mais quatro hectares de milho por conta.

MAIOR PRODUTIVIDADE

Com uma política de preços mínimos definida, o Allan diz que o produtor terá condições de trabalhar com uma maior produtividade. O agricultor terá de colher em 10 hectares o que vinha colhendo em 15 hectares. Ele também acredita que a partir desta safra, com o preço mínimo da soja inalterado e os preços do arroz, milho, feijão, sorgo e mandioca válidos por três anos, vai acabar a "especulação" que havia na agricultura. "Só tem uma saída para o produtor: aumentar a produtividade para reduzir os custos", diz Allan. Também espera que o governo mantenha as suas definições, sem fazer tantas alterações como aconteceu com o trigo.

Situação semelhante ao do Allan Amorim vive o seu Inácio Maroski, proprietário de 14 hectares e meio na localidade de Ponte do Ijuizinho, em Augusto Pestana. Ele não vinha financiando a sua lavoura de soja há uns cinco anos por causa do custo do dinheiro, mas os prejuízos da seca na safra passada deixaram o seu Inácio meio descapitalizado. A única saída era plantar soja financiada, só que pelas novas normas, ele não tem direito a crédito de custeio. "Vou ter de vender algum animal para poder fazer a lavoura de soja, já que o banco não pode financiar a minha lavoura.

Mesmo assim, o seu Inácio acha que as medidas do governo não estão de tudo erradas e a intenção é muito boa. "O governo está tentando tirar o pequeno produtor da soja. É cla-



Orlando Drews Allan Amorim Inácio Maroski

ro que a soja dá mais dinheiro, e é uma planta mais segura que o milho, mas precisamos produzir mais alimentos".

O PERIGO DA COMERCIALIZAÇÃO

O seu Orlando Oldemar Drews, vizinho do seu Inácio e proprietário de 19 hectares e arrendatário de mais 25, pensa da mesma forma. Se o governo quer diversificar e aumentar a produção de alimentos, ele tem que sair por esse caminho, embora o preço da soja não esteja nada bom, diz seu Orlando. Ele admite que o milho, caso aconteça uma corrida no seu plantio, em função do VBC que é integral e do preço mínimo que foi melhorado, pode ser consumido na propriedade e transformado em carne. "Mas para isso, o governo também precisa dar incentivos para a suinocultura e avicultura". Diz que só vai acreditar na diversificação se realmente o governo olhar para esse outro lado. "A minha preocupação é com a comercialização dessa produção de alimentos e, também com a expansão da soja para o cerrado", fala. Seu Orlando vai plantar muito pouco de soja financiada - a área será menor que a do ano passado - e o resto por conta. Também vai plantar por conta milho, mandioca e feijão.



Adelar Cunha: já está superada a idéia de que não devíamos fazer política

Compromisso assumido

Candidatos revelam posições em defesa do cooperativismo

Se depender dos compromissos que estão sendo assumidos pelos candidatos, o cooperativismo terá, finalmente, defensores no parlamento. Os compromissos estão sendo revelados numa série de encontros promovidos pela Ocergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul), que trouxe 10 candidatos dia 21 de agosto a Ijuí. A entidade quer saber o que os políticos têm a apresentar em defesa do setor, especialmente com relação à Assembleia Nacional Constituinte.

"Aquele idéia de que não devíamos fazer política já está superada, e o que devemos é estimular essa prática, sem nos comprometermos com determinado partido", disse Adelar Cunha, presidente da Ocergs. A reunião em Ijuí teve a participação de cerca de 40 pessoas, representando 10 cooperativas da região. A Ocergs esperava mais de 100 pessoas de aproximadamente 30 cooperativas. As propostas dos candidatos estão resumidas abaixo, pela ordem dos discursos:

Rui Nedel, candidato a deputado federal pelo PMDB: Abordou a questão para o homem rural, admitindo que é preciso reformular o atual sistema. Defendeu a implantação da reforma agrária integrada ao cooperativismo, já a partir dos assentamentos. "Só assim — disse — deixaremos de correr novamente os riscos da monocultura".

Hilário Braun, candidato a deputado federal pelo PMDB: Entende que o cooperativismo precisa de maior transparência, no que se refere à prestação de contas. Defendeu o debate dos relatórios e balanços anuais com os associados, antes das assembleias "a exemplo do que acontece na Cotrijuí, para que os dados sejam melhor decifrados pelo produtor.

Jarbas Machado, candidato a suplente de senador, na chapa de José Fogaça, pelo PMDB: Defendeu o fim da confusão que misturou neutralidade com omissão, dentro do cooperativismo, sempre que as questões eram políticas. Acha que o setor deve forçar posições políticas, sem discriminar partidos, para que não continue simplesmente atrelado ao governo.

Valmir da Rosa, candidato a deputado estadual pelo PMDB: Propôs que, dentro do processo de democratização do sistema, as cooperativas passem a definir também o espaço de atuação de seus funcionários. A participação mais ativa do quadro funcional pode, segundo ele, ser alcançada com a abertura do quadro social aos funcionários, que também se tornariam associados e estariam melhor integrados às suas cooperativas.



A Ocergs esperava mais de 100 pessoas em Ijuí. Cerca de 40 apareceram

Israel da Rocha, candidato a deputado federal pelo PC do B: "Nós só teremos cooperativas fortes, se tivermos antes cooperativas democráticas", disse o candidato. Defendeu o fim das brigas entre cúpulas e a possibilidade de crescimento do quadro social, para que os produtores tenham consciência de seus direitos e seus deveres. Acha que a reforma agrária deve ocorrer com a exploração coletiva das terras.

Odilon Abreu, candidato a deputado estadual pelo PMDB: Condenou os "adesistas de última hora", que de repente "se tranvestiram em defensores do cooperativismo". Entende que o setor deve identificar quem de fato defende os interesses do produtor. "Devemos lutar não

só por um novo modelo de cooperativismo, mas também por um novo modelo de sociedade".

Rubi Diehl, candidato a deputado federal pelo PFL: Lembrou que durante muitos anos o trabalho parlamentar foi comprometido pela falta de autonomia do Legislativo. Acha que o momento é outro e que todos os setores, entre os quais o cooperativismo, devem contribuir com sugestões à nova Constituição. Defendeu a livre iniciativa e disse que, no caso do uso da terra, o princípio da propriedade não pode ser "obstáculo à realização social".

Walter Trein, candidato a deputado estadual pelo PDS: A Nova Constituição

deve levar em conta o peso das cooperativas, como forma de organização econômica e política dos produtores. "As cooperativas tornam o fraco um forte", disse o candidato. O fortalecimento do setor deve ser alcançado com a democratização, que possibilite uma maior participação dos associados.

Léo Fett, candidato a deputado estadual pelo PDT: As cooperativas devem sair do período da "lei do medo" e deixar de "lutar contra fantasmas". Segundo ele, as cooperativas surgiram como força econômica e também política, e precisam retomar essa condição. Os "fantasmas" seriam os interesses contrários ao setor. Condenou políticos que "não entendem bulhufas de agricultura e dizem falar em nome do produtor".

Dinarte Belatto, candidato ao Senado pelo PT: "É preciso democratizar as decisões e o poder dentro das cooperativas", disse o candidato. O setor deve também aperfeiçoar o auto-controle, para evitar desmandos que se prestam aos argumentos dos interessados em atacar as cooperativas. Defendeu um cooperativismo que leve em conta em primeiro lugar a integração de trabalhadores e seja capaz de questionar suas relações com o Estado.

Odacir Klein, candidato ao Senado pelo PMDB: As cooperativas devem rediscutir seu atrelamento ao Estado, para que sejam autônomas e conduzidas de fato pelos associados. Acha que o setor deve deixar bem claro para os constituintes a necessidade de contar com imunidade tributária, ou seja, o não-pagamento de impostos. "Não estamos defendendo privilégios, mas sim a imunidade para o ato entre o produtor e sua extensão coletiva, que é a cooperativa".

Muito assunto pra pouca gente

O cooperativismo precisa repensar seu modelo econômico e, ao mesmo tempo, definir uma postura política adequada ao novo momento nacional. Foi isso, em resumo, o que mais se ouviu, numa reunião realizada dia 21 de agosto em Ijuí, pela Ocergs, depois do encontro com os candidatos. Nessa reunião, a Ocergs pretendia ouvir os dirigentes de cooperativas da região, para colher sugestões de assuntos que serão levados ao VIII Seminário Gaúcho de Cooperativismo, previsto para outubro, mas sem data e local definidos.

A preocupação com os novos rumos do setor, quanto aos desafios na área econômica e as questões políticas que surgem pela frente, não pôde, no entanto, ser manifestada por muita gente. Apenas 16 pessoas ficaram para a reunião, realizada à tarde. A maioria dos que haviam participado do encontro pela manhã, com os candidatos, retornou depois do meio-dia

às suas cidades. Ficaram em Ijuí apenas alguns dirigentes de cooperativas e comunicadores.

OMISSÃO

"Isso realmente nos preocupa, é precisamos descobrir o que está acontecendo", disse Adelar Cunha, presidente da Ocergs, espantado com a reduzida participação. O programa da Ocergs em Ijuí previa os dois encontros, com o debate sobre a Constituinte pela manhã e sugestões de temas para o seminário à tarde. A verdade é que já pela manhã a participação foi reduzida. Os que permaneceram na sede da Afucoctri, após o almoço, não pouparam críticas à omissão de algumas cooperativas, e citaram exemplos de outras reuniões esvaziadas pela ausência da maioria das filiadas.

Quatro temas foram escolhidos, pela região, para a pauta do seminário estadual,

sendo que cada um passou por votação, para que se identificasse os assuntos prioritários. O mais votado, com o apoio de 15 dos 16 presentes, é o que se refere à integração econômica e política do sistema cooperativo, e que inclui questões como a nova matriz cooperativa, a verticalização, a confiabilidade no sistema e o auto-controle.

O segundo tema em prioridade, com 13 votos, é o Sistema e a Constituinte. O terceiro, com 9 votos, Cooperativas de Crédito e de seguro; e o quarto e último, a Reforma Agrária Aliada às Cooperativas. Apesar dos muitos pronunciamentos sobre a necessidade das cooperativas passarem a se envolver mais diretamente com a questão agrária, e até definir posições diante do tema, a reforma ficou em último lugar na lista de prioridades, com apenas 7 votos.

Com Flex, as ervas vão e a soja fica.

Flex controla maior número de ervas.*
Flex é o mais seguro para soja.

* Ervas: Amendoim-bravo, Picão-preto, Caruru, Corda-de-violão, Carrapicho-rasteiro, Quinquilhão, Beldroega, Nabo, Picão-branco, Trapoeraba, Serralha, Erva quente, Joá-de-capote, Poaia-branca, Maria-pretinha, Joá, Carrapicho-de-carneiro.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719
São Paulo - SP.

Integrar para mudar

Nova etapa exige maior aproximação entre as cooperativas

O sucesso de qualquer proposta, no sentido de alterar o perfil do setor primário gaúcho e fazer avançar a idéia da diversificação, depende basicamente de dois pontos: 1) o reaparelhamento das cooperativas, para que sejam capazes de auxiliar na viabilização de uma nova matriz produtiva, e 2) a efetiva integração do sistema. Esses dois aspectos foram os mais ressaltados, durante o VI Seminário do Sistema Fecotriço, realizado nos dias 12 e 13 de agosto em Cruz Alta. Mais de 250 pessoas, representando as cooperativas de trigo e soja, assumiram durante o encontro o compromisso de levar adiante a idéia da Federação, em favor de uma produção mais integrada e menos dependente da monocultura.

A situação enfrentada especialmente pelas regiões produtoras de trigo e soja puxou os debates. São estas, afinal, as áreas onde mais se evidencia um modelo de agricultura já esgotado. "Não irá se alterar a situação do cooperativismo enquanto não se modificar a situação do produtor, e também não iremos melhorar a situação do Rio Grande do Sul se não mudarmos a sua economia, a partir da agricultura", disse Jarbas Pires Machado, presidente da Fecotriço. Para ele, o Rio Grande do Sul é o Estado "que enfrenta as maiores distorções no setor primário, onde a soja representa a metade da produção de grãos".

DÍVIDA

Jarbas voltou a lembrar que a proposta de mudanças na agricultura deve avançar, ao mesmo tempo em que todos — os produtores e as cooperativas — buscam melhor entender a própria situação do país. É assim, segundo ele, que iremos ficar sabendo, por exemplo, que o Brasil que paga 1 bilhão de dólares por mês, como juro de sua dívida externa, poderia financiar — com esse dinheiro — a agricultura por um ano. "Hoje, notamos um incremento na área industrial, para que, com bens duráveis, o país troque automóveis por grãos, como o trigo argentino".

"Não se trata de querer voltar a roda da história, mas precisamos repensar o setor primário", disse Jarbas, para quem as cooperativas precisam assumir a tarefa de implantar uma nova matriz produtiva. Esta também é a opinião do professor Edgar Írio Simm, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Simm, que foi secretário da Agricultura do Estado, falou como palestrante, para lembrar que há cinco anos a produção gaúcha está estagnada. A única exceção, de aumento da produtividade, é da lavoura de arroz, que investiu em tecnologia e obteve retornos.

COMPETÊNCIA

"A verdade — disse Simm — é que estamos mal-habitados. Tudo o que não deixa rico em cinco anos é visto como mau negócio. Com os ganhos fáceis, desaprendemos a valorizar os pequenos ganhos, mas que são muito mais estáveis".



Mais de 250 pessoas participaram do seminário da Fecotriço em Cruz Alta

O momento, segundo ele, "requer competência, para que o desafio da produção diversificada e integrada seja vencido". E está na dependência, também, do fortalecimento de um mercado interno que absorva a produção.

Outro professor da mesma Universidade, José Germano Stammel, também tocou na tecla do mercado interno. Stammel lembrou que a produção gaúcha é tão estável, principalmente nas pequenas propriedades, "que o suinocultor que mantém hoje seis criadeiras, amanhã pode ter apenas três". Stammel ressaltou que o Rio Grande do Sul tem variações de clima e solo que permitem produzir de tudo um pouco, bastando para isso que suas potencialidades sejam bem aproveitadas. Ele defendeu a integração lavoura-pecuária e fez uma crítica: "Os zootecnistas transformaram a vaca em porco, ao

utilizarem grãos como alimento. Vaca tem é que pastar, ou a atividade leiteira será inviável".

Também esteve no Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotriço, onde se realizou o seminário, o economista José Ramalho, da Secretaria do Planejamento da Presidência da República. Ramalho antecipou algumas das decisões do governo para a agricultura (veja nas páginas 4 e 5). As conclusões do seminário foram tiradas dos trabalhos de três grupos, e a principal delas é esta: depende das cooperativas o êxito da implantação de uma nova matriz produtiva.

TAREFAS

Dirigentes, técnicos e comunicadores presentes ao seminário propuseram que as cooperativas passem, de imediato, a reestudar suas estruturas, desde a parte técnica até a comercialização, para que es-

Jarbas é candidato

"Hoje, quem não tem força política não tem nada". A frase é do presidente da Copalma, de Palmeira das Missões, Dalvo Fiad, e foi dita quando do encerramento do seminário da Fecotriço, em Cruz Alta. Dalvo, que é conselheiro da Federação, estava anunciando aos dirigentes de cooperativas presentes ao encontro que Jarbas Pires Machado seria candidato a suplente de senador pelo PMDB, concorrendo com José Fogaça. "A decisão — disse ele — foi do Conselho de Administração da Fecotriço, que é integrado por pessoas ligadas às mais diversas facções políticas.

A candidatura de Jarbas havia sido definida numa reunião dos conselheiros, no dia 6 de agosto. "Avaliamos a conveniência ou não de lançarmos candidatos, e a maioria entendeu que deveríamos aceitar o convite feito pelo PMDB, desde que o partido assumia um compromisso claro com os interesses do cooperativismo", disse Dalvo Fiad. A candidatura seria anun-

ciada durante o seminário, mas até o momento em que o dirigente da Copalma foi à mesa para falar poucos sabiam dessa decisão.

DUAS OPÇÕES

"Com a eleição de Jarbas, nós estaremos demonstrando nossa força política, pois temos duas opções: ou deixamos a história correr ou ajudamos a fazer a história", disse Fiad. Ele observou que todos os setores estão organizados para participar da Constituinte, e afirmou que o PMDB assume, desde já, um compromisso imediato com o saneamento financeiro das cooperativas. O presidente da Cotricruz, de Cruz Alta, Benno Arns, manifestou seu apoio à idéia ali mesmo: "Nós precisamos de pessoas realmente comprometidas com o produtor, e vejo com simpatia a candidatura de Jarbas, independente do partido pelo qual ele concorre à suplência de senador".

Segundo o presidente da Fecotriço — que falou logo depois — "não só o candidato José Fogaça, mas todo o PMDB está assumindo o mesmo compromisso com o cooperativismo". Jarbas explicou que, com o lançamento de seu nome, "não estamos colocando a Fecotriço a serviço de um partido, mas o contrário". Para ele, se sua candidatura for vitoriosa, "o cooperativismo estará sendo politicamente fortalecido".



José Stammel



Írio Simm

tejam adequadas à nova situação. Defenderam a integração entre as cooperativas, especialmente na área de comercialização, e enfatizaram a necessidade de desenvolverem, ao mesmo tempo, um trabalho de educação junto ao associado. A maioria reconheceu que o momento é histórico, no sentido de que acena com novas mudanças no sistema de produção, em decorrência da disposição do próprio governo de ampliar a oferta de alimentos para o mercado interno.

Nessa distribuição de tarefas — segundo os grupos — a Fecotriço fica com estes encargos: representar politicamente o sistema e estimular o intercâmbio entre as cooperativas. A Federação deve, entre outras coisas, forçar o governo a custear a pesquisa, e contribuir para que ocorra um aperfeiçoamento do quadro de pessoal das cooperativas. Outra sugestão apresentada: a Fecotriço pode criar uma central de informações sobre mercado para as novas alternativas.

E como ficam os técnicos

Para transformar em coisas práticas tudo o que vem sendo dito sobre diversificação, as cooperativas terão, antes de mais nada, que garantir um acompanhamento ao produtor. E isso se inicia com a assistência técnica, hoje precária em muitas cooperativas, segundo o agrônomo Gelson Mello de Lima, diretor agrotécnico da Coopera, de Carazinho. Gelson participava de trabalhos em grupo, durante o seminário de Cruz Alta, quando fez um desabafo.

"Os departamentos técnicos têm que participar de forma mais efetiva das decisões nas cooperativas, ou tudo o que estamos falando aqui não terá qualquer sentido", disse ele. Assim, o agrônomo tocou num ponto que é o calcanhar-de-aquiles de algumas cooperativas, onde — como lembrou ele depois — os departamentos técnicos foram totalmente esvaziados, muitas vezes com a explicação de que era preciso reduzir custos.

"As cooperativas — afirma Gelson — não precisam ser pesquisadoras em busca de novas alternativas, mas devem no mínimo assegurar assistência técnica, para que a diversificação realmente aconteça. Se não for assim, não haverá mudança no modelo de propriedade, e tampouco teremos ganhos em produtividade". O agrônomo entende que hoje os "técnicos são meros apagadores de incêndio", e recomenda prioridade nessa área ao pequeno produtor. Gelson disse mais: "Daqui a um ano, num encontro como este, se a situação não for alterada, nós iremos encontrar outras pessoas, pois é grande o número de profissionais que deixam as cooperativas por não terem seu trabalho reconhecido".



Gelson: um desabafo



Fiad anunciou a candidatura de Jarbas



ESTRUTURA DO PODER

Os 154 novos representantes da Cotrijuí foram eleitos com a participação de 45,06 por cento dos associados aptos a votar. A renovação entre os representantes foi grande, chegando a atingir 70,78 por cento.



Na Regional Pioneira 4.812 associados compareceram às urnas para eleger os novos representantes

Renovação no Conselho

Muitas mudanças entre os representantes. Este foi o resultado da eleição dos representantes da Cotrijuí, realizada no dia 22 de agosto. O desejo de renovação vem mostrar o interesse do associado em participar cada vez mais da vida da sua Cooperativa. Dos 126 representantes da Cotrijuí, eleitos em 1983, apenas 45 foram confirmados no cargo, representando uma renovação de 70,78 por cento. Foram eleitos 109 novos representantes. Na Regional Pioneira, o índice de renovação foi de 69,10 por cento; em Dom Pedrito foi de 60 por cento e no Mato Grosso do Sul de 83 por cento (ver matéria na página ao lado). Na eleição de 1983, o desejo de renovação na Estrutura do Poder já havia sido manifestada. Naquele ano, de um total de 123 representantes, apenas 36 por cento dos representantes foram

reeleitos.

A eleição deste ano é a quarta desde que a Cotrijuí colocou a Estrutura do Poder em prática entre os seus associados e a primeira realizada de acordo com os Estatutos da Cooperativa. As três primeiras, a de 1979, 1980 e 1983 foram realizadas como experiência. Mas mesmo assim, todos os representantes eleitos nestes três períodos levaram o trabalho a sério, a tal ponto que a Estrutura do Poder foi confirmada durante o plebiscito de 1984. Hoje a Estrutura do Poder é decisiva e está contribuindo para aumentar a representatividade do associado dentro da Cooperativa.

QUEM VOTOU

Estavam aptos a participar da eleição deste ano 13.619 associados que operaram com a Cooperativa, comercializan-

do a sua produção entre janeiro a 31 de dezembro de 85, período relativo ao último exercício da Cotrijuí. Deste total de associados, 6.137 participaram da eleição, num percentual de 45,06 por cento. A pouca participação do associado na escolha dos novos Representantes tem como causa as chuvas que caíram persistentemente durante todo o dia 22 de agosto, atrapalhando o andamento da votação. Em Tenente Portela, por exemplo, o barro atrapalhou bastante o trabalho dos mesários. O veterinário da Unidade, Daniel Heuser que o diga. Depois de ter concluído seu roteiro, ficou atolado no barro por mais de duas horas, só voltando a cidade altas horas da noite e com o carro guinchado.

Na Regional Pioneira 10.470 associados estavam aptos a exercer o seu

direito de voto, mas apenas 4.812 puderam votar, num índice de abstenção que chegou a 54,04 por cento. De forma isolada, a unidade de Coronel Bicaco apresentou o maior percentual de votação: 59,65 por cento. Esse índice, apesar das chuvas, chegou a ser superior ao apresentado na última eleição de representantes, quando ficou em 58,32 por cento. A unidade de Augusto Pestana ficou em segundo lugar na votação, registrando um índice de 57,23 por cento. A votação também cresceu na unidade de Ajuricaba, com 49,69 por cento de votantes contra os 43,89 por cento alcançados na eleição de 83.

Na Regional de Dom Pedrito estavam aptos a votar 995 associados de um total de 2.190. Votaram na última eleição 359 associados, com um percentual de

QUADRO ESTATÍSTICO DAS ELEIÇÕES DOS REPRESENTANTES COTRIJUI - 1986

Unidade	Nº assoc	Aptos	%	Ñ Aptos	%	Votaram	Percent Votant relaç aptos	Total votos válidos	Percent Votos valid relaç votant	Deixaram votar	% de abs. tenção	Votos branc	% Votos brancos	Votos nulos	% Votos nulos
Ijuí	4.902	3.189	65,0	1.713	35,0	1.512	47,41	1.439	95,17	1.677	52,29	26	1,72	47	3,11
Santo Augusto	1.867	983	52,5	884	47,5	432	43,94	414	95,83	551	56,06	10	2,32	08	1,85
Tenente Portela	4.076	2.211	54,5	1.865	45,5	792	45,5	736	92,93	1.419	64,18	25	3,16	31	3,91
Jóia	947	593	62,5	354	37,5	192	32,30	184	95,84	401	50,76	03	1,56	05	2,60
Cel. Bicaco	1.094	570	52,0	524	48,0	340	59,65	328	96,47	230	40,35	02	0,59	10	2,94
Chiapetta	609	483	79,5	126	20,5	233	48,24	224	96,14	250	51,76	01	0,43	08	3,43
Ajuricaba	1.431	1.141	80,0	290	20,0	567	49,69	551	97,18	574	50,31	06	1,06	10	1,76
Augusto Pestana	1.531	1.300	85,0	231	15,0	744	57,23	662	88,84	556	42,77	40	5,38	42	5,78
Total Reg. Pioneira .	16.457	10.470	63,5	5.987	36,5	4.812	45,96	4.538	94,31	5.658	54,04	113	2,34	161	3,34
Total Reg. D. Pedrito	2.190	995	44,5	1.195	54,5	359	36,08	349	97,21	636	63,92	1	0,28	9	2,51
Maracaju	1.192	352	29,5	840	70,5	160	45,45	156	97,5	192	54,55	01	0,62	03	1,88
Sidrolândia	379	197	52,0	182	48,0	86	43,65	85	98,84	111	55,35	-	-	01	1,16
Rio Brilhante	596	303	51,0	293	49,0	163	53,79	162	99,38	140	46,21	-	-	01	0,62
Dourados	1.714	1.141	66,5	573	33,5	477	41,8	473	99,1	664	58,2	02	0,4	02	0,4
Bonito	176	161	91,5	15	8,5	80	49,68	78	97,5	81	50,32	01	1,25	01	1,25
Total Geral MS	4.057	2.154	53,0	1.903	47,0	966	44,84	954	98,76	1.188	55,16	04	0,42	08	0,82
Total Geral Cotrijuí .	22.704	13.619	60,0	9.085	40,0	6.137	45,06	5.841	95,18	7.482	54,94	118	1,92	178	2,90



MS renova em 83%

44,8% dos aptos participaram da eleição

comparecimento às urnas de 36,09 por cento. O percentual de abstenção foi de 63,92 por cento. Houve um decréscimo na participação, se comparado com o resultado da eleição de 83, de 2,7 por cento

A RENOVAÇÃO

A tendência de renovação dos representantes da Cotrijuí nesta última eleição foi meio parelha, atingindo não apenas a Regional Pioneira, mas também o Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito. Na Regional Pioneira a renovação foi de 69,10 por cento. Dos 110 representantes eleitos, apenas 34 permaneceram no cargo. 76 são novos representantes, muitos deles eleitos pela primeira vez para a função. Alguns já têm experiência de outras gestões, no período em que a Estrutura do Poder funcionava em caráter experimental.

A mudança mais expressiva aconteceu na unidade de Coronel Bicaco, onde a renovação chegou a 100 por cento. Os associados daquela unidade elegeram 7 novos representantes. Na unidade de Santo Augusto a renovação, também bastante significativa, chegou a 83,34 por cento. Apenas 2 representantes foram confirmados no cargo, enquanto os demais, 10, estão cumprindo mandato pela primeira vez. Também na Unidade de Jóia o percentual de renovação chegou a 83,34 por cento. De um total de 6 representantes a que tinha direito essa Unidade, apenas um foi reeleito.

Na unidade de Ijuí conseguiram se reeleger apenas 6 representantes de um total de 33. O percentual de renovação foi de 81,82 por cento. Tenente Portela foi a unidade que apresentou o menor percentual de renovação: 45 por cento. De um total de 27 representantes, 15 conseguiram a reeleição e 12 são novos. Na Regional de Dom Pedrito o percentual de renovação foi de 60 por cento. Permaneceram 6 representantes e foram eleitos 9 novos associados para o Conselho. Mas a mudança mais significativa no Conselho de Representantes aconteceu na Regional do Mato Grosso do Sul. O percentual de renovação alcançou, 83 por cento, contra os 79 por cento alcançados na eleição de 1.983. Entraram 24 novos representantes e se reelegeram 5.

A renovação em 83 por cento dos membros do Conselho de Representantes — dos 29 eleitos 24 exercerão a função pela primeira vez — e, também, uma boa distribuição dos eleitos dentro da Região Cotrijuí em Mato Grosso do Sul foram os principais resultados da eleição realizada em 22 de agosto.

Os associados de Mato Grosso do Sul tiveram um total de 28 urnas espalhadas pelas unidades, postos de recebimento e outros locais mais próximos a suas residências para escolherem seus novos representantes. Isto possibilitou a participação de 44,84 por cento dos associados aptos a votar, índice que só não foi maior em função do reinício da colheita do trigo, depois de mais de uma semana sem sol, com chuvas frequentes.

A Regional teve um total de 2.154 associados aptos a votarem, o que representa 53 por cento do total de associados. Destes, 966 participaram do processo de escolha dos novos representantes, com uma margem de 0,42 por cento de votos em branco (4 votos) e 0,82 por cento (8 votos) que foram considerados nulos (veja tabela à página 10).

A unidade de Rio Brillante foi a que registrou maior participação na eleição. Dos 303 associados aptos a votar, 163 compareceram a uma das três urnas instaladas em sua área de abrangência, o que representa 53,79 por cento dos aptos. Em segundo lugar na participação dos associados ficou a unidade de Bonito, com um índice de 49,68 por cento, ou seja, votaram 80 dos 161 associados aptos a exercerem o direito do voto.

ENGAJAMENTO

A avaliação feita após a apuração dos votos mostrou que o interesse manifesto pelos associados quando da indicação dos nomes sugestão foi bem aceita pelos votantes. O alto índice de renovação alcançado nesta eleição — o maior das três Regionais — permitirá o engajamento de um novo grupo de associados na discussão das políticas gerais da cooperativa. Isto significa novas idéias, novas propostas, enfim, uma maior oportunidade de crescimento para a cooperativa e seu quadro social.

As Unidades de Maracajú e Bonito renovaram totalmente seus representantes eleitos, enquanto que o índice de renovação foi de 75 por cento nas uni-



966 associados elegeram os novos representantes de Mato Grosso do Sul

dades de Dourados e Rio Brillante. Em Sidrolândia, um foi reeleito para a função que será exercida juntamente com dois novos membros, com uma renovação de 66 por cento.

A boa distribuição dos eleitos na Região Cotrijuí em Mato Grosso do Sul permitirá também uma maior representatividade dos associados nos contatos com a direção da cooperativa e desta com o quadro social. Praticamente todas regiões de maior concentração de associados conseguiram eleger representantes efetivos, quadro este que fica completo se considerarmos os suplentes.

Os números mostram ainda o elevado espírito de participação dos associados da cooperativa junto ao posto de recebimento de Montese, localizado em região onde predominam as pequenas propriedades. Além de registrar o maior índice de participação na eleição, os associados de Montese conseguiram eleger quatro representantes efetivos entre os 12 eleitos pela unidade de Dourados, a qual está subordinado o posto.

Darci Quequeto, um dos novos representantes eleitos a 22 de agosto, justamente por Montese, acredita que o posto terá agora maior atenção, dentro das possibilidades da cooperativa. A antiga reivindicação de que seja melhorado

o fluxo de recebimento de produtos (novas moegas e um secador) do posto será novamente levada a direção da Regional, desta vez com o reforço dos quatro eleitos.

O novo representante considera da maior importância a função que passou a exercer, por ser ela um meio de aproximação e diálogo da direção com os associados. Ele, que já esperava ser eleito, garante que fará o máximo para bem representar os associados, não apenas de sua região, mas também de todo o Mato Grosso do Sul.

Para Darci, o compromisso assumido é de participação, e garante que seguirá o exemplo dado pelos demais associados de Montese, posto que tem se caracterizado por expressivos índices de participação dos associados nas reuniões, seminários e, até mesmo, nas eleições.



Darci Quequeto

PERCENTUAL DE RENOVAÇÃO DO QUADRO DE REPRESENTANTES ELEITOS EM 22.08.86 — ÁREA DE AÇÃO DA COTRIJUI

REGIONAIS UNIDADES	PERMANECERAM		NOVOS	
	Nº	%	Nº	%
Regional Pioneira				
Tenente Portela.15	55	12	45
Chiapetta.02	40	03	60
Augusto Pestana.04	40	06	60
Santo Augusto.02	16,66	10	83,34
Ijuí.06	18,18	27	81,82
Coronel Bicaco.			07	100,00
Jóia.01	16,66	05	83,34
Ajuricaba.04	40	06	60
Total R. P.34	30,90	76	69,10
Regional D. Pedrito				
Efetivos.06	40	09	60
Regional M. G. Sul				
Dourados.03	25	09	75
Maracaju.	—	—	08	100
Sidrolândia.01	34	02	66
Rio Brillante.01	25	03	75
Bonito.	—	—	02	100
Total M. G. Sul.05	17	24	83
Total Cotrijuí.45	29,22	109	70,78

Um desafio

Eleito pela primeira vez desde que a Estrutura do Poder foi colocada em funcionamento na Cotrijuí, o associado Onorildo Zangirolami, representante escolhido pela região de Chorão, Ijuí, não esconde que a princípio, não pretendia ser candidato. No primeiro convite, ele já não aceitou concorrer, mas durante uma reunião de núcleo, seu nome foi sugerido e colocado em votação. Resultado: seu Zangirolami foi escolhido por unanimidade para representar a região de Chorão nessa eleição.

Conta que não esperava ser eleito porque não saiu pela vizinhança para fazer campanha política em cima do seu nome. Agora, depois de eleito, ele está se propondo a enfrentar mais esse desafio em nome dos associados da Cotrijuí que o elegeram como seu representante. "Estou consciente de que a responsabilidade que tenho pela frente é muito grande, diz. Serei o porta-voz do meu núcleo junto a Cooperativa e também

terei a responsabilidade de transmitir informações da cooperativa para os associados que me elegeram".



Onorildo Zangirolami

UMA MÃO NA RODA

Para o seu Zangirolami o representante tem sido uma mão na roda para a Cooperativa. "O trabalho do representante tem ajudado a Cotrijuí a superar as suas dificuldades. A diretoria trabalha de acordo com os representantes, que, agora, tem a chance de participar mais das decisões da Cooperativa. Diz que ainda não tem um plano de trabalho, porque primeiro quer se inteirar da situação da Cotrijuí. "O trabalho realizado pelos representantes anteriores foi fundamental para a vida da Cooperativa. Muita coisa já foi feita e encaminhada, mas ainda temos muito trabalho a fazer".



Os novos representantes

O índice de renovação registrado na Regional Pioneira foi de 69,10 por cento. De um total de 110 representantes, 76 foram eleitos em 22 de agosto

REGIONAL PIONEIRA

IJUI

Efetivos

Agostinho Czyzeski,
Amário Becker,
Antônio Kremer,
Antonio Nilo Schirmer,
Armindo R. Deckert,
Arno Berno
Cláudio José Gonch oroski,
Delmar Barriquello,
Enio Sadi Tiecher,
Erhard Kuhn,
Gilmar Roberto Goi,
Israel da Rocha,
Jaime Wender,
Leo Foletto,
Leocir Vadas.
Leonildo Gabbi.
Lindolfo Becker Sobrinho,
Lourenço Francisconi,
Luciano Decker,
Luiz Carlos Busanello,
Luiz Kusiak,
Mário Darci Jacoboski,
Nilto Irineo Gottens,
Onorildo Zangirolami,
Rudi Arno Bonemann,
Orlando Becker,
Silvestre Antonello,
Silvio João Góí,
Valdir Domingos Zardin,
Valdir Ferrari,
Valmir Kettenhuber,
Victório A. Muraro,
e Zeno Lauro Heck.

Suplentes

Airton da Rosa,
Alfredo Dal Forno Sobrinho,
Ari Bruno Garros,
Ari Joel Noronha,
Avelino Stochero,
Bruno A. Lindner,
Dante Tissot,
Darci Destefani,
David Lorenzoni,
Edio R. Krug,
Egon Eickhoff,
Emílio Bartz,
Ervino Egon Preissler,
Eumídio Jappe,
Evaldir Maroski,
Gilberto A. Brum,
Ilo Erno Buch,
Ítalo Seibert,
Lotário Seibert,
Lotário Wadas,
Luís Wisnheski,
Luiz da Rosa,
Luiz Fridricheski,
Oldemar Brissov,
Orlando Thomas,
Osmar Machado dos Santos,
Provenir A. Grohs,
Reinoldo Dobler,
Reinoldo Seibert,
Renato Wender,
Reny Fortunatto Bigolin,
Santo A. Dezordi
e Valdemar Michael.

AUGUSTO PESTANA

Efetivos

Antenor Bruinsma
Bruno Schneider,
Eduardo Amandio Schneider,
Erno Schneider,

Hilnon Guilherme Correa Leite,
Mirto Arno Drews,
Nelson Wille,
Nerci Rohden
Olávio Erno Hoerle,
Ricar do Guiotto,

Suplentes

Albin o Mescemino Ghisleni,
Antonio Guiotto
Celso Inácio Gubert
Emílio Hasse
João Emílio Schneider
João Hélio Tissot
Jorge Almir Matte
José Anesi
Nelio Antoninho Ceribola
Sérgio Menegol

JÓIA

Efetivos

Antonio Carlos Conceição
Janio Andreatta
Jorge Cleiton Gonçalves
Milton Driemeyer
Valdir José Lassen
Waldemar Berlin

Suplentes

Acílio Wilneck
Alcides Bazzan
Almiro da Silva Brittes
Honório Burtet
Jaime Andreatta
José Gabriel Machado

CORONEL BICACO

Efetivos

Arão Oliveira de Souza
Ari Maffi
Getúlio Zelino Kerpel
Jair Rinaldi
João Carlos Ferando Batista
Pedro João Batista Vicente Fava
Valcir Dallabrida

Suplentes

Braulio Martins da Rocha
Erich Breunig
João Walter Bueno da Silva
Mário Scopel
Oldemar Lütz de Barcellos
Osmildo Pedro Bieleski
Pedro Bizarello

CHIAPETTA

Efetivos

Celso Maboni
Dirceu Guarda Lara
Helmuth Ratz
José Rither de Oliveira
Romildo Maboni

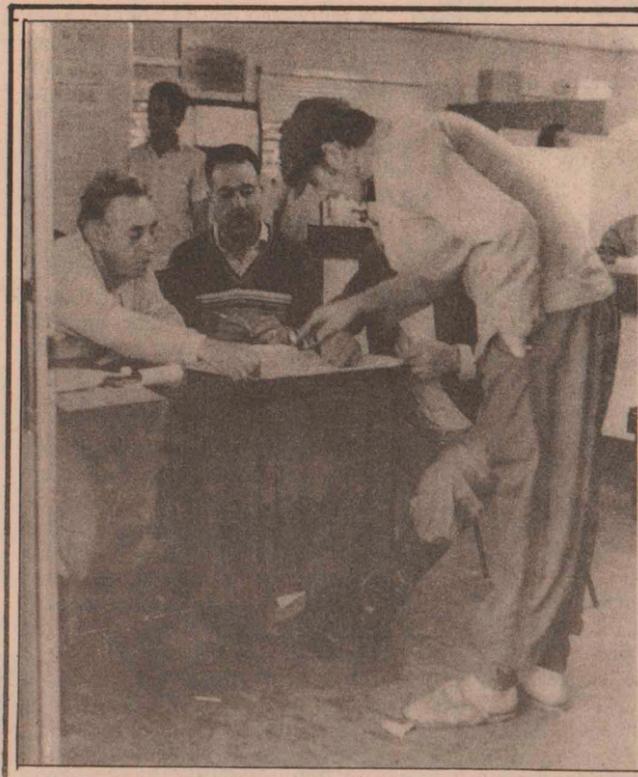
Suplente

Arno Schreiber
Hélio Weber
João Sartori
Lauro Fritzen
Nerci Otonelli

AJURICABA

Efetivos

Deniz Espedito Serafini
Edgar Prauchner
Enir Bandeira
Floriano Jorge Breitembach
Jaime Braz Sperotto
Juares Torquetti
Leonides Dallabrida



Dos 10.470
associados
aptos a
votar na
Região
Pioneira,
apenas 4.812
puderam votar

Miguel Sapiezinski
Paulo Otonelli
Vitalino Francisconi
Suplentes
Ademar Eickhoff
Arnaldo Redlich
Benjamin Giesler
Clementino A. Sperotto
Dair Fischer
Dari Bandeira
Edgar Freier
Egon Gerke
Luiz Ottonelli
Valfrides Alves de Souza

SANTO AUGUSTO

Efetivos

Batista Chiusa
Clóvis Pompeu de Mattos
Heitor Rodrigues Antonio
Idalino Speroni
Italvino Sperotto
Ivo dos Santos Oliveira
Ivo Gonçalves de Lima
Jacques Delaflora
João Batista Fucilini
Jorge Roncato
José Lori Flores Gonçalves
Wandir Edgar Krüger

Suplentes

Antonio Ausani
Arcelino Beazi
Edgar Prochnow
Honório Rodolpho Hattge
Irineu Tontini
José Heitor Copetti
Luiz Schreiber
Miguel Rotilli
Osvaldino V. da Silva
Peri Rolim Machado
Reinoldo Bartsch

TENENTE PORTELA

Efetivos

Afonso Amandio Ritter
Avelino Righi
Antonio David Rigo
Ari Salla
Arlindo Valk

Arnildo Holtz
Benjamin Bandeira
Bernardo Alfredo Figur
Bruno Helvino Arnemann
Darli Kluge
Dealmo Schneider
Deoclides Eloy
Dionisio Francisco Ortolan
Enio Julio Dal Soto
Enor Carniel
Euclides Rossetti
Evalte Borth
Félix Gotardo
Francisco Deoclides Tuzzin
Lino Domingos Vincenzi
Mário Paludo
Nelson Coldebella
Nilson Calgaro
Odilon Rigo
Osmar Luiz Selle
Pedro João Avrella
Xisto Micolino
Suplentes
Alcides João Tamiozzo
Aléssio Fontaniva
Alexandre Zatti
Algiro Pio Bandeira
Alivino Lourenço Tamiozzo
Angelin Salla
Athos David Marangon
Belarmino Bordinhão
Benru Albrecht
Delarmando Portolan
Elo Müller
Erno Elsenbach
Eugênio Reimann
Flori Pommer
Jerônimo Politwiski
Lauro Petry
Luiz Silvestre
Milton Luiz Calgaro
Nelson Rafaeli
Nelson Schlemmer
Selenio Sandri
Theobaldo Elsenbach
Valdemar Breunig
Valdir Antonio Splendor
Valdir Pedro Gabriel
Valmir Rotilli
Willy Bruno Breunig



A posse no dia 25

Os novos representantes da Regional Pioneira foram empossados pelo diretor-presidente da Cotrijuí

A participação do associado na vida da sua cooperativa é fundamental. A afirmação foi feita pelo diretor-presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti ao dar posse, na segunda-feira, dia 25 de agosto, aos 110 novos representantes eleitos na área de atuação da Regional Pioneira. A solenidade de posse aconteceu na Afucotri de Ijuí com a participação de todos os novos representantes eleitos. Também estiveram presentes alguns ex-representantes, conselheiros, diretores, o superintendente Antoninho Boiarski Lopes e o vice-presidente da Cotrijuí na Pioneira, Celso Sperotto.

Ao destacar a importância da participação do associado na cooperativa, Oswaldo Meotti lembrou das dificuldades que o sistema atravessa, principalmente no Rio Grande do Sul, onde algumas colônias, que aparentavam bases sólidas, sofreram violentos colapsos, comprometendo não apenas a sua estrutura, mas todo o sistema gaúcho. Disse ele ainda:

— A Cotrijuí pode se ufanar por estar atravessando todas estas turbulências, que não só atingiram o sistema como um todo, como também são resultados das freqüentes mudanças nas regras da política agrícola nacional.

Para Oswaldo Meotti a Cotrijuí está conseguindo superar este momento turbulento graças a participação do quadro social nas decisões da Cooperativa. “Se os nossos antecessores foram desbravadores no sentido da expansão da Cotrijuí, não houve descuido para a expansão da mentalidade do produtor”. Na medida em que se construía mais armazéns, também se procurava trabalhar em cima de uma maior participação do associado nas decisões da Cooperativa. Lembrou o pioneirismo da Cotrijuí na escolha do representante, colocada em prática em 1979, contrariando a legislação e somente aprovada por um plebiscito realizado em 1984. “É um sistema inédito e que hoje vem sendo copiado por outras cooperativas”.

A PRIMEIRA ELEIÇÃO ESTATUTÁRIA

Oswaldo Meotti disse que a Cotrijuí vive um momento histórico através da realização da primeira eleição estatutária para a escolha dos novos membros do Conselho de Representantes. As três eleições anteriores tiveram caráter experimental. “Foi uma eleição, ressaltou, desenvolvida pelos próprios produtores, através de suas entidades e com a pouca participação da diretoria”. Considerou o alto índice de renovação entre os representantes (ver matéria na página 10) como um forte indício de que o associado está demonstrando interesse em acompanhar a vida de sua cooperativa. “Quanto mais houver mudanças a cada eleição, mais



A posse dos novos representantes da Cotrijuí na Regional Pioneira

estaremos intelectualizando o produtor na vida da sua Cooperativa. O próprio associado está sentindo que é somente através da participação que poderá evitar as surpresas desagradáveis que às vezes têm ocorrido dentro do sistema”, disse.

Mais adiante lembrou que a Cotrijuí vem passando por dificuldades até em função do seu ineditismo, mas que agora atravessa um processo de sedimentação. “Os problemas existem, até mesmo aqueles de relacionamento entre os próprios representantes, conselheiros e funcionários, disse, garantindo por outro lado, que não existe nenhum problema sem solução. E numa comparação bastante singela disse que o representante é, ao mesmo tempo, o vereador, porque representa os interesses do seu núcleo, o deputado estadual, quando traz as reivindicações para a sua Unidade e o deputado federal, quando trabalha na sede da Cooperativa. Ele passa a ser o senador quando se reúne com os representantes das demais regionais.

DIVERSIFICAÇÃO

Depois de uma análise rápida em cima da política agrícola que vinha sendo adotada, sempre voltada para a produção de produtos de exportação, Oswaldo Meot-

ti fez um alerta e disse que não apenas a Cotrijuí, mas todo o sistema cooperativista deve se preparar para enfrentar novos desafios daqui para a frente. “As mudanças vão exigir certos investimentos na área produtiva e na agroindústria, no sentido de melhor comercializar a produção”. Entre os desafios ele colocou o da diversifi-

cação das atividades da propriedade, um trabalho já encampado pela própria Cotrijuí há vários anos. Concorda que o ciclo da soja está se esgotando, embora nenhum produtor vá deixar de plantar o produto. “A soja, disse por fim, apenas não vai mais comandar a nossa economia agropecuária”.

MATO GROSSO DO SUL

Maracaju

Efetivos

Aldir Nestor Bazana
Ari Abrão Viapiana
Bruno Rudolfo Leiberknecht
Cristiano André Paridaen
Fredolino Otto Waldow
Jan Pitter de Reus
Realdo Cervi
Sérgio Tesser

Suplentes

Abilio Vicenzi
Armindo Comparin
Edio Germano Drews
José Lino Vicenzi
Luiz Carlos Roos
Orlando Limberger
Pedro Nivaldo Wilke
Reinaldo Azambuja Silva
Sidrolândia

Efetivos

Daltro Fiuza
Eurico Alves de Souza
Izidro Gea Cabrera

Suplentes

Bernardino Stefanello
Derci N. Nunes Pereira
Luiz Cesar de Menezes
Rio Brillante

Efetivos

João Renato Barbosa Ceolin
Juventil Brignoni
Oscar Luiz Giuliani
Paulo Ezio Ciel

Suplentes

Claudio João de Marco
Luiz Carlos Meazza
Valdomoro Redemski
Vicente José Migotto
Dourados

Efetivos

Alcides de Souza Goes
Almir Decian
Antonio Augusto Rubin
Darci Quequeto
Dimas Matias de Arruda
Frederico Antonio Stefanello
José Edmar R. do Nascimento
José Gris

Luiz Colpani Sobrinho
Nelson Meert
Norberto Schneider
Ugo Cornachini

Suplentes

Alfonso Pedro Eidt
Artemio Agostini
Aurelio Zanella
Dirceu Missio
Geraldo Cornelli
Ivo José Basso

João Walmer Moreira
Lucas Vital da Silva
Mário Dierings
Selvino Pause Frich

Bonito

Efetivos

Marcos Lírio Zanetti
Paolo Manno

Suplentes

Henrique Berguli
Nilton Pickler

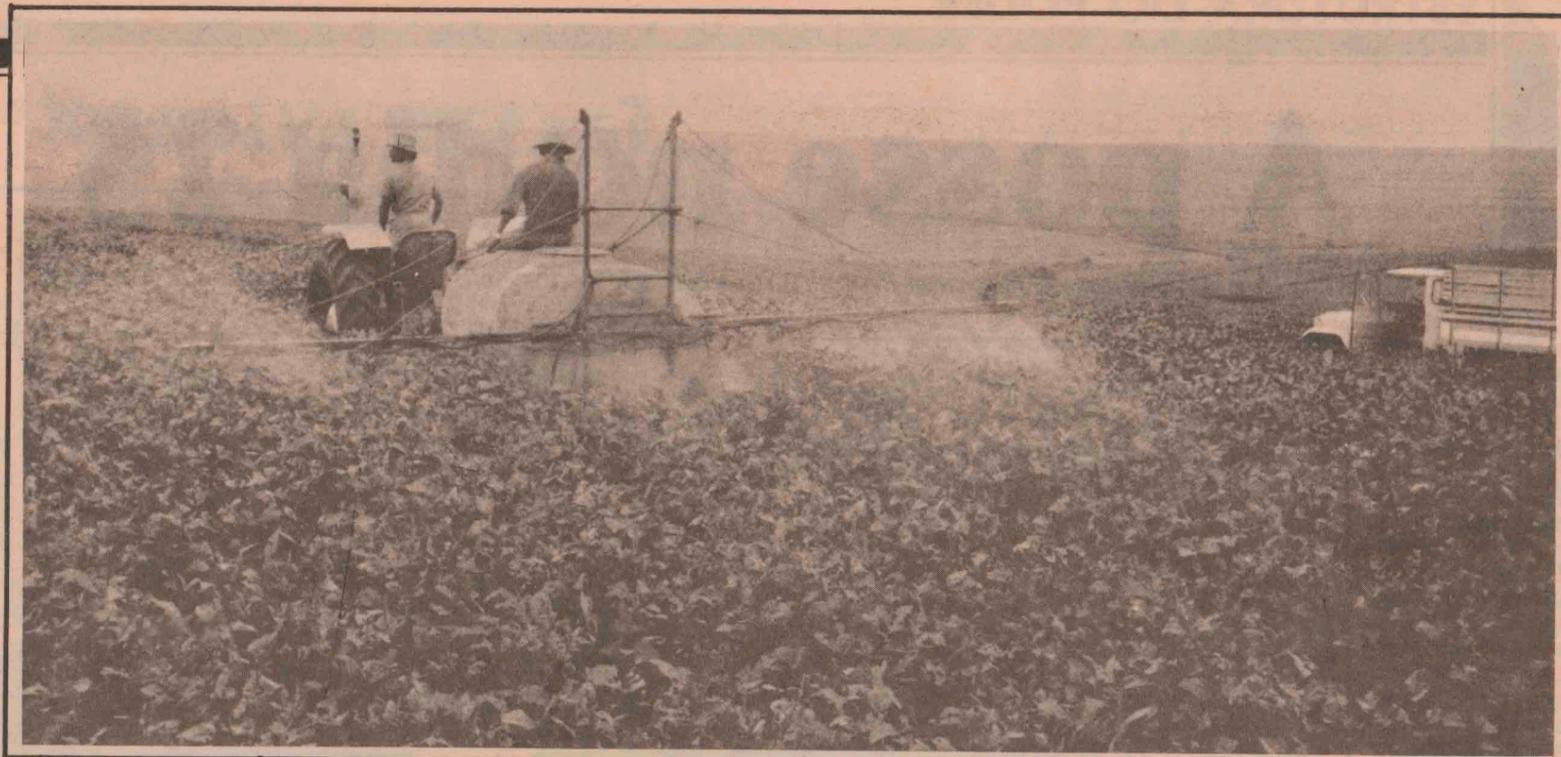
DOM PEDRITO

Efetivos

Carlos Roberto Comasseto
Darci Maciel
Edegar Pereira Severo
Edelvio Barreto
Elonir Severo
Francisco da Silva Farinha
João Alberto Blanco
Lídio Dalla Nora Bastos
Neli Farias
Otacilio Pereira Severo
Rogério Zarth
Ruy Adelino Raguzzoni
Sabino Moro
Tolentino Fonseca
Urbano Adolfo Veiga Freire

Suplentes

Agripino Espinosa
Alvio Antolini
Antonio João Martins
Clodomiro Munhoz
Danubio Mazzini Canarin
Dinaldo José Dupond
Gentil Rafael Possebom
Jorge Everardo Peres
José Caminha Coelho Leal
Luiz Carlos Petrarca
Luiz Forcin
Pascoal Marcelo Brandi
Paulo Roberto Tarouco
Pedro Afonso Soares Pereira
Zeferino Mário Piveta



A Cooperativa realizará, a pedido da Fundacentro, 2.700 testes de laboratório com pessoas que manuseiam ou aplicam agrotóxicos. A Região Pioneira será a única abrangida pelo programa do governo no Estado

Medindo as intoxicações

Cotrijuí ajuda na avaliação dos danos causados pelos venenos ao agricultor

As intoxicações por agrotóxicos terão, finalmente, a atenção que deveriam ter merecido há muitos anos no país. A Fundacentro — Fundacentro Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho, ligada ao Ministério do Trabalho, está implantando o Programa de Vigilância Epidemiológica em Toxicologia de Agrotóxicos. O Programa irá apurar, inicialmente com uma amostragem, dados sobre os danos que as intoxicações provocam à saúde de agricultores e trabalhadores rurais dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais.

O Programa, que pretende ser permanente, tem sua primeira etapa implantada agora, em setembro, e irá abranger, no Rio Grande do Sul, apenas a chamada Região Pioneira da Cotrijuí. A Cooperativa foi escolhida pela Fundação para desenvolver o trabalho nos oito municípios onde mantém unidades (Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Jóia, Coronel Bicaco, Chiapetta, Tenente Portela e Santo Augusto). Trata-se de um trabalho de campo, com a realização de exames de sangue em pessoas que lidam com agrotóxicos, e que permitirá uma avaliação dos índices de intoxicação dessa população.

FALTAM DADOS

O médico Rogério Machado de Souza, da Cotrijuí, irá coordenar o Programa na área de ação da Cooperativa, que contará com uma equipe de três pessoas, auxiliadas por funcionários das unidades. A coleta e análise do material terão a coordenação da enfermeira Gilda Maria Ravanello Mariosi, também da Cotrijuí, sendo que o planejamento e a execução envolvem os departamentos de Medicina e Segurança, Agrotécnico e Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cooperativa.

Rogério observa que não existem até hoje dados precisos que demonstrem, por estatísticas, a dimensão dos problemas causados pelas intoxicações por agrotóxicos. Muitas das ocorrências não são registradas, e não são poucos, ao mesmo tempo, os casos de intoxicações provocadas, por exemplo, por alimentos, que se confundem com problemas causados por produtos químicos aplicados na lavoura. Ele reconhece que o trabalho da Fundacentro surge com atraso, mas poderá contribuir para que se tenha uma noção mais exata dos efeitos dos agrotóxicos sobre a saúde das pessoas que manipulam e aplicam esses venenos.

ORGANOFOSFORADOS

Serão avaliadas as intoxicações provocadas pelos produtos organofosforados, que não deixam efeitos residuais no organismo mas seriam — conforme as estatísticas — responsáveis pelo maior número de intoxicações agudas no país. A Cotrijuí recebeu um equipamento para a realização dos exames, que serão feitos nas unidades, através da coleta de sangue de agricultores e trabalhadores rurais. O teste de laboratório será realizado ali mesmo e irá indicar, se for o caso, os níveis de intoxicação de cada um dos examinados.

Esses testes, com a utilização de reagentes, irão medir a presença da enzima chamada colinesterase no sangue. Rogério explica que, quando de intoxicações, nota-se uma redução na presença dessa enzima na corrente sanguínea. Na região da Cotrijuí serão realizados 2.700 testes em mais de mil pessoas. A intenção é de submeter a mesma pessoa a pelo menos dois testes, ou mais se for preciso, pois esta etapa se estenderá até janeiro de 87.

OS EXAMES

Segundo o médico, serão examinadas pessoas que tenham lidado recentemente ou estejam lidando com agrotóxicos, e outras que não tenham manuseado ou aplicado venenos há pelo menos três meses. As mesmas pessoas serão depois examinadas em situações diferentes, para que possam ser avaliadas suas condições de saúde em períodos durante e após a aplicação e vice-versa. Esse procedimento é adotado porque o organofosforado não deixa efeitos residuais.

A pessoa que demonstrar sinais de intoxicações, revelados nos testes, poderá ser submetida a novos exames, e ficará afastada de qualquer contato com os venenos por um período de três meses. O afastamento do trabalho é a recomendação usual, sem a necessidade de medicação, já que o próprio organismo tratará de reverter o quadro provocado pela intoxicação.

ENTREVISTA

Mas o levantamento de campo não ficará restrito aos exames. A Fundacentro quer também definir o perfil das pessoas que lidam com venenos, para saber, por exemplo, sua condição social (se é dono, arrendatário, meeiro ou empregado da área onde trabalha). A Fundação pretende apurar ainda, entre outros dados, o grau de informação desse pessoal, especialmente no que se refere aos agrotóxi-

cos, e as condições em que trabalham. Todas essas informações irão constar, junto com dados sobre as condições de saúde do examinado, de um extenso questionário a ser respondido em forma de entrevista pelo agricultor.

Com base nesse trabalho, a Fundacentro poderá obter um mapeamento das intoxicações em regiões produtoras dos

cinco Estados, oferecendo subsídios para que órgãos da área de saúde, com o apoio de outras entidades, desenvolvam programas permanentes de vigilância e acompanhamento. Segundo o plano da Fundação, o levantamento irá permitir ações integradas que ataquem problemas imediatos e também a concretiza-

ção de projetos de médio e longo prazo, corretivos ou preventivos. A própria Fundacentro sugere a realização de atividades educativas e informativas, dirigidas à população rural, para que — junto com programas de saúde — sejam evitadas as intoxicações. A avaliação dessa primeira etapa deverá ser conhecida em março de 87.



Rogério e Zilda com o equipamento enviado pela Fundacentro

A ameaça dos clorados

“Este levantamento irá contribuir para a conscientização dos produtores, quanto ao uso correto dos agrotóxicos”. Quem diz isso é o agrônomo Francisco Falcão Pereira, da Cotrijuí, que integra a equipe de coordenação do Programa da Fundacentro. Ele lembra que, nos últimos cinco anos, ocorreu uma acentuada redução no uso de venenos, na Região Pioneira da Cotrijuí, como decorrência do trabalho educativo desenvolvido pela Cooperativa e dos próprios problemas que a utilização indiscriminada de produtos químicos vinha causando.



Francisco Pereira

“sua redução na aplicação de inseticidas”, diz o agrônomo. Francisco explica que a pesquisa da Fundacentro abrange apenas efeitos causados pelos organofosforados, como Nuvacron, Dimetoato, Azodrin, Alacran e Folidol, já que estes são os responsáveis pelo maior número de intoxicações agudas. Os organoclorados, como DDT, Aldrin, Endrex e Endrin, causam as intoxicações crônicas, pelo acúmulo de resíduos no organismo.

O interessante é que os organoclorados estão proibidos no Rio Grande do Sul, por lei estadual, que sofre agora pressões dos grupos interessados na sua revogação. Já foi anunciado que o governo pretendia revogar as leis estaduais, através de legislação federal, permitindo novamente o uso dos organoclorados. Agrônomos, ecologistas e outros técnicos estão atentos, para que — segundo Francisco — não se repitam os erros do passado, que deixaram muita gente com intoxicações crônicas.

“Aos poucos, o produtor vai acreditando no controle biológico, e o que se nota, nesses últimos anos, é uma expres-

Demonstrações contábeis

O balancete da Cotrijuí e suas subsidiárias referente ao mês de julho de 1986

Continuando a publicação das Demonstrações Contábeis da Cotrijuí e suas subsidiárias, apresentamos o balancete do mês de julho de 1986.

Antes de tudo, cabe esclarecer o quadro social que um balancete é tão somente uma demonstração intermediária das operações realizadas pela empresa até a data base (no caso, julho). Desta forma, o balancete difere de um balanço, uma vez que na demonstração mensal não são feitos levantamentos físicos de estoques, sendo seus custos apropriados através de percentuais fixados com base em retrospectiva histórica. Dessa forma, fica evidente, o valor dos estoques fica sujeito a ajustes, apesar de não alcançar valores relevantes.

As contas do Passivo Exigível a curto prazo encontram-se com seus saldos atualizados até a data-base (julho/86), ou seja, com os encargos financeiros incidentes já apropriados. Poderão ocorrer ajustes por ocasião de confronto com a posição dos agentes financeiros, ocasionando reflexos no resultado.

As demonstrações contábeis do mês já contemplam os efeitos inflacionários, com base na OTN (Obrigações do Tesouro Nacional).

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS COTRIJUI

O resultado global da Cotrijuí apresentou no mês em análise uma evolução de 40 por cento em relação ao mês anterior. Ou seja, houve um crescimento positivo de Cz\$. . . 7.574 mil.

A Regional Pioneira continua

apresentando resultado negativo, sendo um dos fatores que contribuem para o prejuízo em questão, a despesa financeira gerada antes do Plano Cruzado. Nos meses de janeiro e fevereiro as despesas financeiras líquidas atingiram Cz\$. 22.151 mil, sendo que no período março a julho — cinco meses — montaram a Cz\$ 7.313, perfazendo o total de Cz\$ 29.464, conforme a presente demonstração.

Essa situação é um reflexo da já histórica descapitalização da Regional, que a obriga a busca permanente de recursos (empréstimos a altos custos ou vendas antecipadas), para suprir seu fluxo de caixa negativo. Aliado a isso, soma-se o custo

total do recebimento da safra de soja, da qual encontrava-se disponível para venda, em torno de 30 por cento do volume recebido. As demais Regionais apresentam resultados positivos, sendo que no "staff" está considerado a parcela do saldo credor da correção monetária.

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS SUBSIDIÁRIAS

Excluindo os reflexos inflacionários das demonstrações contábeis, verifica-se que o Irfa — Instituto Riograndense da Febre Aftosa e a Cotriexport Cayman, permanecem com resultados negativos. O Irfa concentra seu maior volume de ope-

rações em campanha de vacinação, o que deverá ocorrer nos meses de agosto, setembro e outubro. Portanto, sua situação tende a reverter ainda neste período. A Cotriexport Cayman, como já foi explicitado, persiste com resultados negativos. Está com as operações paralisadas, porém com custos financeiros incidentes sobre financiamentos contratados.

A publicação das Demonstrações Contábeis da Cotrijuí e subsidiárias no Cotrijornal, visa manter informado o quadro social, para que este acompanhe a evolução das operações do Grupo como um todo.

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS COTRIJUI — JULHO/86

RUBRICAS	COTRIJUI		REG. PIONEIRA		REG. RIO GRANDE		REG. DOM PEDRITO		REG. MATO GROSSO		STAFF	
	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%
ATIVO												
CIRCULANTE	751.338	27,2	283.236	28,0	13.978	2,6	158.377	48,1	291.710	34,6	4.037	1,0
DEPARTAMENTAIS	15	0,1	—	—	—	—	—	—	—	—	358.576	84,7
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	96.416	3,4	26.875	2,7	3.676	0,7	7.193	2,1	21.280	2,6	37.592	8,8
PERMANENTE	1.917.731	69,3	696.809	69,3	503.612	96,7	163.706	49,8	530.243	62,8	23.361	5,5
TOTAL ATIVO	2.765.500	100,0	1.006.720	100,0	521.266	100,0	329.276	100,0	843.233	100,0	423.566	100,0
PASSIVO												
CIRCULANTE	889.759	32,2	362.351	36,0	9.365	1,8	156.089	47,4	241.390	28,6	120.564	28,5
DEPARTAMENTAIS	—	—	175.117	17,4	23.898	4,5	57.836	17,6	101.710	12,1	—	—
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	202.954	7,3	2.955	0,2	18	0,1	5.535	1,6	4.248	0,5	190.198	44,9
RECEITAS DO EXERC. SEGUINTE	37.582	1,3	—	—	—	—	—	—	—	—	37.582	8,8
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	1.635.205	59,2	466.297	46,4	487.985	93,6	109.816	33,4	495.885	58,8	75.222	17,8
TOTAL PASSIVO	2.765.500	100,0	1.006.720	100,0	521.266	100,0	329.276	100,0	843.233	100,0	423.566	100,0
DEMONSTRATIVO DE RESULTADO												
REC. VENDAS/SERV. TERMINAL	1.365.680	100,0	569.081	100,0	36.974	100,0	139.120	100,0	619.997	100,0	508	100,0
(-) CUSTO VENDAS/SERV.	1.139.717	83,5	484.466	85,2	30.236	81,8	105.856	76,1	518.736	83,7	423	83,3
RESULTADO BRUTO	225.963	16,5	84.615	14,8	6.738	18,2	33.264	23,9	101.261	16,3	85	16,7
(+) OUTRAS RECEITAS	37.414	2,7	18.334	3,2	557	1,5	4.683	3,3	13.724	2,2	116	22,8
(-) DESPESAS GERAIS	226.319	16,6	98.558	17,3	1.010	2,7	33.238	23,9	87.838	14,1	5.675	1.117,1
(-) ENC. FINANC. LIQ.	10.532	0,7	29.464	5,1	3.541	9,5	4.259	3,0	(2.579)	0,4	(24.153)	4.754,5
RESULTADO OPERACIONAL	26.526	1,9	(25.073)	(4,4)	2.744	7,4	450	0,3	29.726	4,8	18.679	3.676,9

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS EMPRESAS SUBSIDIÁRIAS — JULHO/86

RUBRICAS	COTRICIA		IRFA		COTRIDATA		BOM PASTOR		TRANSCOOPER		COTRISEGURO		COTRICAYMAN	
	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	US\$	%
CIRCULANTE	26.464	38,0	18.161	40,5	4.216	59,8	2.480	36,3	1.628	40,7	416	77,8	2.198	53,6
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	21.713	31,1	8.602	19,1	—	—	—	—	40	1,0	—	—	1.901	46,4
PERMANENTE	21.521	30,9	18.123	40,4	2.834	40,2	4.346	63,7	2.333	58,3	119	22,2	—	—
TOTAL ATIVO	69.698	100,0	44.886	100,0	7.050	100,0	6.826	100,0	4.001	100,0	535	100,0	4.099	100,0
PASSIVO														
CIRCULANTE	28.854	41,4	4.496	10,0	1.853	26,3	699	10,2	690	17,3	59	11,0	6.777	165,3
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	50.360	72,2	20.101	44,8	18	0,3	161	2,4	64	1,6	—	—	—	—
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	(9.516)	(13,6)	20.289	45,2	5.179	73,4	5.966	87,4	3.247	81,1	476	89,0	(2.678)	(65,3)
TOTAL PASSIVO	69.698	100,0	44.886	100,0	7.050	100,0	6.826	100,0	4.001	100,0	535	100,0	4.099	100,0
DEMONSTR. DE RESULTADO														
REC. VENDAS/SERVIÇOS	34.511	100,0	10.724	100,0	9.533	100,0	3.877	100,0	24.559	100,0	812	100,0	2.025	100,0
(-) CUSTO VENDAS/SERVIÇOS	32.116	93,1	5.160	48,1	7.205	75,6	3.513	90,6	22.141	90,2	521	64,2	2.016	99,6
RESULTADO BRUTO	2.395	6,9	5.564	51,9	2.328	24,4	364	9,4	2.418	9,8	291	35,8	9	0,4
(+) OUTRAS RECEITAS	385	1,1	1.558	14,5	565	5,9	208	5,4	172	0,7	43	5,3	11	0,5
(-) DESPESAS GERAIS	3.904	11,3	5.158	48,1	1.250	13,1	260	6,7	1.862	7,6	3	0,4	2	0,1
(-) ENC. FINANC. LIQ.	+ 2.221	6,4	4.319	40,3	45	0,5	10	0,3	135	0,5	1	0,1	353	17,4
RESULTADO OPERAC.	1.097	3,1	(2.355)	(22,0)	1.598	16,7	302	7,8	593	2,4	330	40,6	(335)	(16,6)
(-) PROV. IMP. DE RENDA	—	—	—	—	385	4,0	—	—	—	—	—	—	—	—
CORREÇÃO MONETÁRIA	- 2.972	8,6	- 1.426	13,3	- 499	5,2	—	—	- 657	2,7	- 16	2,0	—	—
RÉDITO	(1.875)	(5,5)	(3.781)	(35,3)	714	7,5	302	7,8	(64)	(0,3)	314	38,6	(335)	(16,6)

TERRAÇO DE BASE LARGA

Um goleiro na lavoura

“O terraço de base larga é apenas o goleiro. O resto do time quem escala é o próprio produtor”. A afirmação foi feita pelo técnico agrícola Fábio Scalco, da Emater de Santa Rosa, ao receber um grupo de produtores de Ijuí. A visita foi decidida durante uma reunião da Comissão de Conservação de Solos de Ijuí e tinha como meta fazer com que os produtores da região, envolvidos no programa de conservação de solos conhecesse o trabalho que vem sendo realizado em Santa Rosa, especialmente na região de Candeias. Além dos produtores, também participaram da visita técnicos da Cotrijuí, Emater, professores do Imeab e dois representantes da Prefeitura Municipal.

O trabalho de conservação de solo, através da construção de terraços de base larga e recuperação de barrocas e do talude de estradas do interior vem sendo desenvolvido há cerca de quatro anos pela Emater de Santa Rosa, com o apoio da Cooperativa de Candeias e da Prefeitura Municipal de Santa Rosa.

ATÉ PELAS ESTRADAS

Na região de Lajeado Capoeira, os produtores visitaram a propriedade dos irmãos Cleto e Ivo Bortoli. Além dos ir-

mãos Bortoli, mais três produtores lineiros estão envolvidos no trabalho de conservação do solo. Os terraços ligam uma propriedade a outra, atravessando, inclusive, as estradas. A maioria das lavouras desta região já estão com a quarta cultura em cima e até agora os terraços de base larga, que ocupam uma área de 120 hectares, ainda não necessitaram de qualquer retoque, segundo explicou o próprio Scalco.

O segredo da conservação dos terraços de base larga, segundo o técnico, está no simples fato do produtor não usar mais a grade, para não compactar o solo e fazer, de preferência, o plantio direto. “Com o terraço de base larga, o produtor tem o goleiro na sua propriedade. Se quiser ganhar a partida, vai ter que escalar o resto do time através da adoção de outras práticas, como o plantio direto, a adubação orgânica, a correção do solo, e rotação de culturas e, jamais mexer na terra enquanto ela estiver molhada”. Disse ainda que o terraço não segura tudo sozinho e que a conscientização do produtor em procurar recuperar o seu solo conta muito no sucesso de qualquer programa.

Ao todo, o trabalho de construção



A recuperação de barrocas através do plantio de gramíneas

de terraços de base larga já atinge, no município de Santa Rosa, em torno de dois mil hectares. Na região de Candeia Baixa, onde os produtores também estiveram o trabalho está começando pela cabeceira dos lajeados. Nessa região já existem terraços com mais de três quilômetros de extensão. “O produtor precisa se dar conta de que está na hora de começar a segurar a água das chuvas dentro da lavoura”, disse ainda, lembrando ao mesmo tempo que o programa vem tendo a aceitação dos produtores de Santa Rosa até com uma certa facilidade.

Em Santo Ângelo os produtores visitaram o trabalho de recuperação da Bacia do rio Itaquirinchim, constituindo de uma área de 10 mil hectares e envolvendo

127 produtores. Na Cotrisa, a visita ficou restrita ao Centro de Atividades Agrícolas da Cotrisa, onde os produtores puderam conhecer, através do agrônomo e responsável pelo Centro de Atividades Amando Dalla Rosa, os vários trabalhos que vem sendo realizado na área de conservação de solos e rotação de culturas

“Nós podemos, disse o agrônomo, armazenar, muito mais água dentro da propriedade do que estamos acostumados a fazer”.

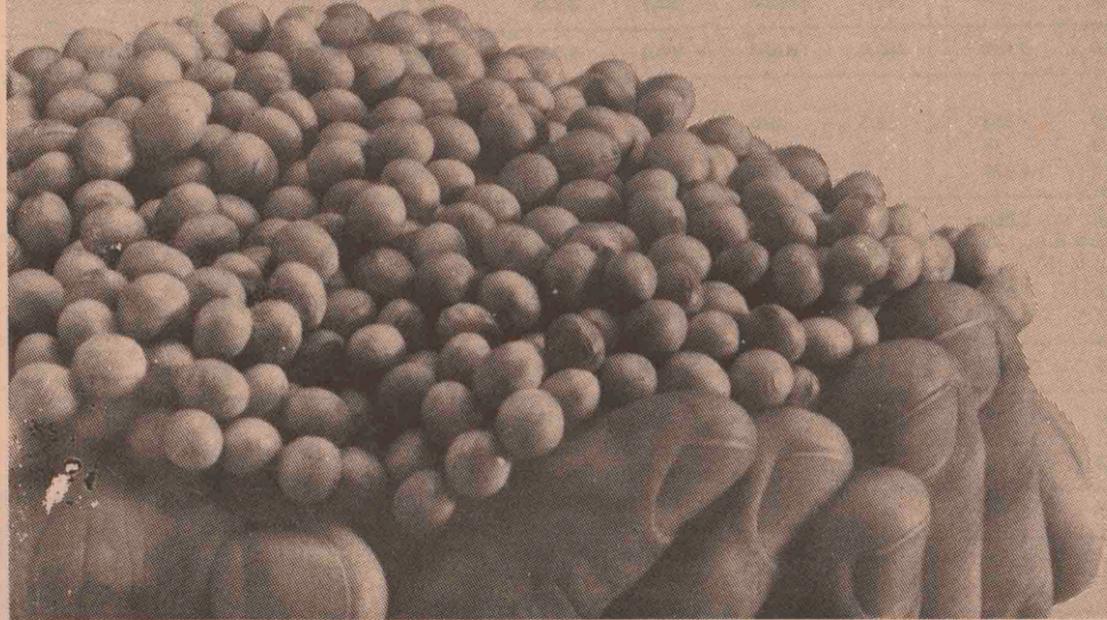


Fábio Scalco

DEU COBRA NA ÚLTIMA EXTRAÇÃO DE SOJA.

Na última safra, milhares de agricultores de todo o país ganharam em cheio com Cobra, um avançado herbicida seletivo que controla sozinho as principais invasoras de folhas largas da soja. Cobra mostrou, na prática, o seu largo espectro de ação. E provou que, mesmo em condições climáticas adversas, não afeta a cultura. O resultado disso tudo não poderia ser outro: muita produtividade, com a soja crescendo forte e bonita.

Quem usou Cobra também fez bastante economia, pois controlou diversas folhas largas com o custo de um só produto, sem misturas. E evitou desperdícios, pois sendo pós-emergente Cobra permite aplicações em manchas somente nas áreas infestadas. Quem usou Cobra ficou com um produto altamente eficaz, que aplicado até uma hora antes da chuva não perde o efeito. Faça como muitos agricultores. Aplique Cobra. Dá soja na cabeça e lucro no seu bolso.



COBRA
HERBICIDA

O mais avançado pós-emergente da agricultura moderna.

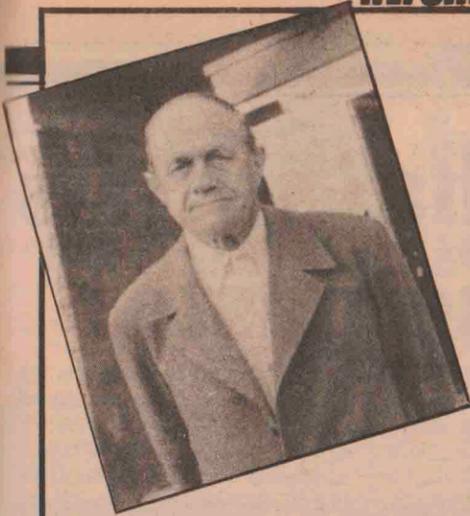


Com a segurança

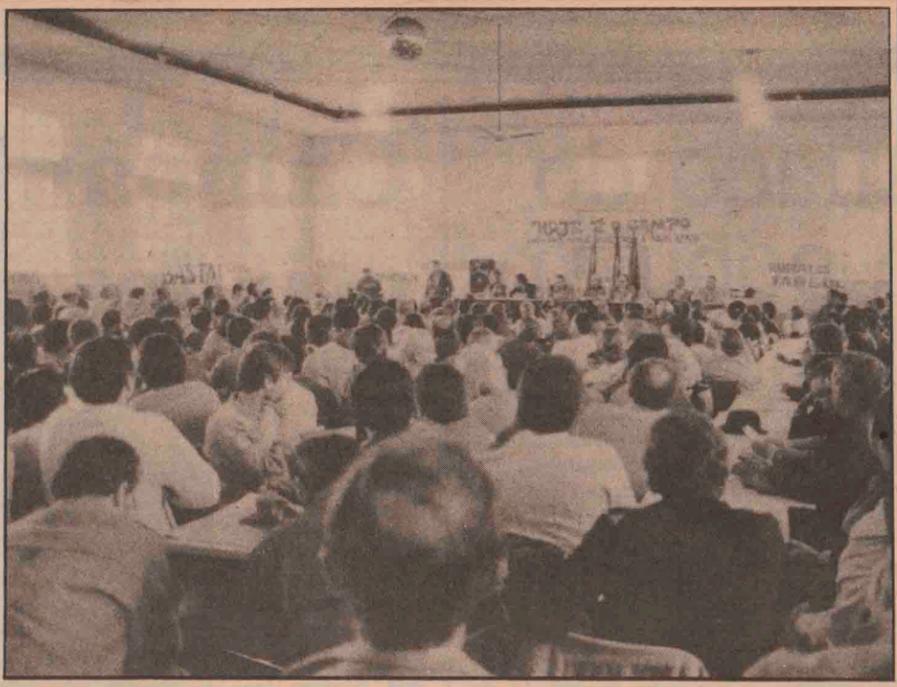
Hoechst



Saldiva



Concentração em Cruz Alta reuniu mais de 600 dirigentes de sindicatos, entre os quais Reinholdo Luiz Kommers, de Ijuí, para um protesto contra o governo



Alvoroco no Planalto

As desapropriações provocam reação ao redor de Cruz Alta

A primeira ameaça de levante contra as desapropriações do governo, para início da reforma agrária no Rio Grande do Sul, não aconteceu no mais tradicional reduto do latifúndio gaúcho, que é a região da Campanha. O alvoroco teve início no Planalto Médio, com uma reunião de mais de 600 produtores, dia 13 de agosto em Cruz Alta. O encontro, promovido por sindicatos de empregadores rurais de quase 50 municípios, lotou o Clube Cruzaltense, onde o clima parecia ser de guerra, com acusações ao governo, à Igreja e aos sem-terra.

Toda essa agitação podia ser explicada: das 10 áreas desapropriadas pelo governo no Estado, seis estão em Cruz Alta, e representam 46 por cento dos 15 mil 407 hectares onde deverão ocorrer assentamentos "Hoje é Pedro Nunes. Amanhã pode ser você", dizia uma das faixas estendidas nas paredes do clube, numa referência ao proprietário da Fazenda Sossego, que teve 426 hectares desapropriados. Apesar de ter apenas 27 por cento da área total que possui incluídos na reforma agrária, Nunes foi transformado no símbolo da resistência que se iniciava em Cruz Alta.

CONFUSÃO
O principal argumento das lideranças reunidas no dia 13 era o de que as terras incluídas no decreto do governo, anunciado dia 27 de julho, são produtivas. "O governo havia garantido que terras que estão produzindo não seriam atingidas, mas aconteceu o contrário", diz Reinholdo Kommers, presidente do sindicato de Ijuí, proprietário de 200 hectares. Kommers esteve em Cruz Alta, e reforça um ponto levantado em muitos discursos: o de que a desapropriação dos 426 hectares de Pedro Nunes alarmou os médios produtores.

"A reforma agrária deveria atingir as grandes áreas devolutas e improdutivas, pois se sabe que no Estado existem terras com mais de 10 mil hectares nessa situação", observa ele. Kommers se convenceu de que o Incra se baseou em informações incorretas, fornecidas por sua delegacia no Rio Grande, para determinar as desapropriações. É ele quem diz: "Dá a impressão de que querem pegar áreas com boa estrutura e terras corrigidas, para os assentamentos".

O presidente do sindicato tem outra dúvida: "Foi levantada a possibilidade de funcionários do Incra e do Ministério da Reforma Agrária estarem querendo criar confusão, para inviabilizar a reforma. Temos também a impressão de que há gente querendo a luta de classes, pois se sabe que há infiltração comunista, tanto no Mirad como no Incra". Em Ijuí, o sindicato formou, no dia 8 de agosto, a sua Comissão Técnica para Assuntos Fundiários, que vai coordenar o debate em torno da questão.

RADICAIS

Mas Kommers já antecipa, desde já, que a sua entidade não pretende contar com a ajuda do PUR (Pacto de Unidade Rural), criado no Estado, ou da UDR (União Democrática Ruralista), entidades que — como ele mesmo admite — "são partes de um movimento radical de direita". Para Kommers, bastam o sindicato e a Farsul para tratar do assunto. "Nós — afirma — somos a favor da reforma agrária, mas de forma pacífica e ordeira".

É mais ou menos isso o que diz Edson Burmann, presidente do Sindicato dos Empregadores Rurais de Catuípe. "Este tipo de reforma agrária que estão tentando implantar vem gerando insegurança em muita gente e provocando conflitos totalmente indesejáveis", garante Burmann, proprietário de 40 hectares e arrendatário de outros 250 hectares. Assim como Reinholdo Kommers, ele entende que faltou habilidade ao governo ao desapropriar a área com 400 hectares, em Cruz Alta. "O governo está errando ao não fazer de fato a reforma agrária, pois esta que está aí é demagógica e eleitoreira", diz Burmann, acrescentando: "Temos no Estado, e ali mesmo, em Cruz Alta, grandes áreas improdutivas que até agora não foram tocadas, porque isso envolve uma enormidade de interesses."

Hoje, segundo ele, os médios e grandes produtores estão preocupados com a situação dos pequenos proprietários, "que serão os sem-terra de amanhã e instigadores do movimento pela reforma agrária". O importante — assegura o presidente do sindicato de Catuípe — é que o governo atenda, em primeiro lugar, as necessidades desses minifundiários, "para que eles permaneçam no meio rural".

REVOLTA

Em Santo Augusto, o Sindicato Rural Patronal, que se prepara para criar a sua comissão de assuntos fundiários, reuniu cerca de 15 produtores, que foram a Cruz Alta protestar contra as desapropriações. "Ninguém é contra a reforma agrária, mas sim contra a desapropriação de

áreas de 400 hectares, que estão produzindo, quando se sabe que o Estado tem muitas terras com milhares de hectares", lamenta Edmundo Stadler, o presidente da entidade, proprietário de 108 hectares. Ele acha que a inclusão da terra de Pedro Nunes alarmou muita gente na região.

"Se continuar assim — afirma — não se sabe o que irá acontecer, pois o produtor está revoltado". Ido Max Weiller, secretário do sindicato de Santo Augusto, diz mais: "Nesta altura, todo mundo ficou com a pulga atrás da orelha, enquanto os grandes latifundiários nem estão preocupados". Weiller entende que a reforma agrária não deve atingir apenas as grandes áreas improdutivas, e dá a receita: "Primeiro, devem ser desapropriadas as terras do próprio governo; em segundo lugar os latifúndios improdutivos e em terceiro as terras das grandes empresas, que não têm a agricultura como principal atividade."

Weiller lembra que "há grandes grupos, entre os quais muitos bancos, investindo na compra de terras, para contar com incentivos do governo e isenção de impostos. "Essas empresas — diz ele — concorrem com o legítimo produtor, mas não são visadas pela reforma agrária". O secretário do sindicato diz isso e se pergunta: "Por que os bancos estão investindo na agricultura?" Weiller é proprietário de 115 hectares, e acha que muitos médios produtores estão meio alarmados. Também ele sugere que "o governo deveria antes corrigir as distorções da política agrícola, para que o produtor não se veja obrigado a deixar sua terra".



Burmann: é demagogia



Edmundo e Ido: pulga atrás da orelha

Um "abacaxi" para Ruben

No dia 16 de agosto, um sábado, o presidente do Incra, Ruben Ilgenfritz da Silva, esteve no acampamento dos sem-terra, na Fazenda Annoni e saiu dali fortalecido. Dois dias antes, durante a concentração contra as desapropriações, em Cruz Alta, seu nome não chegou a ser citado nos discursos, mas era pronunciado entre os produtores que se aglomeravam no Clube Cruzaltense. Enquanto ganhava pontos entre os sem-terra, Ruben perdia entre os proprietários, numa reação já esperada. Aos acampados, ele explicou os obstáculos enfrentado pelo governo para que a reforma agrária avance, principalmente porque a maioria das áreas desapropriadas depende de decisão de Justiça para que o Incra tenha a posse das terras. Os sem-terra gostaram da conversa, mas o mesmo certamente não aconteceria se Ruben tivesse ido a Cruz Alta. Na verdade, há entre os médios e grandes produtores do Planalto Médio e Missões — estimulados pela Farsul — a sensação de que o ex-presidente da Cotrijuí, que conhece a região, estaria se voltando contra antigos vizinhos.

O presidente do Sindicato dos Empregadores Rurais de Ijuí, Reinholdo Luiz Kommers, não chega a tanto, mas admite que "foi muito mal recebida a notícia de que o Ruben havia afirmado



Ruben: fogo cruzado

que não iria revisar as desapropriações". Kommers relembra: "Eu convivi com o Ruben durante 27 anos. É um conhecedor do assunto, mas tenho dúvidas de que conseguirá fazer o que pretende. Ele terá dificuldades para desempenhar sua função, por falta de recursos e porque recebe informações incorretas dos funcionários do próprio Incra".

MUNIÇÃO

Edson Burmann, presidente do sindicato rural de Catuípe, acha que "a situação do Ruben é um pouco constrangedora, pela própria origem dele". Burmann se refere, no caso, à reação provocada pelas desapropriações de terras que — segundo seus proprietários — são produtivas. Mas o dirigente sindical reconhece: "Ele é um homem que tem uma grande vivência neste meio, e conhece a situação da estrutura fundiária do Estado". Ido Max Weiller, secretário do sindicato de Santo Augusto, tem esta opinião: "Ruben entrou no Incra para aparar arestas, e não tem culpa pelos equívocos que estão sendo cometidos".

O certo é que, na opinião de um bom número de lideranças dos produtores, o governo deixou uma brecha ao desapropriar a Fazenda Sossego, em Cruz Alta. Mesmo que até agora não exista nenhuma prova de que a área realmente é produtiva (o caso está sendo reestudado em Brasília), até mesmo em conversas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, que congrega minifundiários, teve gente que manifestou surpresa com a decisão.

"O governo está dando munição para a Farsul", disse um agricultor, enquanto lia um jornal do dia 28 de julho, que anunciava as desapropriações. A munição ganhou corpo na concentração de Cruz Alta, que transformou Pedro Nunes em mártir dos "desatinos" da reforma agrária. Foi também a partir daí que a Farsul — que ergue barreiras à reforma no Estado — ganhou a simpatia de produtores de uma região onde pouco atuava. A Federação, como se sabe, tem o forte de sua sustentação política na região da Campanha, onde os latifúndios ocupam a maior fatia das terras.

Bogo: um aliado do movimento popular

Pela primeira vez um grupo de sindicatos de trabalhadores rurais do Estado decidiu lançar um nome ao Congresso Nacional. A iniciativa — que rompe com o velho preconceito da isenção política — foi das entidades da regional da Grande Santa Rosa, que abrange 13 municípios. “Os sindicatos vinham debatendo essa possibilidade antes de se definir que a Constituinte seria congressual, e a decisão foi tomada pelo voto da maioria, após uma ampla discussão junto às bases”, diz Vicente Joaquim Bogo, que concorrerá a deputado federal pelo PMDB.



Bogo: lançado pelos sindicatos

Bogo tem 29 anos, é professor universitário formado em Ciências e Filosofia, com especialização em Administração Escolar e em Educação, e desde maio de 1984 vem atuando como assessor sindical da regional da Fetag na Grande Santa Rosa. Também foi funcionário da Cotrirosa, por dois anos, lecionou em várias escolas, entre as quais a Universidade de Ijuí, e participou da organização de associações de bairro em Santa Rosa, com jovens da Pastoral Cristã.

“Não me defino como um candidato rural, mas minha prioridade é a questão do pequeno produtor e do trabalhador assalariado da lavoura”, diz ele. Afinal — observa o candidato — sua candidatura, definida em janeiro deste ano, foi devida pelos próprios sindicatos de trabalhadores rurais. Bogo lembra que durante todo o ano passado as entidades

debateram a necessidade de ter um representante do agricultor na Constituinte, sendo que a partir de novembro o assunto passou a merecer especial atenção nas reuniões de núcleos da regional.

PORTA-VOZ

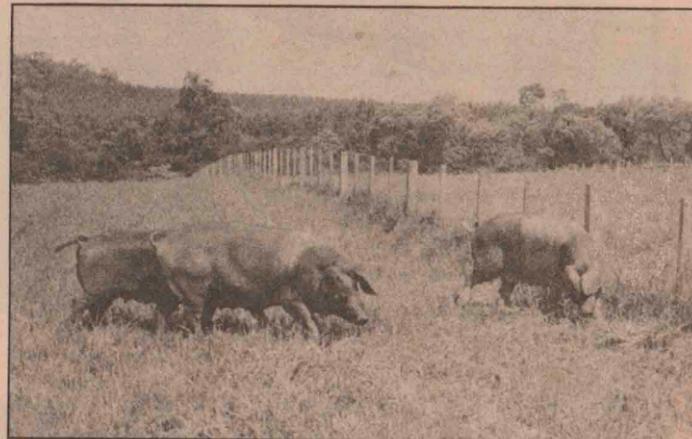
“Não pretendo, como deputado, falar de acordo com meus conhecimentos apenas, mas sim como porta-voz do movimento popular”, antecipa Vicente Bogo. Para ele, a decisão de lançar um nome à Constituinte é resultado do avanço da “conscientização dos trabalhadores rurais, depois de tantos anos de sofrimento. Pretendo atuar como canal de ligação entre o Congresso e o poder executivo e os agricultores, sempre utilizando, no trabalho parlamentar, as propostas saídas das bases”.

Bogo pretende levantar, na Constituinte, questões imediatas ou que vêm, há vários anos, sendo levantadas no meio rural, como a definição de uma política agrícola que viabilize a pequena propriedade, mudanças na Previdência Rural, preços mínimos remuneradores, crédito rural e, é claro, reforma agrária. Ele também fez constar no seu programa — elaborado em conjunto com os sindicatos — assuntos referentes ao trabalhador urbano, como redução da jornada de trabalho, salários justos, co-gestão nas empresas (os empregados participando das decisões) e melhoria do mercado de trabalho.

Os grandes temas nacionais também estão em pauta, como a suspensão do pagamento da dívida externa, a redefinição de funções dos órgãos de informação (SNI), a autonomia sindical, uma nova política habitacional, o ensino gratuito. Para Bogo, a sua candidatura abalou preconceitos e fez, entre outras coisas, com que a própria Fetag também decidisse apoiar nomes à Constituinte.

Campanha: suínos criados no pasto

Os excelentes campos de Dom Pedrito — melhorados a cada ano pela introdução de pastagens perenes — estão mostrando um novo visual. É cada vez maior o número de suínos que pastam no campo, confundindo-se no meio de bovinos, ovinos e cavalos. São animais rústicos, onde predomina ainda o chamado tipo banha.



Dom Pedrito quer investir também na qualidade do rebanho

Mas o objetivo é padronizar num animal ideal, com boa rusticidade, porém com predominância da carne sobre a banha. O pensamento dos técnicos, segundo o agrônomo Ademar João Rosso, gerente agrotécnico da Regional, é alcançar essa padronização com o cruzamento das raças Wessex e Duroc. Com essa cruz, ele afirma que se estará somando rusticidade com fecundidade e ganho de peso.

A engorda de porco a campo, uma intenção estimulada desde 1981 pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí — CTC — é alternativa visada para baratear os custos de produção e aumentar a produtividade, pois em toda a propriedade há lugar para criar um lote de suínos. E Dom Pedrito, que vive uma expansão alicerçada no perfeito casamento da agricultura com a pecuária, está desenvolvendo mais essa riqueza, visando principalmente os pequenos e médios produtores.

O programa visa a criação a campo, de preferência em pastagens de azevém, com suplementação de ração controlada

na época que precede o abate. O frigorífico da Cotrijuí na Regional Dom Pedrito já está abatendo, em caráter experimental, os suínos criados no município. O gerente industrial, Juarez Pereira da Silva, disse esperar que também na suinocultura Dom Pedrito venha a se expandir, pois as condições locais são excelentes.

Juarez adverte que o suíno criado no município ainda não é ideal, por se constituir, em sua maioria, no tipo banha. Acha que deve ser estimulada uma política de informação ao produtor para que se dedique mais a essa atividade, ao mesmo tempo que devem ser proporcionadas condições para o cruzamento das raças que resultam em maior produção de carne.

Quanto às perspectivas de crescimento dessa atividade complementar, ele entende que são ilimitadas, pois a suinocultura é uma extensão da própria agricultura, conforme se constata em todos os países desenvolvidos em agropecuária, caminho que vem sendo perseguido por Dom Pedrito.

Lubrificação de Máquinas Agrícolas

Aqui estão os óleos do seu dia-a-dia.



Shell Rímula CT

É o mais recomendado para motores diesel turbinado ou de aspiração normal que operam em condições extremamente severas. Modernos aditivos detergente-dispersantes reduzem ao mínimo a formação de lacas e vernizes nos êmbolos, cilindros, válvulas e a colagem dos anéis. Por sua vez, os poderosos aditivos antioxidantes do Rímula CT praticamente eliminam ou reduzem ao mínimo a formação e o depósito de lacas e borras resultantes da oxidação do lubrificante e do combustível.

Shell Spirax

Óleo lubrificante para engrenagens tipo hipóide. É recomendado para caixas diferenciais, caixas de redução, de câmbio, caixas de direção e juntas universais.

Proteção contra a corrosão e umidade.

Spirax HD oferece proteção adequada contra a corrosão das engrenagens e outros componentes de eixos sujeitos à ação prejudicial da umidade. Apresentam também excepcional resistência à deterioração por uso prolongado.

Shell Tellus 68

Óleo lubrificante para sistemas hidráulicos. É fabricado com básicos parafínicos altamente refinados e contém aditivos antioxidantes, antiferrugem, antidesgaste e antiespuma.



Você pode confiar

Cotrijuí implanta novo manual de organização

Sensível às ponderações de que era necessário proceder mudanças no modelo organizacional até então vigente na Cotrijuí, a diretoria eleita a 11 de abril de 1985 determinou a aceleração dos estudos visando esse objetivo. O resultado foi a confecção do Manual de Organização, um volume de normas e regras operacionais e de trato com terceiros, que já foi adotado em todas as regionais e subsidiárias da cooperativa, no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

Na atual fase sócio-econômica da Cotrijuí, principalmente em face da nova conjuntura econômica implantada pelo Plano de Metas da Nova República, a Cooperativa não podia prescindir de uma integração total e harmônica dos diversos setores em que é constituída a organização.

EFICIÊNCIA

Essa necessidade, que se fazia sentir há tempos e era abor-

dada nos vários seminários internos de funcionários, clamava por solução. É evidente que se ampliava o descompasso entre os serviços da Cooperativa e as solicitações cada vez maiores do quadro social, tornado mais exigente. É uma realidade que quanto maior a participação do associado na cooperativa, mais politizado ele fica e, por consequência, mais exige em serviços.

O Manual de Organização vai servir como instrumento auxiliar na gestão e no desenvolvimento administrativo, por se tratar de um conjunto de normas e informações necessárias ao melhor desempenho do trabalho, em todos os seus níveis. Por isso foi lançado sob o lema: "Eficiência e eficácia, inovação e simplificação dos procedimentos, normas e rotinas no trabalho".

O Manual de Organização, se for seguido na totalidade de

suas normas de orientação, vai oportunizar racionalização visando a eficiência e a eficácia, propiciará motivação para inovar com simplificação e motivará o desenvolvimento constante e regular dos recursos humanos disponíveis.

A estrutura está implantada em todas as Regionais, inclusive na assessoria de Porto Alegre e nas subsidiárias. O Manual está à disposição de todos os funcionários, que devem ter o interesse de conhecê-lo em seus detalhes, visto que no futuro não poderão alegar que o ignoram.

Essa nova estrutura tem por objetivo estabelecer as linhas básicas da Cooperativa, identificando a natureza e a competência dos principais cargos e funções, sendo observadas as disposições legais, estatutárias e regulamentares da política e estrutura organizacional, determinadas pelo Conselho Executivo.

Mais um mestre no CTC

O Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na Região Pioneira conta com mais um mestre. O agrônomo Volnei Viau apresentou sua tese no dia 21 de julho, depois de freqüentar por dois anos, entre 1984 a 1985, um curso na área de fitotecnia - setor de plantas de lavoura - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com o mestrado de Volnei, a Cotrijuí dispõe agora do trabalho de três mestres. Os outros dois são Rivaldo Dhein, formado em solos, e João Miguel de Souza, especialista em forrageiras, todos atuando junto ao CTC - Centro de Treinamento, em Augusto Pestana.

O mestrado é uma especialização para profissionais graduados, e Volnei realizou estudos na área de melhoramentos de plantas, enfocando especialmente os mecanismos para desenvolvimento de novas variedades. Os estudos foram dirigidos com ênfase à aveia, mas o agrônomo também teve aperfeiçoados seus conhecimentos, com embasamento técnico, para trabalhar igualmente

com milho, feijão, soja, trigo, e outras culturas.

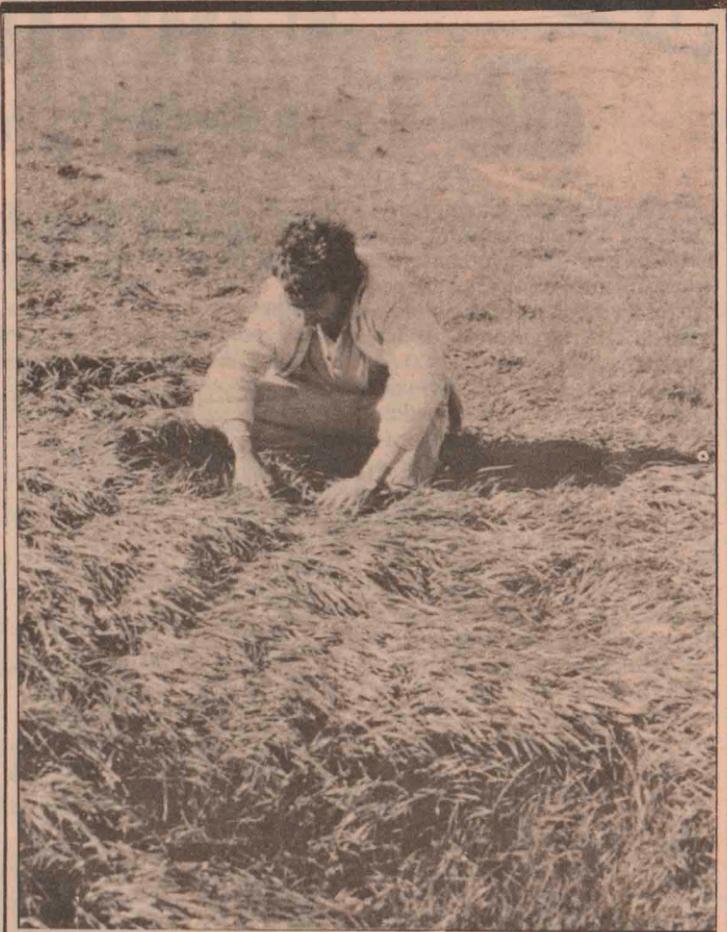
Volnei participou de um curso de conhecimentos teóricos, com várias disciplinas, e realizou durante dois anos um trabalho de campo em torno do melhoramento de plantas. Este trabalho foi a base da sua tese de mestrado, apresentada dia 21 de julho a uma banca de professores especialistas na área, e aprovada com grau "A", que é o mais alto na escala de avaliação desses estudos.

"Estamos melhor instrumentalizados para aperfeiçoar o trabalho que desenvolvemos no CTC e também a nível de lavoura, o que possibilitará uma análise mais crítica do comportamento das culturas", afirma Volnei Viau, observando que assim a área técnica ganha reforços para determinar saídas para os problemas que existem na região. Ele faz questão de lembrar que os conhecimentos serão transferidos a equipe técnica da Cotrijuí, para que tenham o maior aproveitamento possível. O mais



Volnei: especialista em aveia

novo mestre da Cooperativa foi pioneiro no Estado nas pesquisas e experimentos com a colza, iniciadas há mais de 10 anos na Cotrijuí.



Rosso mostra os resultados da adubação

O azevém com adubo orgânico virou atração

Há quem ainda manifeste dúvidas sobre a superioridade dos adubos orgânicos em relação aos adubos químicos. Quem atentar para a fotografia que ilustra este texto, se convencerá do contrário. O que se vê é um campo de azevém em Dom Pedrito, nas proximidades da sede da Regional da Cotrijuí.

A terra foi lavrada e adubada em toda a extensão. Ocorre que em alguns trechos havia sido lançado excremento de gado, coletado dos mangueirões do frigo-

rífico. Onde existia dejetos animal o azevém se desenvolveu conforme se pode ver pela pastagem.

Nos locais onde as touceiras são mais desenvolvidas (manchas viçosas) existia estrume, contrastando com o resto do campo, onde o desenvolvimento da gramínea é apenas normal. O agrônomo Ademar João Rosso, gerente agrotécnico da Regional Dom Pedrito, tem levado muitos criadores do município para ver o extraordinário campo de azevém.

COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

A Cotrijuí dispõe de sua própria Corretora de Seguros, prestando serviços aos associados, funcionários e amigos. Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure sempre a nossa orientação. Seja você o próximo a usar estes serviços, pedindo quaisquer informações sobre Seguros em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT -
mais um elo da união
Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - fone 332-2400

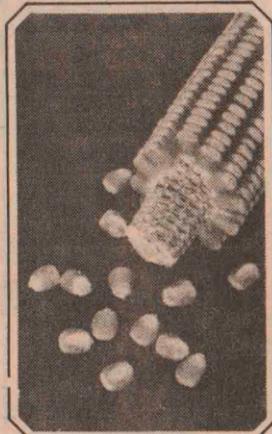
Milho Híbrido CONTIMAX-133

O MILHO QUE PRODUZ MAIS E ESPERA DE PÉ PELA COLHEITA.



Contibrasil
sementes

QUALIDADE QUE TEM PESO.



Núcleos

Encontro de integração

A integração e a diversificação de culturas foram os dois assuntos que tomaram conta do encontro entre os núcleos cooperativos de Chorão, Irgang e Piratini, de Ijuí. O encontro de integração aconteceu no dia 20 de agosto, no Salão Comunitário de Chorão e contou com a participação de associados e suas famílias. Depois das palestras feitas pelo Walter Frantz, assessor de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí na Região Pioneira e pelo Leo Goi, coordenador do Departamento Agrônomo, das projeções de slides e dos debates, a integração correu por conta de uma pequena confraternização envolvendo todos os participantes e onde não faltaram tortas, bolos, cucas e salgadinhos.

O PRIMEIRO

O Walter Frantz ressaltou a importância da organização do quadro social e a realização do encontro, "o primeiro deste ano em toda a Regional Pioneira". Falou das mudanças que foram introduzidas de um ano para cá e da situação da Cooperativa. Comparando a Cooperativa a uma lavoura, disse que muita coisa foi feita de cima para baixo, mas que hoje se está saindo de uma situação preocupante para uma situação onde já se vê alguma luz no fundo do túnel. "Já ocorrem muitas mudanças nessa lavoura, como a construção de terraços de base larga, mas ainda existem alguns inços com boas perspectivas de serem eliminados". Com uma situação mais otimista, disse que até já está se pensando em aprofundar o trabalho para o lado da diversificação, mas garantiu que tudo vai depender da organização do quadro social. "Temos que procurar entender o que aconteceu no passado para podermos avançar".

REDIMENSIONAR

O Léo Goi falou do processo agrícola no estado e da situação atual, deixando claro que já não é mais possível se dedicar apenas a cultura do trigo e da soja. "Teve uma época, lembra, que só não se plantou soja embaixo da casa porque não pegava sol e nem chuva". Com o solo completamente esgotado, disse que é hora do produtor redimensionar a sua produção. "Não estamos pregando a substituição do trigo e da soja por outras culturas, mas o que queremos é que o produtor procure diversificar melhor as atividades da sua propriedade", ressaltou.

Em termos de Cotrijuí, disse que a proposta que se tem é de uma agricultura estável, sem tanta dependência da soja. "Precisamos buscar novas alternativas, disse lembrando que o próprio CTC, criado por volta de 1976, já pensando em diversificar a produção na região, tem hoje vários programas em andamento, com alguns deles atingindo produtores. Entre os programas que vêm sendo desenvolvidos pelo Centro de Treinamento,

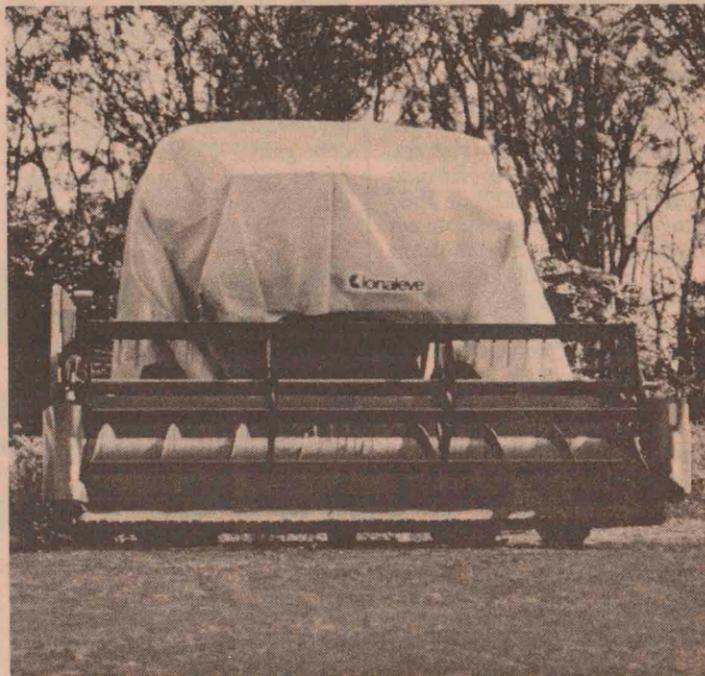
citou o de suínos, aves, leite, hortifrutigranjeiros, peixes, conservação de solos, entre outros. "Não estamos trazendo receitas e nem queremos impor nada. Cada produtor é quem deve pensar e decidir o que fazer na

sua propriedade. Só que ficar em cima do trigo e da soja não dá mais", disse por fim.

O encontro reuniu os núcleos de Chorão, Irgang e Piratini



Lonaleve



COBRE MAIS E CUSTA MENOS.

Lonaleve é a lona sintética que, como o próprio nome já diz, respeita quem tem que pegar no pesado: é leve, fácil de manusear e lidar. E além de leve é muito mais resistente que os chamados "filmes plásticos", dura mais tempo e em caso de furo ou rasgo pode ser reparada sem problemas.

Lonaleve cobre a sua safra, o adubo, protege o trator e a colheitadeira, é ideal para fazer silo-trincheira

e até para cobrir carga em caminhões basculantes. E depois de usada pode ser guardada sem problemas até molhada porque nunca mofa.

Lonaleve é a alternativa mais barata e prática para a agricultura. E com uma vantagem que não tem igual: Lonaleve dá toda a cobertura ao agricultor e a qualidade Alpargatas dá toda a cobertura a Lonaleve.



Produzido na Zona Franca de Manaus

Origens do Conselho de Representantes

A eleição para o Conselho de Representantes, neste ano, foi antecipada para o mês de agosto, em função das eleições político-partidárias de novembro. Essa antecipação oportunizou que a Cotrijuí, realizando as suas eleições em 22 de agosto, também prestasse a sua homenagem a esse evento histórico. O Movimento Comunitário de Base de Ijuí constitui-se num marco histórico para o Conselho de Representantes da Cotrijuí.

A organização e a implantação de um Conselho de Representantes na Cotrijuí não são obras de uma imaginação fértil. Em termos históricos, esse trabalho é o resultado de um longo processo social, marcado pela constante busca de um espaço de poder, de participação, por parte de diferentes segmentos ou grupos sociais, nas decisões sobre o encaminhamento a ser dado às questões sócio-econômicas que lhes diziam respeito.

A atuação dos indivíduos nesse processo foi orientada por um conceito de que são eles que fazem a história, criando e transformando o seu meio. Subjaz a esse processo a noção de negação da passividade e a afirmação do poder e do direito de intervenção e de participação ativa dos indivíduos no processo de sua organização social. Essa participação, fundamentalmente, foi articulada em bases associativas, contrapondo-se a ação grupal à atuação individual. Este aspecto desse processo social estabelece a ponte histórica com o Conselho de Representantes da Cotrijuí.

Portanto, nas raízes históricas do Conselho de Representantes está um fato em si alheio à Cotrijuí, porém estreitamente ligado à organização social geral da população rural da área de ação da cooperativa. Trata-se do Movimento Comunitário de Base de Ijuí. Em 22 de agosto de 1961, através de um ato público, foi iniciado sob a coordenação da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, um trabalho educativo extra-escolar junto à comunidade local, o qual passou a ser conhecido como Movimento Comunitário de Base de Ijuí.

O surgimento desse movimento social representou um esforço, por parte de seus promotores, no sentido de influir no processo sócio-econômico pelo qual a sociedade regional passava. Esse processo de transformação confrontava tanto a sociedade regional e grupos sociais, quanto aos indivíduos em particular, com novas situações sócio-econômicas e novos problemas que, até então, eram desconhecidos.

O movimento visava a mobilização de todas as pessoas da comunidade para sua participação ativa e consciente na busca de soluções para esses problemas que se faziam sentir. No meio rural, esse trabalho consistiu, basi-

camente, em um intenso trabalho de mobilização de seus moradores, no sentido de motivá-los para que se organizassem em pequenos grupos, em núcleos de base, nos quais, através de reuniões periódicas, passariam a discutir os seus problemas comuns.

Uma das atividades que caracterizou o trabalho do movimento, no meio rural, desde o início, foi a propagação da idéia da organização cooperativa dos produtores rurais como forma de solucionar os seus problemas. Embora houvesse essa relação com a associativismo rural, o movimento surgiu fora e independente das cooperativas agrícolas então existentes. No entanto, o desenvolvimento e a evolução do movimento junto aos agricultores fez com que esse se aproximasse sempre mais da Cotrijuí. Para essa aproximação foi importante a associação desses agricultores à Cotrijuí, porém, as reuniões de núcleos e encontros periódicos de líderes para as quais eram chamados os dirigentes e encarregados da cooperativa, foram decisivas.

Além de propagar o cooperativismo, a estrutura desse movimento passou a representar importante instrumento de comunicação entre a cooperativa e seus associados. Após alguns anos, a cooperativa passou a ocupar o espaço criado pelo Movimento Comunitário de Base de Ijuí, transformando-o em um valioso instrumento de sua administração política.

No final da década de 1970, no auge da expansão empresarial e regional da Cotrijuí, com o conseqüente crescimento do quadro social, vislumbraram-se na prática desse movimento, as bases e a orientação para a organização e a implantação de um Conselho de Representantes, ampliando a estrutura do poder na cooperativa. Para a organização de uma nova estrutura do poder na Cotrijuí foi de fundamental importância a prática histórica da organização dos produtores, promovida pelo Movimento Comunitário de Base de Ijuí. Quando surgiu a necessidade de se pensar a participação política do associado na cooperativa, evitando o distanciamento entre o produtor e a cooperativa, em consequência da expansão empresarial, a Cotrijuí pode se valer de uma rica experiência de organização da qual já participava.



A prática histórica de organização dos produtores foi fundamental para a Estrutura do Poder na Cotrijuí

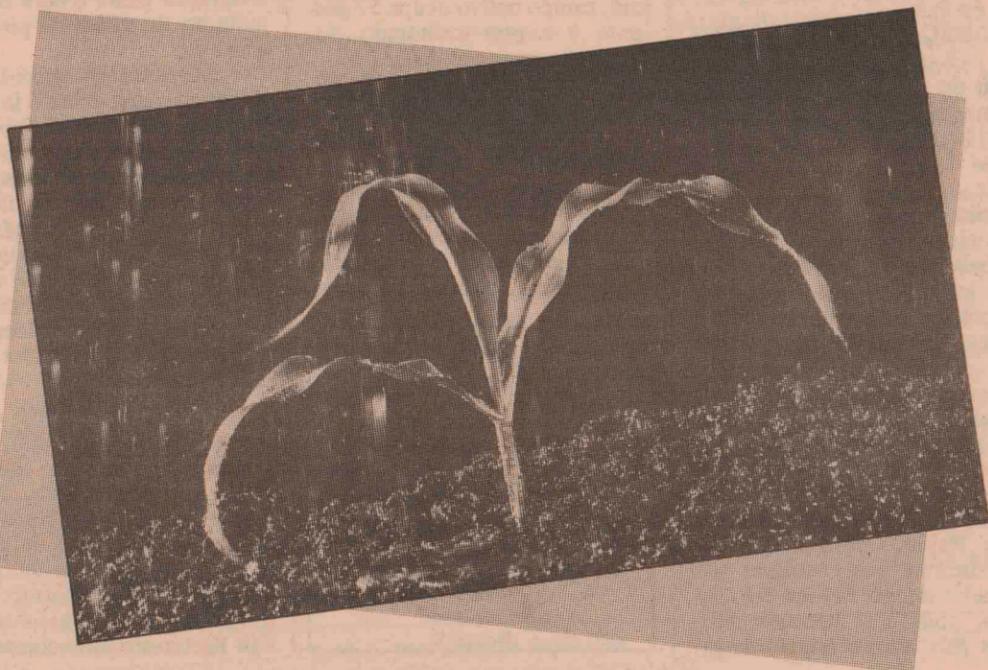
Hoje, implantado o Conselho de Representantes como órgão fundamental da nova Estrutura do Poder, resta inspirar-se nos ideais do Movimento e apoiar-se em sua prática para

aperfeiçoar, cada vez mais, os instrumentos de participação na cooperativa. O desafio de adequar a participação política e a eficiência econômica é uma tarefa constante dos associados, dos

diretores e funcionários da cooperativa.

• Walter Frantz é assessor de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí, na Região Pioneira.

ALÍVIO DEPOIS DO PLANTIO



Um bom motivo para continuar com PRIMEXTRA.

- Nada de mato roubando o adubo do milho.
- Nada de cultivo de milho em época chuvosa.
- Tempo e mão-de-obra livres para outras tarefas.
- A melhor garantia para a manutenção da produtividade.

Primextra

Primextra 500 FW - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 015081

CIBA-GEIGY

55/4/86

© Marca Registrada



O brejo que virou fazenda

Integrando lavoura e pecuária, a Guatambu é exemplo de produtividade

Se pedirmos a um botânico que defina o significado da palavra guatambu, ele nos dirá que se trata de uma madeira de lei da flora brasileira, de cerne duro e muito resistente, da família das Apocináceas. A mesma pergunta feita na região da Campanha, poderá confundir até mesmo um botânico. E o povo dirá, sem pestanejar, que Guatambu (agora descrita com inicial maiúscula) é a empresa dos Potter, e fica localizada em Dom Pedrito, "ali, bem pertinho da cidade..."

Não é sem uma razão lógica que a Guatambu se transformou num ponto de referência no mapa do Rio Grande do Sul. Esse referencial já ultrapassou nossas fronteiras, chegando até às escolas técnicas agrícolas e universidades uruguaias. A empresa já tinha nome em 1980 quando conquistou o prêmio "Produtividade Agropecuária", concedido pelo Ministério da Agricultura, o primeiro instituído no Brasil.

Para muitos, o impacto dessa vitória dos Potter foi de surpresa e até incredulidade. Não entendiam como aqueles simples colonos, que às vezes se confundiam com os próprios trabalhadores de lavoura, conseguiram conquistar um prêmio nacional de produtividade e competência, vencendo tradicionais empresários do País.

COMEÇANDO POR BAIXO

Os mais antigos ainda lembram do moço Walter Germano Potter, que chegou em Dom Pedrito lá pelo ano de 1944, procedente de Cachoeira do Sul, e se dedicou à agricultura. Ninguém acreditava que naqueles campos de brejo pudesse dar alguma coisa. Sabendo que dava, ele cultivava as coxilhas com milho, feijão preto (e mais tarde também a soja) e nas várzeas plantava arroz.

Revelando grande capacidade e invulgar disposição para o trabalho, venceu etapas sucessivas no decorrer dos anos. Os filhos foram crescendo e, nos intervalos dos estudos, também ajudavam. Durante mais de dez anos Walter Germano lutou e economizou para comprar seu primeiro campo. Era um belo pedaço, com 330 hectares, próprios para arroz e criação de gado.

O trabalho prosseguiu, parece que ainda com maior vigor. Com os 330 hectares próprios e mais grandes extensões de terras arrendadas, foram ampliadas as lavouras de arroz e iniciada a criação de gado. Mas a agropecuária, em termos extensivos, somente foi ocorrer a partir da década de 70, quando conseguiu alcançar 2.320 hectares próprios. Em 1971 utilizou tecnologia do Condepe (Conselho de Desenvolvimento da Pecuária), um órgão do Ministério da Agricultura.

Nos anos seguintes, prosseguiram os investimentos. O Propec na pecuária e o aumento das lavouras de arroz. Ao final da década, em 1979, alcançou 3.252 hectares de terras próprias. Em

1984 chegava a 8.895 e neste ano, 1986, a 10.472 hectares.

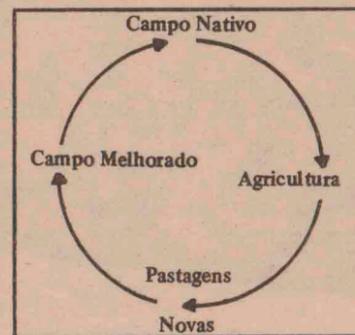
LOCALIZAÇÕES E DIVISÕES

Para um leigo em atividade rural, essa extensão pode parecer grande demais para ser administrada. Aos Potter, no entanto, está ainda muito longe de se parecer com um latifúndio. A Guatambu — sede da empresa Walter G. Potter & Filhos — com seus 3.697 hectares, é apenas um dos módulos de produção (e no caso, administração). Existem mais oito campos de produção, sendo sete no município de Dom Pedrito e um no município de Livramento.

A distribuição, por localização e extensão, é a seguinte: Guatambu (sede), 3.697; Tangará, 734 ha; Campo Seco, 1.164 ha; Caveiras, 343 ha; Recreio, 1.301; Ponche Verde, 302 ha; Bento Rengo, 650 ha; Leões, 1.805 ha e Costa do Santa Maria, 473 ha. Recreio localiza-se no município de Livramento e as demais, em Dom Pedrito.

Um croqui visualizado da área, como vem sendo trabalhada nos últimos anos, mostra o seguinte aproveitamento: 8.201 hectares, com 78,3 por cento pecuária e 21,7 por cento com agricultura, a saber: arroz irrigado, 8 por cento; sementes forrageiras, 2,3 por cento; soja e sorgo, 4,4 por cento; matas, estradas, casas, 6,8 por cento. Na área pastoril, campo nativo ocupa 57 por cento e campo melhorado, 43 por cento.

O restante da área, 2.269 hectares, permanece como reserva para rotação ou campo experimental de cultura ou pastagem. Nada é desperdiçado. Fechando o ciclo da produtividade, a empresa parte do campo nativo para a agricultura, colhida esta, planta pastagens, no que resulta



A empresa é dividida em módulos de produção, com aproveitamento das áreas em constante rodízio

o campo melhorado e volta a ser campo nativo, conforme a figura.

FILOSOFIA DE TRABALHO

Uma descrição física da empresa, elaborada pelo seu próprio departamento técnico, dá a descrição dos elementos de produção e mostra os meios para melhor consegui-lo, através de uma filosofia dinâmica de trabalho ordenado. Salta aos olhos de observador o aproveitamento racionalizado da agropecuária, em integração plena e com boa sustentação de níveis de produtividade.

A produção agrícola é atividade exercida desde o início da empresa, como se viu, no início da reportagem. Tem como principal finalidade carrear maior faturamento à empresa, além de maximizar a produção de alimentos. Está demonstrado também, que a atividade agrícola é a forma mais econômica de, por seu intermédio, se incrementar os recursos forrageiros para a pecuária de corte.

O estabelecimento cultiva aproximadamente 1.000 hectares/ano de arroz, em avançado nível tecnológico, que respondem com boa rentabilidade em termos de produção de alimentos. A infra-estrutura da lavoura é baseada em nove barragens que somam uma bacia hidráulica de 414 hectares e um volume líqui-

do disponível de 8,5 milhões de metros cúbicos. Um parque de máquinas e a mão-de-obra contratada, fazem o resto.

Com relação a chamada agricultura de coxilha, a atividade também está diversificada. A predominância é da soja, nas culturas de verão, o sorgo e o milho. No inverno, a preocupação maior é com as pastagens para o gado, pois sem alimento não há raça que produza carne, conforme diz Valter Potter, um dos filhos do fundador e administrador da empresa. Essa filosofia de trabalho tem projetado o grupo empresarial liderado pela Guatambu, além das fronteiras do Brasil.

PECUÁRIA: CORTE E REPRODUÇÃO

A atividade da empresa na pecuária é das mais intensas. Está dividida em dois segmentos. Produção de reprodutores polled hereford para venda e para produção de carne, novilhos e vacas para abate. Essas atividades são conduzidas através de quatro programas: alimentação animal, manejo animal, sanidade animal e seleção animal.

A conjugação desse trabalho resulta em precocidade para o desfrute do animal, com terminação aos 18 e 20 meses de vida com peso médio de 450 quilos e rendimento de carcaça fria de 51-52 por cento, atingindo

230 quilos e entre três e seis milímetros de gordura. Esse aproveitamento é alcançado por 85 por cento dos animais. Os restantes 15 por cento chegam a esses mesmos resultados aos 2,5 anos de idade, com tempo de invernada máximo de 24 meses.

Outro grande suporte da empresa está vinculado aos reprodutores bovinos, também da raça polled hereford. Os animais são conduzidos desde o desmame até os dois anos de idade, em campos melhorados. Aos 24 meses — geralmente em setembro, outubro, novembro), são transferidos para pastagens novas de mais qualidade para melhorar sua condição e uso em monta natural.

Esses reprodutores são vendidos já com três anos de idade, em remate particular no mês de outubro. A padronização zootécnica dos rebanhos da Walter G. Potter & Filhos, tanto na Guatambu como nos demais estabelecimentos do grupo, são de uniformidade cem por cento. E Valter José Potter sabe disso e não faz segredos, quando diz que "se hoje importasse o melhor touro hereford do mundo, no máximo, ele seria igual aos selecionados aqui na fazenda". O grupo Walter G. Potter & Filhos, do qual faz parte a Guatambu e mais oito estâncias, é associado a Cotrijuí, Regional Dom Pedrito.

Americanos vêm conhecer a região

Um grupo de produtores e empresários ligados ao setor primário virá ao Estado, em março do próximo ano, e visitará Ijuí, para conhecer o sistema de produção da zona da soja. Detalhes da visita do grupo, que contará com 32 pessoas, foram acertados na viagem que o diretor-adjunto da Cotrijuí, Rui Polidoro Pinto, e o pró-reitor de extensão e pesquisa da Unijuí, Telmo Frantz, realizaram aos Estados Unidos, onde permaneceram de 10 a 21 de agosto.

Rui — que foi representando o presidente da Cooperativa, Oswaldo Meotti — e Telmo mantiveram contatos com produtores americanos, no Estado de Indiana, visitaram cooperativas, sindicatos, universidades e outros órgãos e entidades ligadas à agricultura. Eles foram aos Estados Unidos a convite da Companhia de América, uma entidade que promove intercâmbio cultural e pretende agora ampliar os conhecimentos dos agricultores sobre a situação da produção

brasileira.

Os americanos permanecerão no Brasil de 8 a 22 de março, sendo que a visita a Ijuí está prevista para o período de 13 a 16. Aqui, eles querem conversar com agricultores e obter informações sobre comercialização, cooperativismo e política agrícola. Segundo Rui Polidoro Pinto, é provável que, nesse intercâmbio, agricultores, pesquisadores de universidades e outros profissionais ligados ao setor também visitem os Estados Unidos.



Rui e Telmo na visita aos EUA

Ensaio com alho



Trabalho de seleção de novas cultivares

Num convênio entre Cotrijuí e Empasc — Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária — foi instalado no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, um ensaio de competição de cultivares de alho. A intenção do trabalho, segundo o agrônomo e responsável pela área de hortigranjeiros da Cotrijuí na Regional Pioneira, o Francisco Salla, é o de introduzir e selecionar novas cultivares de alho, levando-se em conta a sua adaptação ao clima da região, resistência às doenças e produtividade.

O ensaio encontra-se em fase de crescimento vegetativo. A fase de formação de bulbos deverá ocorrer em fins do mês de setembro e no decorrer do mês de outubro. Um outro trabalho, também envolvendo a cultura do alho é o de multiplicação de alho-semente das cultivares Quitéria e Portela II. Este último ensaio está sendo desenvolvido com material vindo de produtores da região de Tenente Portela.

Todos estes ensaios com alhos, envolvendo um total de 16 novas cultivares, estão abertos a visita dos associados interessados em acompanhar o trabalho de introdução e seleção de novas variedades para a região.

É hora de vacinar o gado

Trabalho é o que não falta para quem cria gado, ovinos e aves nessa época do ano. Quem ainda não pensou em vacinar suas terneiras, galinhas e ovelhas, pode ir tratando de comprar os medicamentos certos para não se arrepender mais tarde. As doenças não costumam mandar avisos antes de atacar o rebanho, mas o produtor pode se prevenir e evitar qualquer perda, seguindo as recomendações que os veterinários, ligados ao Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na Regional Pioneira, estão fazendo para esse mês de setembro.

- Vacinação contra o carbúnculo sintomático;
- Vacinação contra o carbúnculo hemático;
- Vacinação contra a brucelose nas terneiras com idade entre 3 a 8 meses;
- Vacinação contra a cólera e tifo nas aves;
- Vacinação contra epiteloma contagiosa (bouba) das aves;
- Vacinação contra New Castle das aves;
- Everminação de todo o rebanho bovino e ovino;
- Descorna dos animais ao nascer;
- Banhos de carrapaticida;
- Suplementação constante com sal mineral de todo o rebanho bovino e ovino;
- Repouso de 60 dias, após a parição, para realizar nova inseminação nas vacas de leite.

CALENDÁRIO

MS: uma boa safra

Chuvas freqüentes e o céu encoberto na maioria dos dias tem causado preocupação aos produtores de trigo de Mato Grosso do Sul. Mesmo assim, mais de 50 por cento da área plantada na Região Cotrijuí foi colhida até o final da primeira semana de setembro, com um rendimento em torno de 25 sacos por hectare, dependendo da região.

Se de um lado a chuva preocupa os produtores, de outro foi positiva ao permitir uma maturação uniforme da lavoura. A qualidade do produto recebido pela cooperativa, que este ano alugou seis armazéns para agilizar ainda mais o recebimento, varia de município para município. Enquanto que na região de Dourados o ph médio caiu para 78 em função das últimas chuvas, na região de Maracaju se mantém entre 80 e 81, o que

garante maior lucratividade aos produtores.

O recebimento do produto tende a crescer ainda mais nos próximos dias, ao contrário do que se verificou na semana de 18 a 23 de agosto, quando poucos produtores se arriscaram a colher o produto que apresentava alta taxa de umidade, em torno de 20 por cento. Os produtores estão satisfeitos com os resultados alcançados este ano, se bem que inferiores, em muitos casos, aos do ano passado. Um dos produtores que está satisfeito este ano é Vitelio Sartori, de Maracaju, que este ano está colhendo uma média de 26 sacos por hectare, com um ph médio de 84. Dos 550 hectares que plantou com trigo, ele esperava entregar o equivalente a 300 hectares do produto para semente, o que irá melhorar ainda mais seu lucro com a cultura.



O CTC vai distribuir 50 mil ramas

Distribuição de ramas

O Centro de Treinamento da Cotrijuí está colocando à disposição do seu quadro social em torno de 50 mil ramas de mandioca de diversas variedades. Na distribuição geral, cada Unidade terá direito a receber cinco mil ramas. Os associados interessados em adquirir essas ramas poderão se inscrever junto aos departamentos técnicos de cada Unidade. Aqueles associados que se inscreverem por primeiro, terão direito a levar um número maior de ramas.

As abelhas como polinizadoras na produção de sementes de forrageiras

O encontro dos grãos de pólen produzidos pelas anteras com o estigma de uma flor determina a fecundação e a correspondente reprodução das plantas sexuadas.

As espécies autógamas são aquelas em que o pólen é transferido para o estigma da mesma flor ou ao de outra flor na mesma planta. Nas espécies alógamas (fecundação cruzada), o pólen deve ser transferido ao estigma de uma flor pertencente a outra planta. Nas gramíneas esta transferência é feita geralmente pelo vento (polinização anemófila), pois os grãos de pólen destas plantas são facilmente liberadas das anteras. Os grãos de pólen são de pequeno tamanho e baixo peso, o que permite seu transporte a grandes distâncias. Além disso, os estigmas que recebem o pólen são grandes, plumosos e subdivididos, apresentando em tão grande superfície de captação dos grãos de pólen.

Nas leguminosas as características morfológicas dos órgãos reprodutivos são diferentes. Os grãos de pólen são grandes, pesados e permanecem aderidos as anteras. Por essa razão, a transferência deve ser feita por insetos (polinização entomófila), caso contrário, a fecundação e a consequente produção de sementes poderão ficar prejudicadas. Mas os insetos não são só importantes para leguminosas porque podem ser os responsáveis pela transferência do pólen. Também são importantes devido a outras características morfológicas das flores de algumas espécies desta família. Na maioria das leguminosas os órgãos sexuais (anteras e estigmas) estão encerrados em uma estrutura formada pela união das duas pétalas inferiores da flor, chamada de quilha, que só se abre por estímulos externos, tais como umidade relativa do ar muito baixa ou por ação mecânica, como as provocadas pelos insetos.

A PRESENÇA DOS INSETOS

De acordo com o que se sabe a respeito

de polinização entomófila, é possível reunir as principais leguminosas temperadas e cultivadas na região na seguinte forma:

- A presença de insetos se torna obrigatória para a produção de sementes de:

- Alfafa;
- Trevo Branco;
- Trevo Vesiculoso;
- Trevo Vermelho e
- Cornichão.

- A visita de insetos aumenta a produção de sementes nos:

- Trevo Encarnado e no
- Tremoço.

- Apresenta alta percentagem de auto-polinização, embora o papel dos polinizadores ainda não esteja bem esclarecido:

- Ervilha e o
- Trevo Subterrâneo.

Embora os polinizadores naturais como as

vespas, mangangavas e lechiguanas, entre outros, sejam altamente eficientes por trabalharem mais horas por dia e serem menos afetados pelas condições ambientais (temperatura, umidade e vento), sua baixa e variável população e as dificuldades do seu manejo (pouco sociáveis) fazem com que, na prática, a abelha doméstica (*Apis Melifera*) seja a polinizadora mais utilizada (Nabinger, 1984).

O quadro a seguir demonstra a importância da presença de insetos na produção de sementes de cornichão. Na área totalmente impedida para a entrada dos insetos não houve produção de sementes. A área exposta aos polinizadores naturais produziu 57 quilos de semente por hectare. Em outra área, onde foi colocada duas colméias de abelhas por hectare, a produção praticamente dobrou, chegando a 107 quilos por hectare.

PARÂMETROS

Rendimento de semente de Cornichão (kg/ha)

Área impedida para entrada de insetos
Área exposta a polinização de insetos naturais
Área com duas colméias de abelhas por ha

Sem produção
57
107

Fonte: Grandhey/Carâmbula 1981

Como a máxima eficiência das abelhas situa-se num raio de 100 a 400 metros de distância da colméia, recomenda-se dividí-la de modo a não ultrapassar a distância máxima citada. As colméias devem ser colocadas na lavoura no início do florescimento, para evitar que as abelhas busquem fontes alternativas de néctar e pólen, diminuindo, dessa forma sua ação sobre a cultura que se pretende polinizar. Sugere-se para o trevo branco o uso de quatro colméias por hectare; para a alfafa 10 colméias por hectare; para o trevo vesiculoso quatro colméias

por hectare; para o cornichão cinco colméias por hectare e para o trevo vermelho sete colméias por hectare.

Bibliografia:

- Carâmbula, M 1981 — Produccion de Semillas de Plantas Forrajeiras. Hemisfério Sul, Montevideo, 518.
- Nabinger, C 1984. Produção de Sementes Forrageiras. In. Lavoura Arrozeira, Porto Alegre.

João Miguel Souza é agrônomo e responsável pela área de Forrageiras do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

CUSTO DE USAR AS MÁQUINAS

Do preparo da lavoura à colheita

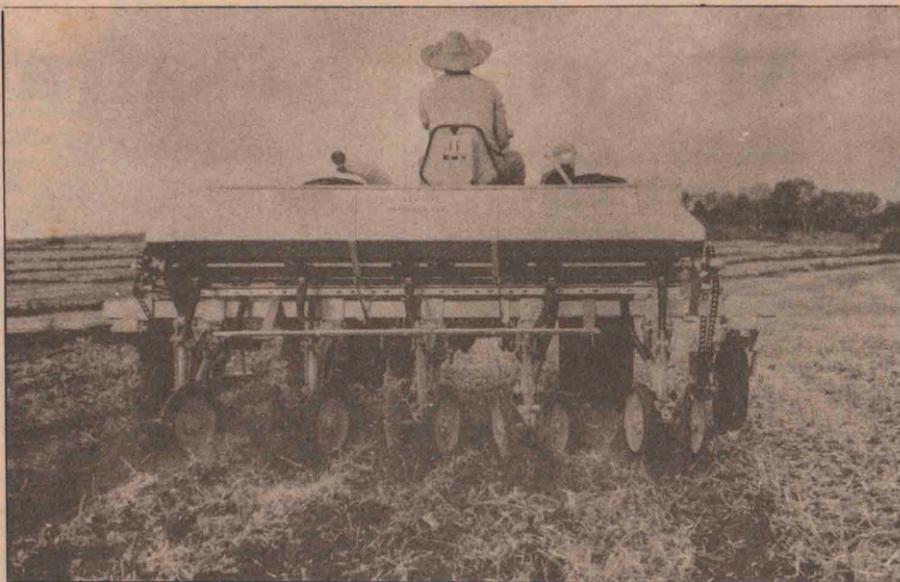
Depois que o governo congelou os preços das máquinas e implementos agrícolas, dos insumos, do óleo diesel, dos salários, ficou bem mais fácil do produtor programar as atividades da sua propriedade, pois ele vai ter sempre sob controle todos os gastos realizados ou a serem realizados. Com a situação nesse pé, ele vai poder saber com antecedência, por exemplo, o quanto vai gastar no preparo da terra, semeadura e colheita das próximas culturas de verão. Para aqueles produtores que ainda ficam meio atrapalhados na hora de levantar as despesas com o plantio da soja, do milho e do feijão, o Luís Juliani, assistente agrotécnico da Coordenadoria Agrotécnica da Cotrijuí na Regional Pioneira, elaborou um trabalho, resumido no quadro abaixo, onde mostra direitinho todas as despesas com aração, subsolagem, gradagem, semeadura, adubação, aplicação de inseticida, capina e colheita.

Este trabalho também serve de subsídio para aqueles produtores que aproveitam o maquinário disponível, depois do plantio da sua lavoura, para a realização de serviços para terceiros. Com as despesas mais ou menos sob controle, nem o produtor que está contratando os serviços vai correr o risco de pagar qualquer barbaridade e nem o prestador de serviços poderá se perder nas suas contas. É claro que estes acertos de contas nem sempre são assim tão fáceis de serem feitos, "mas o que queremos com o nosso trabalho, justifica o Juliani, é justamente simplificar os ajustes de contas pelos serviços prestados". Com todas estas informações na mão, o produtor que pretende contratar serviços de algum vizinho, já pode ir calculando o quanto vai precisar de dinheiro para pagar cada uma das operações.

OS COEFICIENTES TÉCNICOS

Na elaboração do custo hora/máquina a ser gasto com a próxima lavoura de verão, foi considerado o trabalho realizado em um hectare de lavoura, tomando por base, apenas para efeito de cálculo, valores referentes ao mês de julho. Mas como os preços dos insumos, combustíveis, salários, entre outros, estão congelados, a variação que poderá ocorrer até setembro/outubro, época de início de plantio, deverá ser mínima.

Os coeficientes técnicos do levantamento, como tempo gasto na realização de cada operação, levaram em conta informações coletadas junto ao Centro de Treinamento da Cotrijuí e em propriedades da região. Na definição dos custos de operação de cada máquina — foram utilizados um trator e uma automotriz —, também entraram os gastos com combustível, lubrificantes, filtros, conservação e reparos e depreciação. Para os implementos empregados — arado, subsolador, pulverizador, capinadeira, grade e semeadeira — além da conservação e reparos, também foram computados os gastos com o uso de lubrificantes.



O levantamento determina o custo da hora/máquina em um hectare de lavoura

O Luís Juliani considerou no levantamento de custos o uso de um trator, tamanho médio, uma automotriz e os vários implementos que aparecem no quadro abaixo. Nos cálculos de conservação e reparos, foi considerado um custo de 9 por cento sobre o valor do trator; 7 por cento para a automotriz e 6 por cento sobre o valor de cada implemento empregado. No caso da depreciação — ele considerou o trator, a automotriz e os implementos como sendo máquinas novas —, foi considerado, para valor de sucata, o índice de 10 por cento sobre o valor total das máquinas e implementos. Não entrou na formação de custos o pagamento da mão-de-obra do operador e nem a lucratividade do proprietário das máquinas, pois estas questões geralmente variam de uma propriedade para a outra, já que dependem de um entendimento entre as duas partes.

No preparo da terra foi usado um arado de quatro discos, mais uma Goble e uma niveladora para o serviço de gradeação e ainda um subsolador. A subsolagem, como é do conhecimento dos produtores, é uma operação eventual, nem sempre empregada. Ela só é usada em área excessivamente compactada.

O CUSTO DE CADA OPERAÇÃO

De todas as operações, a de custo mais elevado é justamente a última delas: a colheita. Depois de preparada a terra, feita a semeadura e adubação, combatidas as pragas e doenças, o produtor vai desembolsar, pela colheita de um hectare de soja que pode ser realizado em apenas 66 minutos, nada mais nada menos do que Cz\$ 953,78.

No trabalho de aração leve, o trator vai gastar 125 minutos. Como o custo de uma hora de trabalho está previsto em Cz\$ 121,05, o gasto total do produtor com essa operação vai ficar em Cz\$ 251,78. Na operação de gradagem serão gastos 95 minutos de serviços — 57 mi-

nutos para a gradagem com a Goble e 38 minutos para o serviço com a niveladora —. A gradagem pesada, aquela em que é utilizada a Goble, vai ter um custo de Cz\$ 134,41 e a operação com a niveladora Cz\$ 92,13. No final das duas operações o produtor terá gasto, em apenas um hectare de lavoura, Cz\$ 226,54.

O trabalho de subsolagem em um hectare — no caso está sendo considerado apenas a subsolagem leve — poderá ser realizado em 78 minutos, dando um custo final de Cz\$ 148,53. Na semeadura e adubação, o tempo gasto será de 34 minutos. Como o custo unitário pela realização da operação é de Cz\$ 197,10, o produtor te-

rá um gasto de Cz\$ 111,36 por hectare. Nas operações de pulverizações — aplicação de herbicida e inseticida — serão gastos 78 minutos — 37 minutos para a aplicação de herbicida e 41 minutos para a aplicação de inseticida. Como o custo unitário para a aplicação do herbicida é de Cz\$ 213,60, os 37 minutos de serviço custarão ao produtor Cz\$ 130,55. Na aplicação do inseticida o gasto é menor, embora o tempo da realização da operação seja maior. Como o custo por hora, para a realização de tal operação é de Cz\$ 123,90, o produtor vai ter, no final, um gasto de Cz\$ 85,18. É claro que estas despesas poderão até ser eliminadas, na medida em que o produtor for substituindo a aplicação de venenos pelo controle biológico, que não apresenta nenhum risco para a saúde e apresenta menor custo. Já não é mais nenhuma novidade que um sem número de produtores começam a trocar o veneno para o combate à lagarta da soja pelo uso de baculovírus.

Todo esse trabalho, envolvendo o uso das máquinas tem a intenção apenas de servir de orientação para o produtor. Essas operações deverão ser realizadas com as máquinas que o produtor dispõe na propriedade e o custo de cada operação pode sofrer alguma variação de acordo com as condições das mesmas e da eficiência do operador do trator. O produtor também não é obrigado a fazer todas as operações mostradas no quadro abaixo. Ele vai realizar na sua lavoura, as operações considerando o tratamento que vem dispensando ao solo. De resto, corre por conta de acertos entre vizinhos que queiram prestar serviços, aproveitando melhor as suas máquinas.

CUSTO HORA/MÁQUINA

Operação	Máquinas e Implementos	Rendimento Operação Hora/ha •	Custo/h (Cz\$)	Custo/ha (Cz\$)
Aração	Trator/Arado	2.080 (125 min)	121,05	251,78
Subsolagem	Trator/Subsolador	1.313 (78 min)	113,12	148,53
Gradagem	Trator/Goble	0,9461 (57 min)	142,07	134,41
Gradagem	Trator/Niveladora	0,6404 (38 min)	146,15	92,13
Semeadura e Adubação	Trator/Semeadeira	0.565 (34 min)	197,10	111,36
Aplicação de Herbicida	Trator/Pulverizador	0.6112 (37 min)	213,60	130,55
Aplicação de Inseticida	Trator/Atomizador	0.6875 (41 min)	123,90	85,18
Capina	Trator/Capinadeira		108,42	87,34
Distribuição calcário	Trator/distribuidor	0.646 (38 min)	328,84	212,43
Colheita	Automotriz	1.1065 (66 min)	861,98	953,78

O NOSSO NEGÓCIO SÓ DÁ CERTO QUANDO O SEU TAMBÉM DÁ.

MERIDIONAL
O BANCO COM A FORÇA DA UNIÃO



SUPLEMENTO INFANTIL
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI
Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

Passatempo

PROCURE O CAMINHO ●●●●

Esta lagartinha, quando crescer, vai virar uma linda borboleta! Mas, para isso, é preciso que ela se alimente muito bem. Marque então, com um lápis o caminho que ela deve seguir para chegar até as uvas.



PINTE
COMO
QUISER

Use todas
as cores de
sua caixa
de lápis.

Página do leite

Os alunos das 4a. e 5a. séries, da Escola Municipal Salgado Filho, de Coronel Bicaco, ao trabalharem o tema Plantação durante o mês de março, produziram os textos abaixo. A professora responsável pela coordenação dos trabalhos foi Waldemir da Silva Pinto. A Escola Municipal Salgado Filho fica na localidade de Rincão dos Júlios. Estamos publicando, também desenhos que deveriam ter entrado na edição do mês passado e que por falta de espaço não nos foi possível publicar. Um abraço. Cida.

A AGRICULTURA

O homem agricultor é o homem que trabalha na roça e que planta muitas coisas, tais como: o arroz, o feijão, a mandioca, o soja, o milho e o trigo.

Estes produtos são muito importantes para o homem. A terra que é boa não precisa de tanto adubo. Ter terra é uma coisa tão boa porque então não precisamos comprar as coisas que plantamos.

Cleonice Ribeiro de Oliveira — 4a. série

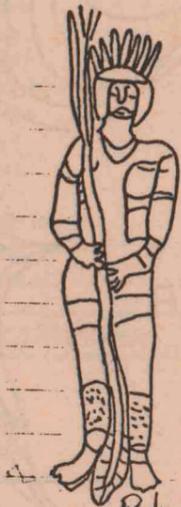
TRABALHO NA ROÇA

Para ganhar os alimentos da sua roça ou de seu campo, o agricultor precisa adubá-lo bem para obter os frutos que dela são tirados ou extraídos.

Não adianta você só gastar as forças que a terra dispõe, sem retribuir o adubo, esperando que ela dê as plantas.

Para ganhar os alimentos da terra, o agricultor tem que cultivar bem ela.

Nilson José Ribeiro — 10 anos — 5a. série



Pedro Dilson - 4ª série

A CULTURA DA NOSSA TERRA

A cultura da nossa terra está ficando pouca, ela está enfraquecendo. As plantas não estão dando bem, o milho também não.

A gente deve colocar adubos, calcário na terra para dar bastante frutos. O agricultor precisa trabalhar e produzir bastante. Deve cuidar bem da terra para colher bastante.

A soja está num preço bom.

O homem deve plantar de tudo um pouco: feijão, soja, milho, arroz, para ter de tudo, mas deve pôr calcário na terra para poder plantar e os frutos darem bastante.

Josana Fatima Chagas — 15 anos — 5a. série

A LAVOURA DA LOCALIDADE

A cultura da nossa localidade é muito boa, até agora eu achei muito boa, mesmo. A soja rende bem, o feijão, a batata-doce, a melancia, a abóbora, etc. . . Quando a terra é bem fértil, nem é necessário colocar adubo. A agricultura é muito boa para dar dinheiro e exige muito trabalho físico das pessoas que trabalham nela. A palha da soja, do feijão, do trigo, é muito boa para fazer adubo.

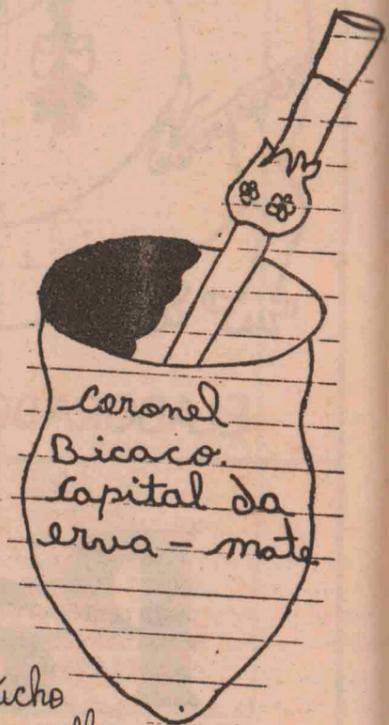
Marcia de F. Amorim — 10 anos — 5a. série

A TERRA

A terra é uma coisa muito importante para o homem. Quando chega a época de plantar é preciso cultivar a terra, lavrar, carpir, gradiar. Quando chegar a época de limpar é preciso dar duas limpas de enxada onde a capinadeira não entra. Quando chegar a hora da colheita é que a gente vai ver o resultado.

Para render a produção é preciso adubo, calcário e quando as lagartas e os cascudinhos atacarem a sua plantação é preciso passar veneno para matá-los, etc.

Edson Leandro Pfeifer — 13 anos — 5a. série



Lou gaúcho
e tenho orgulho
de viver neste rincão.
Quando chora
minha viola,
faz vibrar meu
coração.

Dulce Leia Prates - 5ª série

PLANTAÇÃO DA TERRA

As plantas nascem, crescem, florescem e se reproduzem. Elas precisam ser bem adubadas, precisam de chuva e sol para poder produzir. Sem chuva e sem sol não dá mandioca, nem feijão, arroz, amendoim.

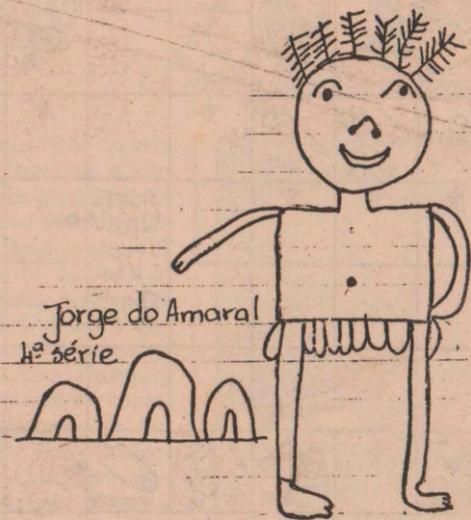
A terra sendo boa, não precisa adubo e outros preparos. Só com o sol e a chuva as plantas se desenvolvem. Também tem que cultivar a terra para dar as plantas como batata-doce, algodão, milho, etc. E também preciso calcariar a terra para dar todos os produtos plantados.

Odocia M. Martins — 13 anos — 5a. série

O HOMEM E SUA CULTURA

O homem planta o que é preciso: soja, trigo, milho, aipim, pipoca, abóbora, melancia, arroz, feijão, batatinha, batata-doce e outras coisas. Ele faz muitas coisas, como por exemplo: carpir, gradiar, e plantar a soja. Esperar crescer e carpir e depois de carpir, o homem espera secar para colher a soja e plantar o trigo. Depois ele colhe. Plantar feijão e o milho e colher, e no banhado plantar arroz, porque no molhado dá bastante, vendo muito mais. Ele colhe mais e dá até pra vender o arroz, o milho, soja, trigo e o feijão.

Clarice Ribeiro de Oliveira — 10 anos



AGRICULTURA

Agricultura é o trabalho bom. Temos que cultivar a terra muito bem para colher e dar lucro.

A terra tem que ser trabalhada com implementos de boi, enxada, arado e adubá-la quando necessário. Nesta terra trabalhada pode-se plantar arroz, feijão, trigo, batata, algodão, aveia. Depois a planta pode ser colhida com automotriz.

A roça nova é para plantar feijão porque é adubado pela própria natureza, depois de derrubado o mato pelo homem e queimado é plantado o feijão e quase sempre é colhido bastante porque esta terra ainda não havia sido plantada.

Jair Ribeiro de Oliveira — 15 anos — 5a. série

O nosso amigo Claudiocir Barcelos Teixeira, de Esquina Aparecida, Coronel Bicaco, nos mandou a ilustração e a poesia do Vinícius de Moraes, O Pato Pateta. Aqui estão a poesia e o desenho, Claudiocir. Um abraço e escreva sempre.

O Pato Pateta pintou o caneco
Surrou a galinha, bateu no marreco
Pulou do poleiro no pé do cavalo
Levou um coice, criou um galo
Comeu um pedaço de genipapo
Ficou engasgado, com dor no papo
Caiu no poço, quebrou a tigela
Tantas fez o moço, que foi pra panela.



Claudiocir Barcelos Teixeira
Esquina Aparecida - Coronel Bicaco

Em março o Cotrisolurgeriu aos leitores que escrevessem alguma coisa sobre suas escolas. Poderia ser um elogio, uma reclamação ou até mesmo uma sugestão para a escola melhorar. A única carta que nós recebemos, falando sobre este assunto foi da Adriana Szosthievicz, da Escola Almirante Tamandaré, de Ajuricaba. Ela está na 5a. série e sua professora é Heinz E. Kürchner.

Eu gosto de ir na escola. Gosto também da professora e do professor, mas alguns dias elas dão tema difíceis e a gente tem que fazer. Mas assim é bom porque nós aprendemos coisas novas. E o professor é bom para nós e também explica. Eu queria que a nossa escola fosse pintada, só que não tem dinheiro e também gostaria que tivesse papel higiênico. Os alunos jogavam bola e sujavam a parede. Agora não é mais assim. Eu gosto de todos os meus colegas e também acho que a gente tem que aprender e depois dizer para os colegas que não entenderam. Nós devemos ficar quietos, senão nós ganhamos um puxão de orelha ou um cagaço. A nossa escola tá cheia de piolhos, mas nós já estamos combatendo. Assim foi minha história. Eu escrevo com muita vontade. Um abraço para todos.
Adriane Szosthievicz — 10 anos

Adriane, nós gostamos muito da sua carta. Você mostrou que é uma menina autêntica e que sabe as coisas que quer. Nos escreva sempre. Um abraço. Cida.

